UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

MELK ANDRADE COSTA

GÊNERO E SEXUALIDADE EM GRAFITOS LATRINÁRIOS DE BANHEIROS MASCULINOS EM ESCOLAS PÚBLICAS

Recife
2025

MELK ANDRADE COSTA

GÊNERO E SEXUALIDADE EM GRAFITOS LATRINÁRIOS DE BANHEIROS MASCULINOS EM ESCOLAS PÚBLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Análises linguísticas, textuais, discursivas e enunciativas.

Orientador: Dr. Iran Ferreira de Melo

Recife

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

C838g Costa, Melk Andrade.
Gênero e sexualidade em grafitos latrinários de banheiros masculinos em escolas públicas / Melk Andrade Costa. – Recife, 2025.
139 f.; il.

Orientador(a): Iran Ferreira de Melo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Grafitos - Banheiros públicos . 2. Grafema - Banheiros públicos . 3. Gêneros (Grupos sociais) - Banheiros públicos . 4. Análise do discurso - Banheiros públicos 5. Masculinidade - Banheiros públicos . I. Melo, Iran Ferreira de, orient. II. Título

CDD 470

MELK ANDRADE COSTA

GÊNERO E SEXUALIDADE EM GRAFITOS LATRINÁRIOS DE BANHEIROS MASCULINOS EM ESCOLAS PÚBLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovado em: 25 / 02 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo (Orientador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

_____

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior (Examinador Titular Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

_____

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (Examinadora Suplente Interna)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

_____

Prof. Dr. José Amaro da Costa (Examinador Titular Externo)
Universidad Nacional de Rosario

_____

Prof. Dr. Gustavo Henrique da Silva Lima (Examinador Suplente Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu orientador, à minha mãe, ao meu companheiro e aos amigos que não soltaram a minha mão. Obrigado!

AGRADECIMENTOS

Parafraseando a banda Carne Doce, agradeço “à infinitude que me trouxe até aqui”. Foi essa força que me impulsionou mudar meus caminhos e a me dedicar intensamente ao curso de Letras na UFAPE, como se cada dia fosse o último, e me fez correr atrás da Pós-Graduação.

Em âmbito institucional, agradeço: ao meu orientador, Iran Melo, por sua gentileza e seu acompanhamento diligente durante as constantes orientações ao longo da minha jornada acadêmica; ao Núcleo de Pesquisa em Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer), onde compartilhamos tantos momentos produtivos; aos membros da banca de defesa, os professores José Amaro e José Temístocles, por todos os apontamentos e sugestões dadas, de forma tão gentil, à minha pesquisa; ao suporte de Veron e a todos os docentes e discentes do Progel, turma 2023.1 – em especial, às amigas Clarice e Maria –, que proporcionaram ótimos momentos de troca e aprendizado, em um clima institucional muito amistoso e saudável.

Agradeço à CAPES pelo fomento à minha pesquisa.

Saindo da academia, agradeço àqueles que estiveram presentes nas etapas dessa pesquisa: à minha mãe, Ângela, que sempre esteve ao meu lado em todas as etapas e me faz entender, com seu exemplo, o valor da responsabilidade; ao meu companheiro, Mário, que também esteve ao meu lado em todo esse processo, sendo a leveza que tantas vezes precisei; à minha amiga Jussara, por toda a força que já me forneceu. à minha prima Silvana, que vem me acompanhando, ainda que de longe.

Preciso agradecer a mais duas importantes pessoas nesse processo: ao sr. Marcos, pelo transporte à cidade de Recife, e à sra. Margarida, por me abrigar em sua casa durante os momentos de aula.

Por fim, agradeço à ancestralidade, ao meu passado e aos linguistas que passaram por mim durante os últimos sete anos: sem o entendimento da língua em uso e dos contextos aos quais eu fui submetido e me submeti, eu não poderia me dar conta de quem sou nesse mundo: a faculdade e o mestrado, dentro das humanidades, me mostrou que a ciência pode iluminar o nosso histórico.

Sei que posso esquecer de algum nome, por isso agradeço às amigas e amigos que se fizeram presentes! Obrigado pela força!

Onde há poder há resistência e, sem dúvida, esta nunca é exterior ao próprio poder (Foucault, 1988, p. 105).

RESUMO

A dissertação aqui apresentada, *Gênero e sexualidade em grafitos latrinários de banheiros masculinos em escolas públicas*, debruça-se sobre as produções textuais de caráter cis-heteronormativos presente nos banheiros masculinos de escolas públicas e de referência em Ensino Médio (EREM) mecanismos discursivos que compõem o discurso latrinário. Como objetivo geral, propus-me identificar os meios com os quais as diferenças entre gênero e sexualidade são negociadas e reafirmadas por meio do grafito latrinário, excluindo sujeitos com orientação sexual dissidente e, para tal, faço uso das teorias interdisciplinares dos Estudos Culturais (Cuche, 1999; Endo, 2009, entre outros), da Linguística (Soares, 2020; Vieira, 2018; Souza, 2013, entre outros), das Teorias *Queer* (Butler, 2018; Foucault, 1988, Moita Lopes, 2002; Melo, 2024) e da Análise do Discurso (Maingueneau, 1997, 2004, 2008, 2020; Orlandi, 1987, 2001, 2007, 2013; Amossy, 2011, Magalhães e Cavalcante, 2007). Como objetivos específicos, buscou-se analisar os mecanismos discursivos utilizados por (re)produtores de discursos de violência sexual contra corpos dissidentes de gênero e sexualidade e, portanto, verificamos o uso do discurso normativo nas dinâmicas que proporcionam poder e exclusão. Por meio da pesquisa, verificamos usos linguísticos disruptivos, no sentido de romper com o uso normativo do banheiro masculino; tais usos podem perpetuar diferenças de gênero, ao mesmo tempo em que possibilitam privacidade, por meio de sua heterotopia (Foucault, 2013) e de suas características de “não lugar” (Augé, 1999), estando submetido pela – e subvertendo a – escola, enquanto aparelho ideológico do estado (Althusser, 1985). Desta forma, as diferenças de gênero e sexualidade a exclusão de orientações dissidentes se fazem, nesta pesquisa, por meio dos grafitos cis-heteronormativos, reproduzindo a dominação masculina (Bourdieu, 2012). Sendo assim, por meio da análise discursiva verificamos a existência de discursos de violência contra corpos dissidentes, que se caracterizam pelo uso de elementos verbais e não-verbais, que corroboram e mantém a hegemonia masculina, ao passo que contribui com a violência contra pessoas cujos corpos são periféricos quanto à sexualidade e a gênero nos espaços investigados.

Palavras-chave: Grafitos latrinários; Escrita latrínica; Representações de gênero e sexualidade; Análise do discurso; Masculinidade hegemônica.

ABSTRACT

The present dissertation, *Gender and Sexuality in Latrine Graffiti Found in Male Bathrooms of Public Schools*, undertakes an analysis of cis-heteronormative textual productions inscribed within male restrooms of public high schools and Reference Schools in Secondary Education (RSSE), examining the discursive mechanisms that constitute what is here referred to as latrine discourse. The primary objective of this research is to identify the ways in which distinctions between gender and sexuality are negotiated and reaffirmed through latrine graffiti, particularly in manners that exclude individuals with dissident sexual orientations. To that end, this study adopts an interdisciplinary theoretical framework grounded in Cultural Studies (Cuche, 1999; Endo, 2009, among others), Linguistics (Soares, 2020; Vieira, 2018; Souza, 2013, among others), Queer Theory (Butler, 2018; Foucault, 1988; Moita Lopes, 2002; Melo, 2024), and Discourse Analysis (Maingueneau, 1997, 2004, 2008, 2020; Orlandi, 1987, 2001, 2007, 2013; Amossy, 2011; Magalhães & Cavalcante, 2007). Among its specific aims, the study seeks to examine the discursive strategies employed by (re)producers of sexually violent discourse directed at gender and sexuality dissident bodies. In this context, particular attention is paid to how normative discourse operates within power dynamics that both enable and sustain social exclusion. The findings reveal the presence of disruptive linguistic practices that, while challenging the normative function of male restrooms, simultaneously reproduce gender hierarchies. These spaces, marked by their heterotopic condition (Foucault, 2013) and their designation as “non-places” (Augé, 1999), are understood as both subordinated to—and capable of subverting—the school as an ideological state apparatus (Althusser, 1985). Within this framework, the exclusion of dissident sexual orientations and the reinforcement of gender binaries materialize through cis-heteronormative graffiti, which operate as mechanisms for the reproduction of male domination (Bourdieu, 2012). The discourse analysis undertaken herein reveals the presence of violent discourses against dissident bodies, articulated through verbal and non-verbal elements that reinforce and perpetuate hegemonic masculinity, while contributing to the symbolic and material violence directed at bodies marginalized by gender and sexual dissidence in the institutional spaces under investigation.

Keywords: Latrinary graffiti; Latrinic writing; Representations of gender and sexuality; Discourse Analysis; Hegemonic masculinity.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
EEM	Escolas de Ensino Médio
EREM	Escolas de Referência em Ensino Médio
GL	Grafito latrinário

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
2 PERCURSO METODOLÓGICO 21
2.1 Delimitação do objeto de estudo e escolha das escolas 22
2.2 Justificativa e hipóteses para o foco na produção textual de banheiros masculinos 25
2.3 Processo de coleta e sistematização dos exemplares 26
2.4 Critérios de inclusão e exclusão dos exemplares e suas categorizações 29
2.5 Procedimentos éticos 30
2.6 A Análise do Discurso enquanto campo investigativo 30
2.7 Articulação com Estudos Culturais e de Gênero 31
2.8 Limitações e desafios da pesquisa 32
3 OS GRAFITOS E A CULTURA LATRINÁRIA 33
3.1 O banheiro como espaço discursivo 34
3.2 Grafitos latrinários: definição e contexto 38
3.3 A escola enquanto aparelho ideológico do estado e sua regulação sobre os banheiros 44
3.4 O banheiro escolar enquanto espaço heterotópico e não-lugar 49
3.5 Contextualização dos grafitos latrinários no ambiente escolar do Ensino Médio 52
4 GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO LATRINÁRIO 55
4.1 Representações de gênero no espaço latrinário 57
4.2 Falocentrismo e Binariedade 62
4.3 A Heterossexualidade compulsória como produtora da Cis-heteronormatividade 65
4.4 Reificação e sexualização dos corpos 71
5 ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA AOS GRAFITOS LATRINÁRIOS 74
5.1 A escolha pela AD como método de análise 76
5.2 Abordagens teóricas relevantes para a análise dos grafitos 77
5.2.1 Interdiscursividade nos grafitos latrinários 78
5.2.2 A Lexicalização proveniente do Deslizamento de sentidos 80
5.3 A violência verbal nos discursos latrinários 84
6 ANÁLISES E DISCUSSÕES 87
6.1 Amostra A 87
6.1.1 Exemplar A1-02 87
6.1.2 Exemplar A1-03 88
6.1.3 Exemplar A1-04 89
6.1.4 Exemplar A1-05 90
6.1.5 Exemplar A1-06 91
6.1.6 Exemplar A1-07 93

6.1.7 Exemplar A1-08 94
6.1.8 Exemplar A1-11 94
6.1.9 Exemplar A1-12 95
6.1.10 Exemplar A1-14 96
6.1.11 Exemplar A2-02 97
6.1.12 Exemplar A4-01 98
6.2 Amostra B 99
6.2.1 Exemplar B1-01 99
6.2.2 Exemplar B1-02 100
6.2.3 Exemplar B1-04 101
6.2.4 Exemplar B1-05 102
6.2.5 Exemplar B1-06 103
6.2.6 Exemplar B1-07 104
6.2.7 Exemplar B1-08 105
6.2.8 Exemplar B1-10 106
6.2.9 Exemplar B1-15 108
6.2.10 Exemplar B1-16 108
6.2.11 Exemplar B2-01 110
6.2.12 Exemplar B3-01 110
6.2.13 Exemplar B3-02 111
6.2.14 Exemplar B3-03 112
6.2.15 Exemplar B4-01 114
6.3 Considerações sobre as análises 115
7. CONCLUSÕES FINAIS 121
REFERÊNCIAS 127
APÊNDICES 133
APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA 133
APÊNDICE B – AMOSTRA A 134
APÊNDICE C – AMOSTRA B 136

1 INTRODUÇÃO

A fase do Ensino Médio representa um período crucial de desenvolvimento e mudança para adolescentes. Durante esses anos, os jovens enfrentam uma série de desafios e transições fundamentais para a formação de suas identidades pessoais. Erikson (1976) descreve a adolescência como uma etapa crítica de "crise de identidade", que se constitui como "[...] um modo de vida entre a infância e a vida adulta" (*Ibid.*, p.128). Nesse período da vida, os sujeitos buscam estabelecer um senso de si em meio a expectativas demandadas pela sociedade. Essa busca é intensificada pelas rápidas mudanças físicas, emocionais e cognitivas que ocorrem durante a puberdade.

Nesse ínterim, torna-se necessário compreender como os adolescentes se expressam nessa fase de desenvolvimento. A escola, enquanto instituição central na vida dos jovens, desempenha um papel importante em fornecer suporte, orientação e oportunidades de crescimento. Porém, torna-se importante reconhecer os espaços não formais de expressão e interação que surgem dentro desse ambiente. No ano de 2022, analisei o modo como as carteiras escolares se consolidam como suportes textuais que materializam discursos diversos (Costa, 2022). Essa consolidação se repete com os banheiros escolares, vez que suas paredes e portas também suportam textos que carregam em si teores discursivos que podem abordar o modo como discentes veem o mundo e expressam suas subjetividades.

Esses espaços, algumas vezes negligenciados pela escola, demonstram ser locais para práticas discursivas, dentre elas, as produções textuais, que revelam os pensamentos dos sujeitos que ali transitam. Tais subjetividades reverberam no ambiente escolar, promovendo discursos vários, dentre eles, o de ódio a discentes com sexualidades dissidentes. Ao me deparar com essas textualidades, me vejo diante de uma realidade que me atravessa, enquanto sujeito que vivencia a homoafetividade e que, direta ou indiretamente, foi colocado em situações de exclusão e vexame em ambiente escolar. Portanto, uma das motivações desta pesquisa é a desnaturalização das situações vexatórias direcionadas às pessoas com orientação sexual dissidente, levando-se em consideração que a heterossexualidade é a norma padrão para a vida em sociedade.

Diante deste cenário, observo a importância do que Maingueneau (2020) diz ser o ato de analisar textos menos prestigiosos e mais corriqueiros; portanto, verifica-

se que toda e qualquer produção textual, seja corriqueira ou não, torna-se passível de análise. Ao me envolver com meu objeto de pesquisa, verifico a necessidade de observar os registros textuais realizados por discentes em banheiros escolares de escolas do Ensino Médio, tendo em vista o recorte temporal ao qual esses sujeitos se encaixam: o tempo vivido por esses sujeitos e a idade na qual discursos intrinsecamente ligados à adolescência se manifestam, levando-se em consideração que este período é permeado por tomadas de decisões inerentes à mudança para a fase adulta e seus próximos desafios.

Ao me voltar a essas produções textuais realizadas nos banheiros como objeto de análise, tenho a chance de analisar textos com teor discursivo liberto da censura da sociedade, ligados às questões de gênero e sexualidade, que revelam a subjetividade de discentes. É notório que os banheiros são ambientes de uso diário, necessários para a manutenção da vida humana; esses ambientes se consolidam como construções cotidianas que "[...] materializam e expressam concepções e práticas de cuidado do corpo e do meio ambiente – já que são locais de depósito de excreções – marcadas por significados de sexo e gênero" (Teixeira e Raposo, 2007, p. 1). Mas eles não são tão somente espaços voltados à manutenção do corpo. Eles funcionam, também, como esfera para circulação de discursos diversos, indicando relações de poder, dores psicológicas, gritos de resistência, preconceitos de gênero e sexualidade, propagandas sexuais diversas, revelando que o discurso latrinário possibilita um dizer espontâneo e objetivo. Tal fato gera a curiosidade e inquietação sobre o fenômeno, seja no que concerne a simples interlocução com um desses manuscritos, seja no estudo discursivo do fenômeno ou nas manifestações culturais e artísticas que os grafitos podem mobilizar[1].

Verifico, então, a necessidade de estudar esse fenômeno, considerando que não estamos tratando de um banheiro qualquer, mas um banheiro escolar. Embora seu principal uso seja semelhante ao de todos os banheiros de todas as instituições,

[1] Um exemplo de como as escritas latrínicas podem mobilizar curiosidade pode ser verificado no relato do diretor, ator e professor universitário Antônio Cadengue que utilizou os GL como tema de uma de suas peças com o Grupo de Teatro Vivencial na Recife, ao final dos anos 1970: "Minhas idas ao Diversiones são escassas no ano de 1979, mas acabam por resultar na montagem de Soy Loco por Ti Latrina, realizada com a mesma turma de alunos de João Pessoa. Este foi um espetáculo que causou enorme furor na capital paraibana e no próprio campus da universidade, por seu caráter no mínimo intrigante, já que tinha como eixo cênico os **escritos anônimos das latrinas da UFPB**. No texto do programa, escrevi que sem o Vivencial Diversiones esse espetáculo não teria sido possível. Soy Loco por Ti Latrina evidencia, de certa maneira, o quanto eu havia deglutido e depurado da estética vivencialesca" (Cadengue, 2011 – grifo nosso).

a escola possui função formadora dos sujeitos, o que dialoga, em algum grau, com a manutenção ou transgressão de usos. Outro fator importante para esta pesquisa é a separação por gêneros: é notório que a demarcação do gênero implicará em práticas semelhantes — o uso do chuveiro e da latrina para higiene corporal e excreção — e discrepantes:

> Quanto à questão da higiene dos banheiros, na nossa cultura, com algumas variações conforme o grupo sócio-econômico-cultural, os banheiros públicos são frequentemente sujos, e os banheiros masculinos são mais sujos e fétidos do que os femininos (Teixeira e Raposo, 2007, p. 1).

Então, aponto neste trabalho a existência de uma cultura latrinária fortemente arraigada nas relações concebidas pelas representações de gênero e pela sexualidade de seus frequentadores. Parto da ideia de que o banheiro possui seus próprios costumes e práticas, sejam elas biológicas e de higienização de corpos ou não.

Além disso, pela natureza anônima e privativa do banheiro, sugiro que exista uma notória necessidade dos participantes de tal ambiente em externar seus anseios, desejos, dores emocionais que se materializam em textos, tornando-se passíveis de análise discursiva mediante as ferramentas que surgiram a partir dos estudos linguísticos, enunciativos e discursivos. Para tal, o aporte da Análise do Discurso se torna um campo investigativo profícuo.

Desde que surgiu, por meio dos estudos de Michel Pêcheux, em 1969, a Análise do Discurso (AD) passou por atualizações. Ao considerar o sujeito inserido na história, com contextos próprios, a AD desautomatiza sua relação com a linguagem, considerando que os (re)produtores de discursos estão inseridos em um dado tempo e submetidos a contextos vários, carregando em si ideologias.

É neste intuito que se verifica que a AD pode revelar os teores discursivos diversos que atravessam e costuram o discurso latrinário, consolidando relações de gênero e sexualidade. Desse modo, este trabalho objetiva compreender como se dão os mecanismos discursivos que perpetuam violências contra corpos com orientação sexual dissidente, de modo a responder a presente questão de pesquisa: *quais as representações de gênero e sexualidade — e suas possíveis problemáticas discursivas — em grafitos de banheiros estudantis e masculinos de escolas de ensino médio?* Dessa forma, conto com o aporte teórico dos Estudos Culturais (Cuche, 1999; Endo, 2009), da Antropologia (Augé, 1999), da Filosofia (Foucault,

1987, 2013; Althusser, 1985) e da Psicologia da Educação (Bock, 2007; Pauluk, 2004; Campos, 1987), dos Estudos de Representações de Gênero (Butler, 2018; Foucault, 1988, Moita Lopes, 2002) e da Análise do Discurso (Maingueneau, 1997, 2004, 2008, 2020; Orlandi, 1987, 2001, 2007, 2013; Amossy, 2011, Magalhães e Cavalcante, 2007).

O objetivo da presente pesquisa se originou das experiências vivenciadas durante a realização do meu trabalho de conclusão do curso de Letras intitulado *Grafitos em carteiras escolares: uma análise textual-discursiva* (Costa, 2022). Na ocasião, analisei grafitos encontrados em carteiras escolares do 3º ano do Ensino Médio de 4 escolas públicas da região de Garanhuns–PE. Nas constatações, pude observar que discentes se utilizam da carteira escolar para veiculação de diferentes gêneros textuais, com um teor discursivo que revela particularidades da vida estudantil, tais como a insatisfação, o interesse pelo sexo, a necessidade de insultar outrem.

Dessa maneira, a partir da experiência anterior, pude observar que o fenômeno se repete nas instalações dos banheiros escolares e revelam comportamentos e discursos que podem manifestar diferentes formas de expressão, principalmente as voltadas às representações de gênero e sexualidade.

Para traçar o diferencial da presente pesquisa, realizei um levantamento de obras que tratam dos grafitos latrinários em contextos diversos. Dessa forma, segui um percurso epistêmico no intuito de elaborar o estado da arte deste trabalho, compilando tratados sobre as latrinárias ao longo das décadas. Parto, então, do estudo basilar de Barbosa (1984) e, ao fim, chego aos estudos críticos de Junior, Santos e Flores (2023). Esses pesquisadores debruçaram-se sob as inscrições das paredes sanitárias, explorando suas nuances, o que nos expõe as recorrências que unem estas investigações.

Iniciando por Barbosa (1984), percebeu-se que seu tratado sobre análise dos grafitos de banheiros públicos possui um caráter de ineditismo no Brasil. O estudioso destaca a predominância de teor sexual nas mensagens, destacando a presença majoritária dos gêneros textuais slogan e propaganda. Por meio da exaltação dos atributos sexuais, os elaboradores dos textos elevam sua própria sexualidade. Dessa maneira, percebe-se a notória associação entre os grafitos latrinários e o teor sexual, muitas vezes explícito e, em sua maioria, anônimo. E é esse anonimato, presente nos grafitos latrinários, um dos elementos principais elencados pelo estudioso. A ausência

de identificação dos autores garante que o teor discursivo possa avançar para temáticas que, na prática social corriqueira, acontecem de forma mais velada.

Damião e Teixeira (2009) focam sua pesquisa no campo das diferenças de gênero presentes nas textualidades ao explorarem ambos os banheiros, masculino e feminino. O trabalho revela que a categoria insulto predomina nos banheiros masculinos, enquanto os femininos são marcados por mensagens de romantismo. Tais resultados revelam significativas diferenças discursivas, sugerindo dinâmicas específicas para os gêneros que se caracterizam como estereótipos nos(as) usuários(as) dos banheiros públicos, revelando as representações socialmente demarcadas que permeiam esses espaços.

Utilizando-se da Psicanálise como instrumento teórico e analítico, Silva (2017) estuda os grafismos em banheiros públicos. Seu trabalho revela a predominância de conteúdos que vão desde marketing pessoal — no sentido de divulgar características sexuais marcantes no enunciador —, declaração de opção sexual — enquanto modo de se autoafirmar no ambiente latrinário —, até a propaganda de material erótico. Os resultados revelam a predominância de características sexuais que foram analisadas em suas dimensões psicológicas e identitárias.

Soares (2020) aprofunda a discussão ao analisar os discursos masculinos sobre sexualidade presentes nos banheiros de uma biblioteca presente na Universidade Federal do Acre. Seus resultados indicam a predominância do discurso sexual, especialmente em relação ao sexo oral, além de práticas homofóbicas. Seus resultados evidenciam que os temas abordados nas escritas latrínicas não são apenas reflexos das experiências individuais, mas também revelam como são as percepções sexuais coletivas da sociedade em suas dinâmicas sociais.

Por fim, Junior, Santos e Flores (2023) oferecem uma análise abrangente das escritas nos banheiros públicos da Universidade Federal de Santa Catarina, lançando mão de teorias de gênero, neomaterialismo e arqueogenealogia foucaultiana. Suas conclusões apontam para duas grandes estratégias de gendramento: a primeira, no que cinde o político e o sexual de acordo com uma distribuição entre o feminino e o masculino; a segunda, de retomada dos discursos cis-heteronormativos e de aparecimento dos discursos trans, questionando as normas de gênero e a própria diferenciação gendrada dos banheiros.

Houve trabalhos importantes que se aproximaram da proposta central desta presente pesquisa, foram eles Vilela (2017) e Cardoso & Zimmermann (2019, 2020),

porém, os autores analisaram grafitos em carteiras escolares, e não grafitos latrinários, havendo uma mudança significativa no local de circulação dos discursos. Existem, também, significativas diferenças no que concerne ao método de análise. Enquanto Vilela (2017) se utiliza da Análise de Conteúdo, Cardoso e Zimmermann (2019, 2020) utilizam-se da Análise Crítica do Discurso para chegar aos resultados de seus trabalhos.

Ao realizar o cruzamento dos dados obtidos nos trabalhos anteriores, noto a sexualidade como ponto central, revelando que, na escrita latrínica, este teor predomina. Tais estudos possuem diferentes aportes teóricos e metodológicos, além de observarem banheiros públicos de diferentes instituições. Ainda assim, verifica-se que subjaz ao grafito latrinário a sua relação com o discurso sexual, sendo esse o aspecto que mais fortemente ressoa entre os sujeitos que as produzem no ambiente latrinário.

Estes dados nos mostram que essa modalidade de escrita, em seus sentidos mobilizados nos textos, os temas de sexualidade são frequentes, principalmente no que concerne ao modo como as normas de gênero e sexualidade são concebidas na sociedade, revelando que existem problemáticas importantes. As pesquisas na área reforçam a importância do estudo desse fenômeno, pois demonstram pautas relevantes para as mulheres, tais como a reificação do corpo feminino e a misoginia; para a comunidade LGBTQIA+, tais como as trans e homofobia. Os grafitos latrinários nos elucidam não apenas as experiências individuais, mas também os matizes culturais que permeiam os — e persistem nos — banheiros públicos ao longo do tempo.

Dessa forma, a presente pesquisa se diferencia das demais por analisar grafitos oriundos de banheiros masculinos de escolas públicas do Ensino Médio localizadas nas cidades de Recife e Garanhuns, ambas localizadas no estado de Pernambuco. A escolha das duas cidades faz parte de uma análise que engloba a produção latrinária da capital e do interior, no intuito de detectar suas recorrências no estado de Pernambuco. Tenho em vista revelar resultados que possam contribuir com a conscientização do corpo discente sobre as respectivas práticas de teor sexual identificadas nos grafitos analisados, não no intuito de higienizá-las, pois presumo que as gestões das escolas já cumprem essa função, mas de identificar suas problemáticas.

A presente dissertação dispõe de sete capítulos. No primeiro, este se finaliza,

trago a introdução da pesquisa, com a contextualização do objeto e o estado da arte. No segundo, traço o percurso metodológico, de modo a elucidar os critérios de escolha dos banheiros, além dos métodos de coleta e análise dos dados. O terceiro capítulo desenvolve um estudo sobre a cultura do banheiro e sua função em ambiente escolar, considerando que o banheiro masculino possui uma cultura própria, baseada em sua estrutura e dinâmicas de gênero, e que ele é atravessado por uma estrutura maior que o abriga, a escola. Na quarta seção, faço um percurso epistêmico sobre gênero e sexualidade, passando pela representação dos sujeitos e pelas performances sexuais, chegando ao modo como as problemáticas são reveladas. O quinto capítulo traz a Análise do Discurso como aporte teórico-metodológico que embasa as análises dos grafitos, trazendo conceitos e abordagens relevantes para o estudo. No sexto capítulo, trago os resultados presentes nas análises e suas implicações teóricas e práticas no cenário estudantil. No sétimo capítulo, exponho minhas conclusões finais sobre o estudo, no intuito de promover a reflexão acerca do tema.

Sendo assim, a pesquisa traz resultados relevantes para a comunidade educacional, principalmente no que concerne ao modo como discentes expressam sua sexualidade na escola, revelando assim os possíveis motivos pelos quais eles se utilizam das paredes dos banheiros como suporte para textos. Os resultados aqui obtidos podem auxiliar o corpo docente, principalmente as supervisões pedagógicas, no processo de reflexão no – e a consequente melhoria do – ambiente escolar, além do acolhimento estudantil de jovens que estão expostos aos mais diversos contextos sociais. A análise das inscrições latrinárias nos banheiros escolares servirá como um ponto de vista para o entendimento das dinâmicas sexuais e discursivas que caracterizam essa fase crucial de desenvolvimento humano.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo detalha o caminho metodológico adotado para explorar a presença e significado dos grafitos latrinários em escolas públicas de ensino médio nas cidades de Garanhuns e Recife enquanto fenômenos sociais e discursivos relacionados ao uso da linguagem, com foco especial nos banheiros masculinos e suas possíveis problemáticas. Ao me utilizar da AD, complementada pelos Estudos Culturais, Educação e de Gênero e Sexualidade, viso desenvolver um estudo de forma a interpretar e entender o modo com o qual os grafitos latrinários refletem as problemáticas das representações de gênero e sexualidade dentro do ambiente latrinário da escola, entendendo que o banheiro masculino reproduz certos conteúdos baseados na vivência em um mundo patriarcal. Neste sentido, a Análise do Discurso torna-se um aparato importante por oferecer um campo investigativo capaz de nos mostrar as relações de poder e normas presentes nesses discursos, além de revelar as dinâmicas de exclusão e marginalização entre os adolescentes decorrentes de uma prática ideológica.

A pesquisa é qualitativa (Bauer e Gaskell, 2008; Minayo, 2007), pois ela se ocupa de significados, crenças, valores, permitindo que os movimentos de análise se aprofundem sobre tais fatores. Caracteriza-se, também, como sendo do tipo documental (Gil, 2002, p. 45). Por abordar um público alvo, o corpo discente, por meio das elaborações textuais em ambiente latrinário, a pesquisa é descritiva (*Ibid.*, p. 42), aproximando-se da explicativa (*Ibid*., p. 42), pois pretende determinar a natureza das elaborações textuais realizadas pelos discentes. A fim de explicitar os resultados obtidos, utilizo-me de figuras, quadros e tabelas, que sistematizam e organizam os dados, facilitando o entendimento do leitor.

O trabalho realizado nesta pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa de campo, o que me mobilizou esforços diligentes, enquanto pesquisador, seja na forma como redigi os documentos iniciais da pesquisa, tais como a carta de anuência (conf. Apêndice A), seja na forma como abordei as gestões das escolas em busca da autorização para pesquisa e sua posterior visita agendada. Além de facilitar o contato com as gestões das instituições, essa etapa me colocou em contato com a pesquisa, com o cronograma e com o desenvolvimento inicial do presente trabalho. A pesquisa de campo é descrita como uma etapa relacional e prática que “[...] vai e volta tendo como referência o mundo da vida” (Minayo, 2007, p. 75) e permite que o

pesquisador acesse dados autênticos e descubra aspectos que permaneceriam ocultos se não houvesse esse contato maior com as instituições escolares e com as produções textuais realizadas em seus banheiros masculinos.

Além disso, foi importante verificar a articulação entre teoria e prática investigativa, para que “as perguntas *que fazemos para a realidade*, a partir da teoria, nos forneçam a grade ou a perspectiva de observação e compreensão” (*Ibid*., p. 76, grifos da autora). Esta pesquisa, então, caracteriza-se por sua natureza exploratória e descritiva, na busca por compreender a produção textual dos discentes, analisando como a escrita latrínica nos banheiros masculinos serve como veículo para a expressão de tensões sociais e identitárias. A coleta de dados foi realizada em duas cidades de Pernambuco, Recife e Garanhuns, a fim de fornecer uma comparação entre contextos urbanos e geográficos distintos, destacando as influências culturais na produção dos discursos que contêm teor discursivo revelador sobre expressões de sexualidade e gênero.

2.1 Delimitação do objeto de estudo e escolha das escolas

O objeto de estudo desta pesquisa, o grafito latrinário, que contém expressões com representações de gênero e sexualidade, foi escolhido. Considero, então, o grafito latrinário enquanto uma Constelação de Gêneros (Bezerra, 2017) que engloba uma série de gêneros textuais, tais como o bilhete, a enquete, o poema, entre outros. Assim, o grafito latrinário se consolida enquanto uma prática discursiva situada, o que demonstra seu caráter interacional no uso da linguagem em um local que não fora projetado para tal – o banheiro.

Ao me atentar para esse uso não convencional do banheiro, verifico que contextos específicos – uso privativo do banheiro masculino da escola – podem gerar condições favoráveis para que certos discursos problemáticos venham à superfície, de forma espontânea. Trata-se, então, de uma modalidade de escrita encontrada não só em banheiros, Os grafitos “[...] estão em toda parte: nas cavernas pré-históricas, nas ruínas da Antiguidade (Grécia, Egito, Roma, Pompéia), monumentos astecas e maias etc” (Barbosa, 1984, p. 80). Estas materialidades discursivas são grafadas em quaisquer superfícies que adiram a escrita, tais como paredes, rochas, árvores, portas de banheiro, azulejos etc, o que nos revela a pluralidade de objetos que servem como suportes de escrita.

Por tratar com o ambiente latrínico, os grafitos ali encontrados são chamados de grafitos latrinários (GL). Os GL podem ser considerados “[...] veículos de determinadas manifestações culturais marginalizadas (como certos tipos de mensagens pornográficas, confissões afetivas e existenciais, slogans políticos etc.) (*Ibid,* p. 81) e cumprem um propósito comunicativo.

O banheiro masculino foi escolhido como local de produção textual, pois é notório que um ambiente frequentado por um público majoritariamente masculino, submetido a uma cultura patriarcal, gera certos conteúdos, e não outros. Verifico, então, a necessidade de análise, no sentido de compreender os mecanismos discursivos que compõem o ambiente latrinário e produzem teores discursivos que podem ser nocivos para pessoas com orientações de sexuais divergentes da norma binária, portanto, dissidentes. Assim, verifico modos diferentes de expressão identificados em banheiros femininos e masculinos:

> [...] diferenças nas escritas latrínicas em banheiros femininos (interatividade, conselhos pessoais, comentários direcionados aos relacionamentos, ratificantes de padrões conservadores de comportamentos, mais escritas que erotismo, mais elogios) e masculinos (maior agressividade, hostilidade e obscenidade, referência a homossexualidade, masturbação, uso de pejorativos, subjugando indivíduos) (Ahmed, 1981 apud Teixeira e Raposo, 2007, p. 2).

A escola pública, enquanto macroestrutura, foi escolhida, sendo essa uma instituição que promove o aprendizado de novas competências. O ensino médio se caracteriza como o período temporal no qual o discente mantém seu derradeiro vínculo com a instituição escolar. Ao analisar os grafitos presentes nesses banheiros, tenho a possibilidade de compreender como discursos desse tipo são reproduzidos e veiculados em um microambiente abrigado pela instituição escolar. Assim, o estudo dessa escrita pode proporcionar uma fonte de dados para a investigação das representações em âmbito educacional, de modo a trazer luz sobre as violências verbais que corroboram com as violências físicas comumente retratadas no nosso cotidiano. Temos, então, como premissa, a falta de uma educação que se comprometa com as relações de gênero e sexualidade, que se manifesta nas escolas sob a forma de silêncio.

Ao observar esta condição de análise, noto que não se trata de qualquer sujeito elaborador de textos. Trata-se de um sujeito:

- que transita pela fase da adolescência;
- subordinado às normas escolares;
- condicionado ao uso do banheiro masculino;
- submetido a uma sociedade patriarcal.

Dessa forma, o objeto de estudo foi delimitado, de modo a investigar as dinâmicas discursivas presentes neste ambiente latrinário[2], submetido às normas escolares, sabendo-se que, apesar dessa condição, trata-se de um ambiente privado, onde os estudantes se sentem livres para expressar seus pensamentos de forma espontânea. Dessa forma, posso adiantar um contexto propício para a manifestação de discursos que, em outros espaços, poderiam ser reprimidos.

Seguindo com a delimitação, proponho uma pesquisa que abrange diferentes contextos, portanto, a pesquisa abrangeu escolas em duas localidades distintas: Recife, a capital de Pernambuco, e Garanhuns, uma cidade no interior do estado. A escolha dessas duas cidades se baseia em suas diferenças geográficas:

- Recife, enquanto capital do estado, oferece-me um cenário onde os desafios urbanos podem influenciar diretamente a experiência escolar e, em consequência, a produção discursiva dos grafitos.
- Garanhuns, uma cidade menor, que apresenta um contexto urbano menos denso, me permite observar como a formação de discursos ocorre em um ambiente mais regionalizado.

Dentro do escopo da pesquisa, considero que ambas as cidades possuem um contexto cultural diverso, em um olhar que pretende não hierarquizar por região, mas compreender o fenômeno em localizações distintas. No momento de definição das cidades entrariam na pesquisa, foi designado que duas, que representassem contextos urbanos distintos seriam escolhidas. Sendo as duas cidades pertencentes ao estado de Pernambuco, a pesquisa pretende colaborar com os estudos locais sobre gênero e sexualidade nas escolas do estado ao qual essa pesquisa se vincula. Para tal, possíveis ações serão tomadas após a defesa da pesquisa, tais como a elaboração de materiais didáticos: cartilhas, capítulos de livro, entre outros.

[2] Considero que o banheiro masculino não é, tão somente, utilizado por homens cis. É notório que o ambiente pode ser utilizado por pessoas transgêneros e não-binárias.

Na fase de visitação às escolas de cada cidade, consegui a coleta em quatro escolas da cidade de Recife e mais quatro da cidade de Garanhuns; a princípio, o número seria estendido para um número maior: dez escolas de cada cidade foram visitadas, com a finalidade de conseguir uma amostra mais representativa do fenômeno. No entanto, muitas das escolas haviam passado por reformas recentes, o que incluiu a pintura dos banheiros, impossibilitando as coletas. Após a coleta, e por não atenderem aos critérios de delimitação de objeto de pesquisa, alguns exemplares foram excluídos, sendo assim, uma das escolas da região de Recife ficou de fora da análise, restando três. Na região de Garanhuns, a quantidade de escolas manteve-se a mesma.

2.2 Justificativa e hipóteses para o foco na produção textual de banheiros masculinos

A escolha dos banheiros estudantis masculinos como foco principal desta pesquisa é fundamentada pelo fato de esses espaços funcionarem como locais privados dentro das escolas. Sendo assim, escolhi lidar com produções textuais de sujeitos frequentadores de banheiros masculinos, levando-se em consideração a hipótese de que existem formações discursivas e ideológicas que norteiam as relações de gênero; tais formações, quando voltadas ao sujeito do sexo masculino, sem uma educação sexual norteadora das relações de gênero na sociedade, pode (re)produzir preconceitos e violências histórica e socialmente instaurados, tais como os discursos de ódio às manifestações de orientações sexuais dissidentes.

No contexto da escola, essas textualidades são encaradas como pichação e depredação. Ao diferenciar o grafito – arte urbana – do grafite – inscrições textuais propositalmente desvinculadas da arte, verifico que há uma lógica em considera-lo uma pichação. No objetivo da pesquisa, os elaboradores dos textos são encarados como sujeitos que ofendem, que tornam abjetas os sujeitos com orientação sexual homoafetiva. No entanto, esta dissertação não tem como objetivo atacar autores de textos ofensivos. Pretendo, por meio dos resultados observados, trazer luz ao tema, mostrando que, para cada texto escrito em uma parede, existe uma motivação: a ausência de políticas públicas e educativas voltadas às questões de sexo e gênero que busquem promover a igualdade e o respeito. As pessoas são assujeitadas em

algum grau à cultura e às práticas discursivas às quais estão submetidas. Partindo dessa premissa, podemos pensar numa sociedade mais inclusiva, a partir do momento em que agimos no intuito de romper com as estruturas que sustentam a homofobia, a violência de gênero, o racismo, entre tantas outras violências cotidianas.

Então, existem diversos fatores que proporcionam uma escrita sem filtro: o anonimato dos sujeitos, a privacidade evocada pelo uso do banheiro etc. Assim, os homens, se sentem à vontade para expressar seus pensamentos. Esses locais se apresentam como um ambiente propício para a escrita latrínica, que frequentemente revela dinâmicas de poder entre os gêneros.

Os GL possuem características específicas que refletem não apenas a natureza dos discursos ali presentes, mas também como esses discursos são (re)produzidos. No que concerne ao conteúdo, eles frequentemente contêm mensagens de caráter sexualizado. Os textos são, majoritariamente, anônimos, o que facilita a reprodução de preconceitos e normas de opressão contra aqueles que não se conformam com a imposição de padrões de masculinidade e virilidade que culturalmente foram instaurados em nossa sociedade.

Em termos de forma, os grafitos analisados utilizam mais o texto verbal, mas alguns continham elementos não-verbais, que foram analisados de acordo com seu sentido mobilizado, cristalizado na sociedade, indo às mensagens textuais curtas que envolvem xingamentos, anedotas e comentários sobre a sexualidade e órgãos genitais, próprios ou de outrem. Considera-se, também, o uso de palavras de uso vulgar nas representações de gênero – “bixa” e “viado” por exemplo – e de órgãos sexuais – “pica”, “rola”, “tabaca” etc. A escolha lexical, juntamente com o uso de símbolos fálicos, mostra a presença de um discurso dominante, masculinista, que pode se impor através da submissão de outrem.

2.3 Processo de coleta e sistematização dos exemplares

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada para garantir a integridade das informações obtidas. Sendo assim, a realizamos *in loco*, respeitando os procedimentos éticos e metodológicos necessários para a documentação dos grafitos latrínicos de maneira sistematizada e confidencial, considerando-se que tratamos com o banheiro masculino de escolas, um ambiente autêntico, produtor de, para além de práticas solitárias de higienização, práticas discursivas.

As coletas foram realizadas durante os meses de abril, maio e junho de 2024. Ao escolher o local de coleta, reflito sobre a possibilidade de representar uma dada comunidade. Dessa maneira, pude notar que, ao me focalizar na cidade de Recife, lido com uma cidade com população cosmopolita, localizada geograficamente no litoral de Pernambuco, que possui a quantidade de 1.488.920 habitantes[3], que vive os desafios de uma metrópole em suas particularidades. Empírica e culturalmente, infiro que existem algumas possibilidades inerentes às cidades cosmopolitas, tais como:

- escassez de transporte público;
- sensação de insegurança;
- alta densidade populacional;
- custo de vida elevado;
- pressão financeira e início da vida profissional.

Na ocasião, foram abordadas um total de dez escolas na cidade de Recife, das quais cinco colaboraram com a pesquisa, havendo a negação por parte das outras, que alegaram ter passado por reformas, ou não concordar com o tipo de pesquisa. Escolhi a quantidade de 10 escolas pela possibilidade de abarcar uma maior quantidade de exemplares e, consequentemente, conseguir maior representativade sobre o fenômeno. Das cinco escolas, quatro possuíam inscrições no banheiro masculino, as quais foram coletadas. No processo de ajustamento ao tema de estudo desta pesquisa, os exemplares de uma das escolas foram retirados, pois não estavam de acordo com a delimitação, portanto, não apresentavam a temática de representação de gênero e sexualidade, restando apenas os exemplares de três escolas. Quanto à localização, duas das quatro escolas abordadas e analisadas se localizam numa área periférica da cidade, enquanto uma se localiza numa área mais central.

Ao lidar com a cidade de Garanhuns, noto que se trata de uma cidade de porte menor, situada geograficamente na região do agreste meridional do estado de Pernambuco, que possui menor densidade populacional. Segundo dados do IBGE[4], a

[3] Segundo dados do site do IBGE, disponíveis em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/recife.html
[4] Dados disponíveis em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/garanhuns.html

cidade possui 142.506 habitantes, numa pesquisa datada do ano de 2022. Também de forma empírica e cultural, posso citar algumas possibilidades mais marcantes[5]:

- transporte público mais eficiente;
- sensação de insegurança reduzida;
- menor densidade populacional;
- custo de vida diminuído em comparação ao da capital;
- pressão financeira e início da vida profissional.

A cidade de Garanhuns apresentou mais desafios no decorrer da pesquisa. Também foi definida a quantidade inicial de dez escolas para coleta. Durante o período de maio, estipulado para as visitas, a maioria das escolas passou por reformas recentes, com pintura padronizada pela atual gestão do governo do estado. Dessa forma, a coleta ficou comprometida, provocando o atraso do cronograma original, que se estendeu até o início do mês de junho, na busca de mais escolas. Das escolas visitadas, quatro delas possuíam exemplares favoráveis à análise, sendo duas delas em locais centrais e outras duas em locais periféricos.

Os principais instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram o registro fotográfico e o aplicativo de Fotos do sistema *iOS*. O registro fotográfico foi realizado com uma câmera de smartphone da marca *Apple*, modelo 11. Cada imagem foi tratada para melhorar sua legibilidade, através da ferramenta de recorte do *app* Fotos*,* do *smartphone*, preservando a autenticidade dos dados coletados. Em seguida, as imagens foram arquivadas em pastas no drive em nuvem *Google drive*[6], numa conta criada para garantir que os arquivos não seriam perdidos. Foram feitos vídeos dos ambientes nos quais os grafitos foram coletados, para manter a confiabilidade dos exemplares, que também podem ser conferidos no drive.

No que concerne à sistematização do corpus, dividi os exemplares em duas amostras: amostra A, com 12 exemplares coletados na cidade de Recife, e amostra B, com 15 exemplares coletados na cidade de Garanhuns. Os exemplares foram nomeados da seguinte forma: inicial da amostra + número que indica a escola em que foi feita a coleta + número que indica a ordem da coleta.

---

[5] É notório que algumas cidades de interior possuem portes diferentes, tendo maior densidade populacional e, muitas delas possuem porte de capitais de estados. Porém, no contexto da pesquisa, a cidade de Garanhuns se mantém no status de cidade de médio porte.

[6] O drive com os registros fotográficos e em vídeo pode ser acessado no drive: https://drive.google.com/drive/u/1/folders/16aKBAMvYD_f9qdkh6tHj803GumjtyfPk

Na sistematização do corpus nos arquivos, foi aberto um arquivo .docx para cada amostra (conf. Anexos A e B). Cada arquivo possui uma tabela, indicando o exemplar, a transcrição e a descrição do exemplar, além da mobilização de sentido dos enunciados na prática social, indicando uma análise prévia seguida de categorizações que serão explicadas abaixo.

2.4 Critérios de inclusão e exclusão dos exemplares e suas categorizações

Ao sistematizar o corpus, adotei critérios de inclusão e exclusão de grafitos, definidos de modo a garantir a representatividade e a relevância dos exemplares analisados. Foram incluídos na pesquisa apenas os grafitos que apresentassem conteúdo relacionado a temas de sexualidade e representações de gênero.

A princípio, todos os grafitos verificados nos banheiros das instituições foram coletados. Após a coleta, foram feitos movimentos de inclusão ou exclusão de exemplares. Grafitos que não mobilizassem sentido, que não apresentassem relação direta com os temas investigados, que estivessem com seu enunciado ilegível, ou que tivessem apenas símbolos e desenhos sem carga discursiva relevante, foram excluídos da análise. Dessa forma, foi possível concentrar a coleta e a análise nos discursos que revelassem dinâmicas sexuais e de gênero entre discentes no ambiente escolar.

Assim, escolhi grafitos que tivessem conteúdo discursivo de representação de gênero e sexualidade, ainda que estivessem borrados, parcialmente legíveis, mas que fossem passíveis de interpretação e análise. Grafitos que expusessem endereços de e-mail ou redes sociais, telefones, nomes completos, entre outras informações íntimas, foram excluídos das amostras que compõem o corpus.

Ao priorizar os conteúdos citados para a pesquisa, pude categorizar os exemplares conforme as ocorrências identificadas. Assim, sistematizei os exemplares em tabelas que consideravam sua função comunicativa – o propósito do autor na elaboração do texto – e seus efeitos comunicativos – o sentido mobilizado pelo interlocutor dentro da prática social. Exemplo:

Tabela 1 – Exemplar sistematizado no arquivo do corpus

N.º	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo

A1-02		“XVIdeo.com”	Propaganda sexual	Ambíguo

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

Então, as categorias observadas na seção de análise desta dissertação buscam, também, trazer as maiores recorrências em discursos veiculados por discentes frequentadores do banheiro masculino, que propagam ideologias sobre gênero e sexualidade.

2.5 Procedimentos éticos

A pesquisa seguiu os procedimentos éticos que caracterizam a pesquisa científica, assegurando a confidencialidade dos participantes e das escolas envolvidas. Para proteger a privacidade dos ambientes escolares, as escolas foram identificadas apenas por números, como "Escola 1", "Escola 2", e assim por diante. Nenhuma informação pessoal foi coletada ou divulgada, garantindo o anonimato dos envolvidos. Os nomes e apelidos presentes nos exemplares, não são identificáveis. Não possuem sobrenome e, nenhum telefone, e-mail, ou endereço, foi divulgado nos exemplares analisados.

As imagens coletadas foram obtidas com a devida autorização dos gestores das escolas, mediante assinatura de consentimento na carta de anuência (conf. Apêndice A). Além disso, todas as etapas da pesquisa foram realizadas com o cuidado de não expor direta ou indiretamente os autores dos grafitos, assegurando que os dados fossem tratados de forma ética e responsável, conforme as diretrizes acadêmicas de pesquisa científica.

2.6 A Análise do Discurso enquanto campo investigativo

A análise dos dados coletados foi conduzida a partir da Análise do Discurso (AD), focando em como os grafitos latrínicos revelam as dinâmicas de poder, gênero e sexualidade no ambiente escolar. Os procedimentos envolveram a identificação dos processos de lexicalização, interdiscursividade e as relações de poder inerentes aos discursos expressos nos grafitos. Sendo parte de uma abordagem qualitativa, a AD me permitiu aprofundar a interpretação a dos fenômenos discursivos que emergem nos banheiros masculinos das escolas públicas.

A AD, então, se constitui enquanto um instrumento para entendermos como os discursos são constituídos histórica e socialmente, refletindo sobre como se normatizam as identidades e os comportamentos de jovens discentes. Ao utilizar este método de análise, pretendo revelar os mecanismos pelos quais os discursos sobre representações de gênero e sexualidade se materializam e se articulam como expressões de poder no contexto escolar.

2.7 Articulação com Estudos Culturais e de Gênero

A abordagem metodológica da AD, nesta pesquisa, é complementada pelos Estudos Culturais (Cuche, 1999; Endo, 2009), e de Representações de Gênero e Sexualidade (Butler, 2018; Moita Lopes, 2002; Louro, 2007; Melo, 2024; entre outros), que me fornece o arcabouço teórico para a compreensão das questões de identidade, poder e sexualidade, e de como elas se manifestam pelo – e no – discurso. A interseção entre a AD e esses campos de estudo me permite a análise do grafito latrinário, ao passo que me faz compreender como as construções culturais norteiam nossas práticas sociais, dentre elas, o modo como a sexualidade se constituiu segundo as normas binárias. Sendo assim, utilizo-me dos seguintes termos:

> Para a relação gênero-desejo, obrigatória na matriz, utilizamos o termo '**heterossexualidade compulsória'**, pois ele indica [...] [uma] relação prescritiva e que que [se] propaga no imaginário das pessoas. Para a relação triádica corpo-gênero-desejo típica da matriz [colonial de sexo-gênero], usamos **'heteronormatividade'**, que é o conjunto ético moral de práticas que propaga essa busca incessante pela oposição entre corpos [...] muitas pessoas chamam de '**cis-heteronormatividade'** [...] (Melo, 2024, p. 113, grifos do autor).

Os estudos de gênero me ajudam a investigar como as normas heteronormativas são inscritas e naturalizadas no ambiente escolar, enquanto os estudos culturais me oferecem ferramentas para contextualizar essas práticas em

uma dinâmica social. Dessa forma, posso refletir sobre como a cultura latrinária reforça e mantém as questões de gênero há muito tempo consolidadas no cotidiano da humanidade. A pesquisa não apenas visa a análise dos GL enquanto textos, mas também me (nos) mostra como as práticas culturais e discursivas refletem relações de poder e exclusão dentro da escola (Nunes e Paulino, 2013; Teixeira e Raposo, 2007).

2.8 Limitações e desafios da pesquisa

A pesquisa enfrentou algumas limitações e desafios que influenciaram o processo de coleta e análise dos dados. Desde o impedimento ao acesso aos banheiros das escolas, às recentes reformas dos ambientes promovidas pelo governo do estado, juntamente com as gestões das escolas. Percebeu-se que, para além da sensibilidade do tema, existe uma tendência – sob a forma de alerta à comunidade discente – à higienização desses espaços sem que haja a elaboração e disseminação de políticas de educação sexual e de gênero nas relações entre os adolescentes e suas questões subjetivas e identitárias.

3 OS GRAFITOS E A CULTURA LATRINÁRIA

Neste capítulo, farei uma incursão sobre os grafitos no ambiente latrinário, ambiente esse que possui seus próprios moldes culturais, forjados ao longo dos tempos. Dessa maneira, torna-se importante frisar que nem toda sociedade foi formatada no formato binário de gênero. A arquitetura latrínica moderna, a que comumente usamos nos dias de hoje, tem origem em um molde ocidental/binário que, como veremos, desconsidera as demais manifestações de gênero e sexualidade dos sujeitos.

Assim, realizo um movimento de entendimento do ambiente latrinário e de tudo o que ele mobiliza, para tal, utilizo-me dos conceitos dos Estudos Culturais (Cuche, 1999; Endo, 2009), da Antropologia (Augé, 1999), da Filosofia (Foucault, 1987, 2013) e da Psicologia da Educação (Bock, 2007; Pauluk, 2004), observando como a linguagem se constitui nesses ambientes, além de conceituar o termo, contextualizando-o com a Escola. Nesse momento, torna-se válido refletirmos sobre a etimologia e pelo percurso da palavra **cultura**. É nos estudos de Cuche (1999, p.19 - 20) que encontramos o caminho primordial desse verbete que tem origem latina na palavra *colore,* que originou a palavra cultura. Sua primeira significação diz respeito ao ato de cultivar, mais ligado à agricultura e cuidado, significado este que perdurou até o século XVI. Foi a partir da metade do século XVI que a palavra cultura passou a ser utilizada no sentido mais metafórico, sendo seu significado consolidado a partir do século XVIII, relacionando-se ao esforço humano em desenvolver as faculdades do ser, tendo a arte e as expressões artísticas como produções culturais. Fala-se, então, nas culturas das artes, das letras, da filosofia etc.

Outra definição trazida por Edward Burnett Tylor (1871 *apud* Cuche, 2002) é a de que:

> [...] cultura e civilização, tomados em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (*Ibid.,* p. 35).

Verifica-se, aqui, a presença dos costumes de um povo como algo cultural e, dessa forma, não podemos dissociá-los dos conceitos trazidos por Taylor, já que eles se constituem de forma colaborativa e indissociável, o que liga um elemento ao outro, promovendo então um conceito maior de cultura do que aquele somente ligado à arte

e ao uso do intelecto. É nesse sentido que os grupos sociais se formam, por meio de hábitos em comum. Então, pode-se pensar em um:

> [...] conceito de cultura para além do campo das belas-artes, tomando-o no sentido antropológico mais amplo de invenção coletiva de símbolos, valores, idéias e comportamentos, de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres culturais e sujeitos culturais (Chauí, 1995, p. 81).

Ao me voltar à produção cultural dos sujeitos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem, vejo-me diante das diversas linguagens mobilizadas para que tal cultura se forme. Sendo assim, se torna viável pensar num sujeito cultural que se constitui na linguagem. A princípio, ela é realizada por um ser que pretende se integrar ao meio social e aos grupos, tendo em vista que somos sujeitos sociais, que dependemos uns dos outros na prática discursiva; em segunda instância, esse sujeito se afina com o pensamento grupal; em um terceiro momento, significa essa mensagem por meio de – e na – linguagem. Nesse contexto, o uso da linguagem, especialmente a que subverte os meios convencionais de escrita, torna-se o objeto deste estudo advindo de uma prática cultural entre alguns usuários de banheiros públicos: o ato de grafitar e escrever em paredes, portas etc.

É nesse sentido que a linguagem se constitui nos banheiros de forma subversiva e disruptiva, pois, à medida que subvertem o local onde comumente se fazem as higienes e excreções corporais, os sujeitos rompem com uma cultura há muito determinada. A linguagem ali se faz de maneira inusitada frente à função instaurada pelo local e sua estrutura, o que veremos na próxima seção. No caso do banheiro masculino, percebe-se a necessidade de pertencimento por meio de uma linguagem compartilhada, que se encaixa em padrões cis-heteronormativos de preconceito e autoafirmação. A seguir, proponho uma definição do banheiro enquanto espaço de prática social.

3.1 O banheiro como espaço discursivo

As sociedades criam costumes variados para determinadas ocasiões da vida humana, ocasiões que são comuns e, em certos casos, não são percebidas, já incorporadas e estabelecidas nas atividades dos indivíduos, como um sistema. Assim, as ações de comer, educar, brincar, limpar, expelir e higienizar estão enraizadas em

conceitos políticos e socioculturais que são criados a partir de conceitos políticos e socioculturais que, ao serem inseridos nas interações humanas, engendram ideologias e práticas variadas que reforçam as relações de poder dentro e fora das esferas discursivas estabelecidas.

Durante a modernização da arquitetura das instituições, os banheiros foram criados para esconder a ação de expelir resíduos fisiológicos que, em tempos anteriores, eram descartados ao ar livre. Segundo Vilar (2020), vestígios arqueológicos revelam que antigas civilizações como Índia, China, Egito, Grécia e Roma já possuíam latrinas públicas ou privadas, usadas para a eliminação de dejetos. Ainda segundo o estudioso, nas cidades romanas, as latrinas públicas eram comuns, muitas vezes compartilhadas por várias pessoas em locais abertos, onde até havia socialização. Enquanto os romanos desenvolveram banhos públicos, outras culturas, como a grega e a egípcia, tinham práticas higiênicas diferentes e menos voltadas para espaços públicos.

É nessa relação entre os sujeitos e seus corpos dentro do ambiente que algumas questões sobre o sexo se constituem como empecilho para que os ambientes sejam constituídos como locais abertos e mais públicos. Vilar (2020) nos diz que, com o avanço do cristianismo, os banhos públicos foram associados à luxúria e pecado, o que levou à proibição de banhos regulares na Europa durante a Idade Média. Tal fato parece não ser levado em consideração no Japão, onde o cristianismo não avançou. Lá, os banhos públicos em águas termais se mantêm ainda hoje, seja na conservação da cultura ancestral, seja na manutenção do espaço como lugar para higienização, socialização e relaxamento. Segundo o site Japan Travel:

> No Japão, os banhos públicos são chamados de sento e têm uma história secular. Embora os banhos públicos tenham sua origem no século VI, casas de banho se tornaram populares durante o período Edo (1603-1868). Naquele tempo, os lares não tinham banhos privados, então cada bairro tinha um banho público. Desde então, esse espaço comunitário continua a ser um marco da cultura balnear no Japão.

Verifica-se, assim, que a forma como os banheiros funcionam se constituem e se mantêm de acordo com a cultura do local. Então, nesses moldes, vivenciamos o processo colonialista que nos trouxe inovações arquitetônicas úteis para aprimorar as condições de higiene física. No entanto, é importante notar que tais dispositivos tecnológicos, voltados para a higiene e eliminação de resíduos, não são neutros e, portanto, mantêm práticas já estabelecidas que representam a cultura latrinária. Essa

cultura criada surge dos processos de higienização do ato de expelir. Segundo Barbosa (1984, p. 66-67), a realização das necessidades fisiológicas já era condenada na Bíblia, obrigando os indivíduos a adotar comportamentos que ocultam o ato em si, como enterrar o próprio excremento. Diante do ato de esconder, percebeu-se o lugar que o banheiro ocupa nas residências, tornando-o, um espaço estrategicamente escondido dos nossos sentidos corpóreos: da visão, ao afastá-lo dos locais de circulação; do olfato e o tato, ao dispormos de águas correntes em locais específicos, para lavá-los; a audição, por meio de descargas silenciosas (*Ibid*, p. 66).

A reflexão sobre a arquitetura do banheiro nos revela que eles são geralmente fechados por portas com trancas e divididos em duas áreas distintas: a privada com a pia, responsável pela excreção e higienização das mãos, rosto e boca, e o chuveiro, que possibilita a limpeza completa do corpo. Neste caso, me refiro aos banheiros de residências, que seguem um padrão. Esses banheiros, na sua grande maioria, são unissex, divididos entre famílias. Essa descrição reforça a ideia de que o banheiro foi concebido para restringir o que, de fato, tornou-se inaceitável em ambientes públicos. Assim, o ambiente coloca o indivíduo em contato com as práticas particulares requeridas por sua própria vivência e com tudo o que envolve suas dores, sua sexualidade e suas demandas emocionais e sociais.

Ao retornar aos banheiros públicos, constato que eles estão ajustados às normas sociais e culturais impostas pela macroestrutura que os cerca. Sendo assim, observo que eles possuem regras de uso: ao propiciar momentos solitários e introspectivos, favorecem a subversão de sua regra institucionalizada. Banheiros de rodoviárias, metrôs e centros comerciais, por exemplo, têm uma estrutura menos fiscalizada, o que favorece uma maior utilização de seus usuários para encontros sexuais, para a manifestação de dores, para práticas consideradas ilegais, como o tráfico. Assim, percebe-se que os banheiros, tanto no uso considerado adequado pela sociedade quanto na subversão desse uso, possuem uma linguagem própria.

Os banheiros também cumprem papel de socialização entre indivíduos por meio da utilização dos ambientes nas práticas sociais. Não raro, veremos os banheiros de boates, empresas, instituições de ensino, como locais utilizados para a confissão por meio de segredos ou de conversas informais sobre algo que, publicamente, não seria normalmente dito – o banheiro cumpre a função de lugar confessional, por evocar a privacidade. Exemplos desse fato são encontrados na literatura e nas artes: na sitcom clássica Seinfeld (Série de TV, 1989-1998), o banheiro

é frequentemente abordado como um local onde os personagens se encontram para conversas íntimas e confissões. O banheiro de Jerry Seinfeld, personagem principal da série Seinfield, se transforma em um ambiente onde os amigos discutem seus relacionamentos e situações constrangedoras.

Imagem 1 – Personagem Jerry Seinfield da série de comédia Seinfeld

Fonte: Disponível em https://www.reddit.com/r/seinfeld/comments/sy98fw/besides_not_washing_this_dirty_man_had_the/?rdt=34655

Dentre as possíveis situações, Barbosa (1984) nos diz que o banheiro se torna palco para várias outras interações sociais, tais como encontros íntimos. O próprio GL emerge como uma das formas de interação, com teores diversos, desde o momento político ao qual o país se encontra, passando por questões religiosas, até chegarmos na temática de sexo e gênero. É na construção do banheiro que se encontram linguagens e maneiras de consolidar as discrepâncias entre gêneros. Culturalmente, se instala o “bio-poder nos banheiros públicos” (Cicconetti, 2019, p. 57). Segundo a pesquisadora, este bio-poder se utiliza de placas, letreiros e imagens que representam os gêneros feminino e masculino nas portas dos banheiros para regular os corpos, uma prática que se legitima por ser executada em um local institucionalizado – banheiro público – e agentes que possam reproduzir a prática. Por meio dessa cultura do banheiro, é possível notar a delimitação das fronteiras da sexualidade humana através da sistematização dos comportamentos dos indivíduos, além do constante apagamento das orientações sexuais diversas, como as de pessoas não binárias, e a recusa de acesso aos banheiros femininos e masculinos para pessoas transgêneras. Isso é evidenciado ao observar o que Alves, Moreira e Jaime (2021, p. 7) nos diz ser

a prática cis-heteronormativa de atribuir banheiros masculinos e femininos com base exclusivamente na genitália.

Além disso, é evidente o descuido institucional que afeta a comunidade de pessoas com deficiências físicas e motoras, especialmente os cadeirantes. Isso é evidenciado por Alves, Moreira e Jaime (2021, p.13) ao ilustrar que, na linguagem utilizada em placas, uma suposta “assexualidade” da PCD é apresentada de maneira discriminatória, o que reduz o sujeito à sua deficiência física-motora. Nesse sentido, as representações de gênero dos sujeitos com deficiência passam pela invisibilidade da manifestação de sua sexualidade. Tal fato se dá por meio de uma espécie de “neutralidade” de gênero presente nas placas, que retratam, somente, a figura de uma pessoa sentada em uma cadeira de rodas, sem o gênero explicitado.

Então, observo que os banheiros se tornaram lugares que evocam a privacidade forçada por uma prática higienista, que não pretende tão somente limpar os resíduos e secreções humanas, mas também pretende definir gêneros pela ótica da cisbinariedade, consolidando relações de poder que revelam o patriarcado como forma regente desse sistema: o banheiro se torna a materialização desse aparelhamento ideológico que assujeita as pessoas que ali transitam.

Em outra mão, percebe-se que a agência de tais pessoas por meio da subversão dessas regras instituídas, seja por meio das lutas das pessoas transgêneras por acesso livre a esses espaços, seja através das reivindicações de pessoas não-binárias em busca de banheiros próprios para seu uso, ou mesmo através das simples práticas que subvertem a prática de higienização em seu caráter mais literal, por meio do uso de linguagens diferentes da usual, tais como as inscrições latrinárias em portas e descargas, vocalizam insatisfações, sejam elas de ordem institucional ou de ordem pessoal, que não devem ser ignoradas. Os banheiros são “[...] mais do que simples lugares destinados às nossas necessidades fisiológicas, portanto naturais do ser humano, é um espaço no qual se transgride” (Nunes e Paulino, 2013, p. 4).

3.2 Grafitos latrinários: definição e contexto

Antes de conceituar o GL, torna-se importante pensá-lo enquanto artefato cultural que remonta a épocas rudimentares, onde o único modo de registrar pensamentos era o de riscar, rabiscar, tentar descrever um acontecimento por meio

do uso objetos que grafavam. Dessa forma, o grafito deve ser vinculando aos primeiros usos de materiais de suporte e de instrumentos de escrita (objetos cortantes ou que soltam tinta, tais como pedras, carvão, entre outros): “[...] a palavra *grafitti*, de origem italiana, faz referência ao registro ou desenho de épocas antigas, grosseiramente riscadas com materiais pontiagudos ou carvão, em rochas, paredes, vasos” (Vilela, 2017, p. 53, grifo do autor).

Percebe-se então que o contexto histórico e social dos grafitos latrinários remonta aos tempos antigos, onde inscrições em paredes eram uma forma primordial de comunicação, cumprindo uma função extremamente importante para o advento da escrita e das artes. O simples grafito, desconsiderando o banheiro como local de produção, remonta aos tempos antigos, como a antiga arte de registrar um acontecimento, de contar alimentos, de repassar uma história, podendo ser encontrados em sítios arqueológicos como uma forma rudimentar de escrita.

E foi por meio do uso dos grafitos que se percebeu um dos fatores da evolução humana, já que a necessidade de registrar os pensamentos, para que eles não se percam, é uma realidade. Todo um legado cultural teria se perdido não fosse a evolução dos meios de escrita, que tiveram um ponto inicial no uso dos grafitos em registros rudimentares. Endo (2009, p. 10) nos diz que a arte rupestre é uma codificação simbólica e cultural desenvolvida por uma tribo, que carrega em si a necessidade do homem de tornar gráfica uma mensagem.

Dessa forma, podemos pensar em produção cultural enquanto conhecimento e sua necessidade de tornar a memória palpável, assim como Harari (2013, p. 125) nos revela:

> [...] grandes sistemas de cooperação que envolvem [...] milhões de seres humanos, requerem o manuseio e o armazenamento de quantidades enormes de informação, muito mais do que um único cérebro humano pode conter e processar.

A evolução da humanidade permitiu o desenvolvimento da escrita para além do que apenas a oralidade oferecia. É nesse sentido que se observa que “o simbolismo gráfico beneficia, relativamente à linguagem fonética [...]: o seu conteúdo exprime, nas três dimensões do espaço, o que a linguagem exprime na dimensão única do tempo (Pauluk, 2004, p. 4). O desejo de tornar gráfica uma mensagem demonstra o quanto os sujeitos estão comprometidos com a linguagem em todas as instâncias da vida humana, deixando sua condição de indivíduo e participando ativamente desde a antiguidade.

Ao conceituar o grafito latrinário, Beltrão (1980, p. 221) nos diz que eles são:

> [...] inscrições, pinturas e desenhos toscos, traçados por pessoas geralmente não-identificadas, em paredes, árvores e outras superfícies mais ou menos duras e utilizando lápis, carvão, tintas, estiletes e outros objetos pontiagudos, com finalidade de transmitir mensagens aos transeuntes ou usuários dos locais em que se encontram gravados. A palavra vem do italiano *graffito* e tem origem greco-latina: *graphein* (escrever) e *graphium* (gravado em estilete).

Sendo assim, verificamos que, enquanto a escrita latrínica refere-se a qualquer produção escrita no interior do banheiro, seja ela típica ou inserida, o GL torna-se qualquer produção manuscrita no interior do banheiro, que carrega, em sua mobilização de sentido, determinados discursos que são produzidos em banheiros – discursos latrinários – sejam aqueles considerados típicos do banheiro, tais como placas de indicação dos banheiros binários, ou textos considerados inseridos lá, como avisos. Os discursos latrinários, por sua vez, são constituídos por uma gama de interdiscursos, sendo os mais notados os de caráter sexual.

Ao me voltar ao modo com o qual eles são elaborados, percebo que eles são realizados por meio do uso de canetas, lápis, objetos cortantes, corretivos escolares, ou quaisquer elementos que, ao serem pressionados contra uma superfície, deixam uma marca, proporcionando escrita. Eles representam uma forma de expressão e ocupam um espaço considerado público, fazendo-se notáveis quando os sujeitos utilizam seu espaço. Porém, não é todo público que tem acesso a todo banheiro. Como vimos anteriormente, os banheiros, em seu formato cis-binário, somente permitem que homens frequentem o banheiro masculino e que mulheres frequentem o feminino.

A veiculação desses grafitos tem como suporte as paredes, portas e objetos dos banheiros. É nesse ponto que considero que esses suportes do ambiente latrinário não se caracterizam como o que Marcuschi (2003) nomeia de “suportes incidentais”, pois reflito sobre as diversas possibilidades de expressão, sobre quem pode dizer onde se deve e se pode escrever. Também observo que os GL não se configuram como o que Maingueneau (2020) nomeia de “enunciado aderente”, pois o sentido mobilizado por eles remete a interdiscursos e subentendidos enraizados em processos culturais que independem de sua vinculação ao suporte ao qual estão grafados.

Nesse sentido, faz-se notar o tipo de escrita que esses grafitos de banheiro denotam e que contribuem para a existência de uma cultura latrinária, sendo assim,

esse tipo de escrita “[...] refere-se aos grafitos encontrados em banheiros públicos [...], mas que merecem uma ênfase, ainda: a centralidade dos discursos sobre o gênero e a sexualidade nessas escritas” (Junior, Santos e Flores, 2023, p. 423).

Quando me volto ao que Barbosa (1984) constata como anonimato das vozes nesses textos realizados em banheiros públicos, verifico que este é um dos fatores cruciais para que elaboradores de GL possam veicular discursos tabu. O caráter espontâneo dos GL desempenha um papel significativo na construção do imaginário sobre o banheiro e os sujeitos que ali frequentam. Dessa forma, o anonimato afeta como os autores se expressam nos grafitos, contribuindo para que ele se expresse, ultrapassando os filtros da censura imposta pela sociedade e pelos aparelhos ideológicos do Estado (AIE).

Sendo assim, os GL, em sua materialidade linguística, manifestam desde simples palavras e frases a desenhos elaborados, utilizando-se de textos verbais e não-verbais. Então, a expressão grafito latrinário serve como um termo guarda-chuva para manifestações linguísticas diversas, comumente empregado para denotar sua associação com os banheiros e espaços sanitários, onde essas inscrições são encontradas. Porém, torna-se importante ressaltar que os eles não se limitam apenas às cabines dos banheiros, mas também podem ser encontrados no seu entorno, considerando que o banheiro público abriga uma ou várias cabines. Os grafitos podem ser vistos em paredes externas, degraus, espelhos, tampas de privadas em quaisquer objetos presentes na estrutura do banheiro.

É nesse sentido que o mundo contemporâneo continua reivindicando formas de expressão que remontam à antiguidade, demonstrando que tal modalidade de escrita continua a desempenhar um papel bastante presente, porém, as prioridades mudam conforme o tempo. Se antigamente era necessário criar um sistema de escrita e registro de fatos, hoje, o ato de riscar e grafitar paredes constitui-se como um modo de afirmar a identidade pessoal e coletiva, servindo, também, na articulação de críticas sociais e políticas, transitando entre o insulto de ordem sexual e perpetuação de preconceitos ou para a criação de espaços de resistência e questionamento.

Os GL, por serem manifestações discursivas e, em algumas vezes, com cunho artístico, desempenham diversas funções comunicativas, revelando-se como uma prática social em uma comunidade, mas de forma subversiva e disruptiva, o que faz com que possamos classificá-los como parte do que Barbosa (1984) nomeia de cultura marginalizada. Tal fato é constatado pelo autor quando ele revela que seus

enunciadores são “[...] ‘pessoas ou grupos sob forte pressão social’, que não encontram abrigo em outros veículos” (*Ibid,* p. 80). Entendo os GL, especialmente aqueles com teor homofóbico e misógino, como objetos de censura por uma questão moral – pressão social – que encontra acolhimento no anonimato do banheiro, seja do seu enunciador, seja pelos interlocutores dos textos lidos.

Quando me deparo com as inscrições nas paredes, não posso me furtar para o fato de que as mesmas são tratadas pela escola, e pela sociedade no geral, como simples pichações, como atos de vandalismos que não possuem motivação. Uma simples busca no site Jusbrasil[7], utilizando as palavras-chave “pichação+de+banheiro+público” indica a existência de 701 resultados envolvendo casos em que atitudes de rebeldia e subversão são registradas por meio de processos envolvendo o ato de grafitar e quebrar o patrimônio[8]. Tal fato nos remete ao modo com o qual o banheiro se configura como cenário para práticas várias, servindo como indicativo para problemas sociais mais profundos que o ato em si.

É nesse sentido que não me furto da ideia de que o ato de rabiscar e inscrever em paredes é também um ato de depredação do ambiente público. Porém, tratar esses textos como simples atos de vandalização, higienizando-os sem compreendê-los, é perder a oportunidade de trazer à superfície os motivos pelos quais a escrita acontece.

Verifico, então, que estes textos cumprem uma função: a de denunciar práticas de violência e abjeção às pessoas com sexualidades dissidentes e mulheres, podendo ir à violência de gênero, entre tantas outras, ainda que essa agressão verbal parta do próprio enunciador. Esses textos são formas de expressão que refletem e perpetuam uma série de mensagens e interações sociais que pretendem ser lidas e compreendidas. Funcionam como uma denúncia ou revelação, trazendo problemáticas que devem ser pensadas pela sociedade. Inicialmente, essas inscrições servem como uma forma de comunicação entre os membros da comunidade. Soares (2020, p. 190) nos diz, em seus estudos sobre grafitos de banheiro de uma IES, que:

---

7 https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/busca?q=picha%C3%A7%C3%A3o+de+banheiro+p%C3%BAblico

8 Nesse sentido, faz-se notar que o sistema de busca engloba tudo o que ocorre e está vinculado às palavras-chave na busca, então as ocorrências do site não são somente referentes ao ato de grafitar.

> Os grafitos de banheiro podem surgir por diversos motivos, para o registro de manifestações sexuais, políticas ou religiosas, veículo de poemas, letras de músicas, fofocas, recados, xingamentos e/ ou réplicas (diálogos de resposta entre os autores), podem possuir teor confessional ou cômico, podem ser desenhos aleatórios ou servir para registrar presença.

Dessa forma, ao escrever ou desenhar nas paredes dos banheiros, os indivíduos podem transmitir dados, compartilhar opiniões e estabelecer ligações sociais com outros frequentadores do local. Essas mensagens podem conter anúncios de eventos – panfletagens –, autopromoção – sob a forma de slogans –, disponibilidade para encontros íntimos – por meio da divulgação de telefones – e até confissões ou mensagens de apoio emocional. Além disso, eles funcionam como espaços de discussão, verificando-se posicionamentos e o registro de um determinado contexto histórico/político. Assim, é comum observar que as inscrições nas paredes dos banheiros podem abordar questões políticas, sociais e culturais, provocando o(a) interlocutor(a)/frequentador(a) a refletir sobre determinados assuntos e se envolver em discussões acirradas, concordando ou não com uma posição específica. Dessa forma:

> [...] as escritas latrinárias correspondem a um recurso de documentação de atitudes, modos de pensar e hábitos discursivos populares, uma vez que são produzidas espontaneamente pelas pessoas, despreocupadas com a observação e avaliação de outrem (Damião e Teixeira, 2009, p. 3).

No jogo discursivo, essas discussões abrangem uma variedade de tópicos. Ao adentrarmos no ambiente, podemos observar grafitos que tratam de questões de justiça social, críticas à administração escolar ou ao sistema político em geral, passando pelas injúrias de teor sexual etc. Tais teores discursivos, em repetição, estimulam a criação e preservação de uma identidade individual e coletiva de certos grupos sociais, trazendo aos sujeitos a sensação de pertencimento. Ao passo que o indivíduo deixa a sua marca, ele afirma um posicionamento de acordo com determinado grupo social, sendo endossado por ele.

Percebe-se, também, que essas formas de expressão podem ser realizadas para serem respondidas pelos sujeitos que frequentam o ambiente. Dessa forma, os grafitos se apresentam através dos tópicos discursivos mobilizados, e os turnos de fala são alternados conforme o tópico avança. Assim sendo, é importante destacar *o* caráter interativo dos GL, como um jogo de respostas que pode ter engajamento à

medida que os interlocutores se interessam pelo tema, seja por meio da aceitação, seja por meio da contestação.

3.3 A escola enquanto aparelho ideológico do estado e sua regulação sobre os banheiros

A escola, apesar de ser um dos espaços mais importantes da formação do ser, representando o local onde os sujeitos adquirem competências básicas necessárias para vida profissional, no formato ocidental que nos é conhecida, é considerada como um dos principais Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Assim como em outros aparelhos, a escola ensina estudantes o "[...] know-how, mas sob formas que assegurem a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua 'prática'" (Althusser, 1985, p. 52) enquanto um sistema que, segundo Abbagnano (2007), reflete crenças e/ou valores empregados na disputa política, visando influenciar o comportamento das massas, direcionando-as para determinados rumos e não para outros, buscando obter consenso e, por fim, justificar a legitimidade do poder.

Ao me voltar ao conceito de escola, me deparo com o que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nos diz:

> Art. 2º: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).
>
> Art. 12: Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: (...) VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; VII - informar pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica (BRASIL, 1996).

Nota-se, aqui, excertos que tentam se distanciar do conceito de "educação bancária" elaborado por Freire (1974), que é aquele em que o conhecimento é depositado de forma passiva nos alunos, sem espaço para reflexão crítica ou transformação social. No entanto, não é esse o panorama vivenciado por estudantes durante o ensino médio. Não há criticidade perante as relações entre raça, gênero e sexualidade, assim como não há um preparo para as questões da vida como um todo. Assim, o sistema educacional tende a legitimar e reproduzir as desigualdades sociais

ao mascarar as condições sociais de produção das oportunidades (Bourdieu e Passeron, 1975).

Destarte, as escolas são conhecidas justamente, e de forma estrutural, por serem locais onde prevalecem a disciplina como forma de manutenção da ordem, desde a organização das classes por nível à manutenção do comportamento infantil em suas fases que avançam para a adolescência. Sendo assim, o local se mantém, utilizando-se da figura de autoridade por meio de gestores e professores, chancelados pela academia e instituições profissionais – por meio de formações de nível superior e técnica; pela comunidade – que acata a formação do servidor; seleções, análises curriculares, provas de títulos, concursos públicos etc. – que confirmam que tal sujeito está preparado para a docência.

A tradição escolar se mantém, desde tempos antigos, trazendo ao docente a autoridade que ele precisa para transmitir conteúdos: “Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição” (Mauss, [1950] 2003, p. 407). Dessa forma, percebe-se que é nesse local que se aprendem as “[...] ‘regras” do bom comportamento, isto é, as conveniências que devem ser observadas por todo agente da divisão do trabalho conforme o posto que ele esteja destonado a ocupar” (Althusser, 1985, p.58). A escola, então, exerce influência significativa sobre a vida dos estudantes e a reprodução das estruturas sociais, seja por meio das dinâmicas de disciplinação dos corpos, seja na repreensão das identidades de gênero e da sexualidade do corpo discente. Nesse sentido, a escola destaca-se por difundir a cultura dominante, ao passo que também institui uma cultura etnocentrada.

Acobertadas por uma certa “neutralidade”, às escolas são confiadas a educação do corpo discente. Tal neutralidade se deve ao conceito de que é:

> [...] desprovida de ideologia (uma vez que é leiga), aonde os professores, respeitosos da ‘consciência’ e da ‘liberdade’ das crianças que lhes são confiadas [...] pelos pais [...] conduzem-nas à liberdade, à moralidade, à responsabilidade adulta pelo seu exemplo, conhecimentos, literatura e virtudes “libertárias” (Althusser, 1985, p. 67).

Nesse excerto, percebe-se que as aspas denotam uma certa ironia do filósofo, pois é notório que se trata, apenas, de um disfarce o qual é relegado à escola. Nota-se então uma dissimulação do papel escolar, que de neutro, nada tem. Ao contrário, a escola consolida-se como instrumento de poder de ideologias dominantes, às quais visam um ensino cada vez menos crítico e muito mais tecnicista, tendo em vista que

a instituição é altamente regulada pelos órgãos maiores, tais como as Secretárias de Educação municipais e estaduais, que, por sua vez, estão abaixo do Ministério da Educação. Todos os órgãos, em suas devidas esferas de atuação, seguem fielmente as regras às quais são impostas pelos governos da situação. Em termos ideológicos, um governo conservador e extremista irá reproduzir ideologias cada vez menos libertadoras, aprisionando o público discente, tolhendo-lhes a vontade e a criticidade a favor de uma agenda política de empobrecimento de recursos intelectuais e financeiros, no eterno fazimento de mão de obra a favor de uma elite que domina o país[9].

Em tempos de revisão sobre currículo, ensino e aprendizagem, a resistência se faz por meio de novas investidas, que tolhem os direitos, que diminuem a atuação progressista. Tais investidas compõem uma rede discursiva que poda as subjetividades, construindo um currículo oculto, que "[...]é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes" (Silva, 2016, p. 78) que são vistas como "[...] indesejáveis, como uma distorção dos genuínos objetivos da educação, na medida em que moldam as crianças e jovens para se adaptar às injustas estruturas da sociedade capitalista" (*Ibid.*, p. 78).

Nesse sentido, a educação vê-se em conflito direto com as novas possibilidades de ensino, especialmente em um país em constante processo colonizador: o cristianismo avança em formas ainda mais conservadoras, revestidas

---

[9] Neste interim, torna-se necessário apontarmos para o que vem acontecendo no Brasil desde 2021, período no qual o Governo Federal estava no poder da extrema direita conservadora. Foi durante este período que o Novo Ensino Médio (NEM) foi instituído, gerando controvérsias e discussões acerca de ensino e aprendizagem. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2023), alguns fatores foram observados na implantação do NEM em escolas selecionadas nos Estados do Ceará, Paraná e Goiás, entre as críticas, me chama atenção os apontamentos sobre a fragilização da Educação Básica decorrente da diversificação curricular, que reduz a carga horária destinada à formação geral básica, passando de 2.400 horas para 1.800 horas, destinando o restante à formação diversificada, limitando a formação integral dos estudantes, especialmente em conteúdos fundamentais para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), além de outros fatores, como falta de estrutura nas redes e escolas; escolas com mais recursos conseguem ofertar uma maior diversidade de itinerários e componentes curriculares, diminuindo as chances de discentes de áreas rurais, por exemplo; as parcerias com entidades privadas sugerem a possibilidade de privatização do ensino; professores insuficientemente preparados para atuar no modelo do NEM; impacto na inclusão social**,** pois o tempo integral podem dificultar a permanência de alunos que precisam trabalhar, excluindo-os dessa etapa de ensino; insuficiência de recursos para suprir as necessidades das escolas e garantir uma implementação equitativa.

por uma camuflagem moderna e “legal”, que seduz o novo público. Da mesma forma, o conservadorismo, invade o senado e parlamento, sugerindo um modo a preservar os interesses da elite. Dessa forma, o suleamento educacional encontra desafios frente ao modo como se articulam os movimentos políticos:

> A descentralização global do Ocidente, a adoção do multiculturalismo obrigam os educadores a centrar sua atenção na questão da voz. Quem fala? Quem ouve? E por quê? Cuidar para que todos os alunos cumpram sua responsabilidade de contribuir para o aprendizado na sala de aula não é uma abordagem comum no sistema que Freire chamou de “educação bancária” [...] (hooks, 2013, 57).

É por meio da instituição escolar, enquanto macroestrutura reguladora de uma estrutura menor, o banheiro, que verificamos uma dupla regulação dos(as)(es) corpos(as)es) que ali transitam, seguindo o modelo eurocêntrico na qual a estrutura latrinária é (re)constituída. Por regulação dupla, entendo que o próprio banheiro já faz um papel regulador dos corpos por meio da sua tecnologia, como vimos nos excertos anteriores; a escola, por outro lado, regula o corpo discente por meio de suas regras institucionalizadas, onde permite-se um comportamento social e não outros. Como percepção eurocêntrica do ambiente escolar, entendo que esse modo regulatório vem de um “elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico” (Quijano, 2005, p. 117). Por corpo, entendo ser: “[...] o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo” (Mauss, 2003, p. 407).

Verificadas as diferenças primárias de gênero, a escola atribui modos comportamentais diferenciados e demarcados para os(as) corpos(as) de sexos biológicos masculino e feminino (cis/binários), utilizando-se das ideologias predominantes que cerceiam a feminilidade, ao passo que desconsideram as plurais manifestações de gênero presentes da vida do ser, tais como aqueles intersexuais e trans. Dessa forma, o banheiro torna-se responsabilidade inerente à escola e sua ideologia, de modo que ela controla seu fluxo, por meio da quantidade de discentes que podem adentrar ao espaço; controla identidades de gênero, quando institui e demarca o acesso aos banheiros; controla a higiene do local, por meio de avisos sobre o que e como deve se usar a estrutura latrinária de forma adequada e silencia-se perante o *bullying* para com pessoas de orientações sexuais dissidentes, presente nos GL.

Neste ínterim, surge também a preocupação, por meio do controle higienizador, da existência das chamadas “pichações”. Porém, em vários casos, esse controle não dá conta, e modos subversivos de uso da estrutura latrinária surgem, cumprindo propósitos impregnados pela subjetividade e coletividade discente: “Reprime-se o grafito [...] porque, ao contrário dos demais veículos de comunicação, suas formas de manifestação não são facilmente controláveis” (Barbosa, 1984, p. 82).

Nesse sentido, os banheiros escolares não são apenas espaços de higiene pessoal, mas também locais onde as normas e comportamentos sociais são reforçados e questionados. Reforçados sob a forma de represália, questionados sob a forma de subversão. Quando volto meu olhar ao modo com o qual os comportamentos são reprimidos, me vejo diante de métodos de controle do corpo discente por meio dos “dispositivos de vigilância” (Foucault, 1988). Verifica-se a existência das regras perante as situações – não se pode andar e conversar nos corredores durante as aulas; pessoas com pênis não podem usar o banheiro das mulheres, ainda que se trate de mulheres transgênero. O mesmo acontece com pessoas com útero, que não podem adentrar o banheiro masculino, ainda que se identifiquem com o gênero. E é nesse contexto que emergem as dinâmicas de poder que se manifestam de maneira particularmente evidente, refletindo e reproduzindo as hierarquias, especialmente as sociais e de gênero, servindo de recorte para a realidade e regra de convivência.

A regulação escolar sobre os banheiros escolares reflete as estruturas de poder presentes na sociedade, manifestadas por meio de políticas e práticas institucionais advindas de quem dirige o ambiente escolar, (re)produzindo uma fórmula antiga e institucional que, à medida que se preocupa com os efeitos, não volta seus olhares às causas. A imposição de regras rígidas de conduta nos banheiros, como a proibição de grafitos, grafitagens e outras formas de expressão, reflete a tentativa das autoridades escolares de controlar e moldar o comportamento dos estudantes de acordo com as normas estabelecidas.

No entanto, essa regulação muitas vezes resulta em conflitos e resistências por parte dos estudantes. Os mesmos, veem no banheiro, espaço discursivo que funciona sob a notável forma do anonimato, uma forma de expressar-se, mesmo com a alta regulação deste espaço. Somente a implantação de câmeras em tais espaços poderia fazer o corpo discente controlar seu impulso em escrever em paredes, o que seria

inconstitucional e ilícito[10]. Conforme observado por Foucault (1987), “o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’” (p. 195). Dessa forma, os GL também podem ser compreendidos como meios de subverter as estruturas de poder dominantes dentro do ambiente escolar de caráter disciplinador, ao passo em que revelam como o poder se mostra nas relações de gênero e sexualidade.

Subjaz aos sujeitos, especialmente aos inconformados ou rebeldes, a necessidade de reverter regras institucionalizadas, portanto, ao analisar a regulação sobre os banheiros escolares, verifico não somente as políticas institucionais, mas, também, relações de poder entre direção e corpo discente, influenciando diretamente no comportamento e interação dos estudantes. Os banheiros escolares representam parte da estrutura escolar, demonstram o modo com o qual as hierarquias sociais influenciam no comportamento dos estudantes no contexto educacional: “[...] o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (Foucault, 1987, 195) tornam-se instrumentos disciplinadores que tentam disciplinar o corpo discente, e encontram, no ambiente latrinário, espaço que pode fugir ao seu controle.

3.4 O banheiro escolar enquanto espaço heterotópico e não-lugar

Os banheiros, enquanto estruturas menores, possuem uma localização específica num ambiente maior. Essa localização, como vimos, é velada aos sentidos dos indivíduos e das estruturas maiores que o cerca, especialmente quando nos dirigimos ao banheiro escolar. Ao pensar sobre sua função nas práticas sociais, posso liga-los aos conceitos foucaultiano de Heterotopia e augeriano de “não-lugar”. No contexto da pesquisa, verifico que o banheiro masculino nas escolas públicas de EM se torna um lugar heterotópico e um não-lugar, possibilitando manifestações culturais e sociais específicas, como os grafitos.

As heterotopias são:

[10] Um exemplo dessa atitude ilícita aconteceu recentemente, até o momento de escrita deste trabalho, na cidade de Carpina, Pernambuco. Tal fato mobilizou a Secretaria de educação do Estado de Pernambuco, que emitiu uma nota expressando a inconstitucionalidade do ato ao passo que afirma ter ordenado que a escola em questão retirasse, de imediato, os aparelhos de monitoração nos banheiros estudantis. Disponível em: https://www.folhape.com.br/noticias/alunos-denunciam-cameras-em-banheiros-de-escola-publica-em-carpina/368495/.

> [...] a contestação de todos os outros espaços, uma contestação que pode ser exercida de duas maneiras: [...] criando uma ilusão que denuncia todo o resto da realidade como ilusão, ou, ao contrário, criando outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem disposto quanto o nosso é desordenado, mal posto e desarranjado (Foucault, 2013, p. 28).

No caso dos ambientes latrinários, esses locais se apresentam como heterotopias, uma vez que são destinados a atividades que, em muitos casos, fogem à norma comportamental esperada dos estudantes num ambiente escolar. Eles funcionam como uma espécie de zona transitória, um espaço socialmente marcado pela transgressão e pela liberação temporária das pressões normativas da sala de aula e do convívio social na esfera estudantil. Destarte, “a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (Foucault, 2013, p. 24), então, à medida em que o espaço latrinário é subvertido, torna-se um lugar heterotópico, pois abriga práticas de higiene e sociais, ao mesmo tempo, rompendo com os códigos sociais vigentes.

Além disso, Foucault destaca que as heterotopias possuem “[..] um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante” (*Ibid.*, 2013, p. 26). No banheiro escolar, há uma clara delimitação física e discursiva, por meio de cabines, portas e trancas, que diferencia o que é permitido naquele espaço e o que é proibido fora dele. Como vimos, o aparelhamento do banheiro, por meio dessa arquitetura planejada para a privacidade dos sujeitos, proporciona o anonimato. Os estudantes se apropriam desse ambiente de forma diferente da sala de aula ou do pátio da escola, criando uma cultura própria que muitas vezes inclui práticas desviantes da norma social dominante, o que reforça o caráter heterotópico do lugar.

A heterotopia do banheiro escolar também se liga ao conceito de heterocronia (Foucault, 2013). Esses espaços parecem estar associados a “[...] recortes singulares do tempo” (*Ibid.*, p. 25), onde o tempo parece suspenso. Nesse local, o tempo parece ser vivido de forma distinta do tempo escolar, pois ali os estudantes podem escapar temporariamente das obrigações escolares que os disciplinam enquanto normas impostas pela instituição. Sendo assim, os discentes podem se engajar em atividades que, muitas vezes, subvertem o que é permitido no ambiente escolar. O banheiro escolar torna-se ambiente propício para práticas que vão além das funções, no macroambiente – Escola – e no microambiente – Banheiro.

Destarte, o conceito de heterotopia parece manter uma relação complementar e paradoxal com a à noção de “não-lugar” (Augé, 2012). Segundo Costa (2014), esses são conceitos dialogam entre si: enquanto a heterotopia foucaultiana implica em um

espaço com uma função clara, mas que desafia as convenções histórico-sociais, o não-lugar augeriano caracteriza-se pela ausência de identidade, história e relações. Dessa forma, sugiro que o banheiro escolar pode, em suas especificidades, ser visto também como um não-lugar, onde os sujeitos podem perder, momentaneamente, suas identidades sociais fixas.

O antropólogo, ao definir o conceito de não-lugar, destaca que "[...] um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar" (Augé, 2012, p. 73). Verifica-se, então, que o banheiro escolar, em sua função primordial, foi criado para ser não-lugar, à medida em que o espaço parece desprovido de identidade relacional, com suas interações reduzidas ao essencial e impessoal, de uso coletivo, rápido e anônimo. É o que verificamos quando esses locais são usados apenas para necessidades fisiológicas ou passagens relacionadas à higiene pessoal.

Percebe-se, então, que os banheiros escolares funcionam como espaços de passagem, que também abrigam práticas culturais e sociais que desafiam essa efemeridade, "[…] um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero [...]" (*Ibid.,* 2012, p 74), portanto, aproximando-os de heterotopias, onde o disruptivo se manifesta. No entanto, torna-se notório um inevitável paradoxo entre o não-lugar e o lugar heterotópico: assim como o antropólogo nos diz, "o espaço do não lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude" (*Ibid.*, 2012, p. 95). Porém, à medida que noto a existência de práticas sociais que fazem essa tida solidão ser dissolvida, constato a heterotopia do lugar. Sendo assim, os grafitos latrinários, enquanto práticas subversivas e disruptivas de linguagem, fazem o banheiro se tornar esse lugar tido como heterotópico. Ao realizar esse movimento de análise das funções do banheiro, para além do que a ele foi demarcado como atividade canônica, *queerifico* o olhar sobre o ambiente.

A subversão do local, que foi idealizado para um propósito bem definido, mas que, no passar dos tempos, desenvolveu sua cultura diferente da que lhe foi atribuída no seu uso ocidental. O banheiro, então, reivindica para si a prática discursiva que lhe havia sido atribuída anteriormente, como vimos anteriormente. A presença de grafitos em banheiros escolares, que frequentemente carregam um teor confessional que constitui a identidade discente, revela que esses espaços podem transitar entre ser um lugar heterotópico e um não-lugar. "Ao definir que o não-lugar cria identidades

provisórias de seus usuários, Marc Augé aponta para a possível sensação de liberação provocada pelo anonimato" (Costa, 2014, p. 359), o que ocorre nos banheiros escolares, onde estudantes, muitas vezes, encontram no anonimato do espaço uma forma de liberdade para expressar desejos, medos e hostilidades.

Noto, então, a existência de uma complexidade discursiva em torno dos banheiros, o que denota que, em certos momentos, eles podem ser caracterizados como heterotopias e, em outros momentos, podem ser caracterizados como não-lugares. Esse fato é perceptível nos banheiros masculinos escolares, onde convivem práticas de higiene, socialização, e, simultaneamente, expressões de gênero e sexualidade discente. O banheiro é, assim, um espaço onde as práticas, decorrentes de sua função, são constantemente subvertidas. Esta dualidade é possível porque esses espaços operam em níveis distintos, combinando elementos de transitoriedade e transgressão, ambas por meio do anonimato.

3.5 Contextualização dos grafitos latrinários no ambiente escolar do Ensino Médio

Ao me voltar a essas produções textuais, não posso me furtar da compreensão dos fatores sociais e psicológicos dos estudantes nesse período crucial de suas vidas. É neste sentido que entendo que, a partir da pesquisa no ambiente escolar, o corpo discente procura ter sua voz escutada de alguma forma. Grafitos escolares podem ser não somente uma forma de escárnio de sexualidades dissidentes, como, também, podem ser gritos de socorro, vocalizações de dores etc. Ao trabalhar com os sujeitos adolescentes, torna-se interessante definir a fase à qual ele está submetida:

> Período de operações formais (a partir de 11 anos) – este estágio é o ponto mais alto do desenvolvimento da inteligência, nele o sujeito domina totalmente o raciocínio abstrato, o pensamento hipotético-dedutivo ou lógico-matemático. Se for perguntado a um adolescente sobre [...] o que um homem faz deitado no chão? Para um sujeito operacional, a resposta pode ser que ele está dormindo; para o sujeito no período de operações formais, na resposta serão criadas hipóteses de que o homem pode estar embriagado, ter tido uma parada cardíaca ou outra coisa. Quando realizam as operações formais, as pessoas trabalham com fatos ausentes e criam hipóteses para a solução de problemas, que é a forma de pensar típica do adulto (Silveira, 2014, p. 106).

Portanto, lido com adolescentes enunciadores, que (re)formulam ideias, que compreendem as relações por pontos de vista distintos, deixando suas marcas

subjetivas de várias formas. Segundo Bock (2007), estão numa fase não só natural do desenvolvimento humano, mas também, numa construção social com repercussões em seus pontos de vista.

É também válido considerar os fatores econômicos e sociais que definem a vida em território brasileiro, sendo eles atravessados por contextos diversos, derivados das diferenças, das pluralidades sociais e decorrentes de uma sociedade capitalista que cresceu sem se preocupar com o bem-estar de sua população. Fatores como gênero e raça eclodem como problemáticas diárias. Tais divergências ecoam no ambiente escolar, nesse local onde a educação se faz. Ao me voltar ao corpo discente do Ensino Médio, verifico que lido com o sujeito adolescente que vive, segundo Oliveira (2015, p. 28), uma época em que acontecem profundas transformações, desde a relação com o próprio corpo até sua colocação no mundo adulto, passando pelas possibilidades de reconhecimento social.

A fase também é permeada por desafios diversos. Recursos financeiros, por exemplo, podem ser um problema nessa fase e, em grande parte, consolidam as relações de classe entre pobres e ricos, sendo os últimos, detentores do conhecimento formal e crítico que impulsionam a formação integral dos sujeitos:

> “A educação sempre foi um instrumento privilegiado de dominação e isso é facilmente explicado por ser um processo longo, contínuo e que trabalha com um material altamente sensível, a criança e o jovem” (Odalia, 2004, p. 55).

Desta forma, constato, por meio dos estudos de Souza (*et al*, 2012), o adolescente como um ser essencialmente expressivo. Além de expressivo, situado em possíveis contextos de insatisfações de ordem social e econômica, numa fase decisiva e de transição entre o sujeito adolescente e o adulto, com responsabilidades presentes e futuras. Nesse interim, constato que o ambiente escolar faz reverberar, de várias formas, os discursos reproduzidos por estudantes e, de igual maneira, verificam-se várias formas de expressão, desde os manifestos, passando pelas grafitagens, demonstrando as diversas facetas que compõem o universo estudantil em suas manifestações e linguagens.

Levando-se em consideração a fase da adolescência, permeada pela vivência dos corpos em desenvolvimento, marcada pela puberdade e pelo início das relações afetivas de cunho amoroso e sexual, a escrita latrínica vem à superfície, também, como forma de afirmar a sexualidade e de revelar interesses de ordem afetiva. Nesse sentido, a cultura latrinária, em sua base escolar, reflete, também o psicológico do

corpo discente, dando origem às formas de expressão acobertadas pelo anonimato. Sendo assim, as marcantes transformações pelas quais o corpo discente passa invadem a ordem do gênero. É através da inquietude dos corpos e das mentes, submetidos aos fatores culturais externos, que seus conceitos de mundo são mobilizados, dentre eles, suas visões sobre sexualidade e gênero.

Destarte, o espaço latrinário segue sendo reivindicado como lugar de expressão, servindo como suporte para grafitos latrinários que podem ser interpretados como uma expressão sexual e afirmação da identidade por parte dos estudantes. Submetidos a uma cultura latrinária e aos fatores inerentes ao próprio desenvolvimento, além de fatores externos, os adolescentes tornam-se enunciadores de textos com teores discursivos diversos, mas, na maioria de suas recorrências, voltados às representações de gênero e sexualidade.

4 GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO LATRINÁRIO

Nos debates políticos e sociais de hoje, a discussão sobre sexualidade e uso de banheiros públicos é recorrente. Recentemente, a polêmica sobre banheiros unissex no Brasil em 2024 chamou a atenção. Apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, como o deputado Nikolas Ferreira, do Partido Liberal (PL), se opuseram veementemente à ideia, alegando que isso ameaçaria os valores tradicionais e a segurança, especialmente das mulheres[11]. A discussão continua provocando tensões, o que nos mostra como os banheiros públicos continuam sendo um campo de batalha, onde as normas de gênero são enfrentadas e defendidas por espectros políticos, que representam grupos sociais minoritários e hegemônicos. Dessa forma, este capítulo pretende refletir sobre os papéis de gênero definidos pela sociedade, nos moldes patriarcais, problematizando a produção latrinária verificada, que segue a normatividade.

Aos notar a problemática presente nos banheiros – e no seu uso –, percebo que, nos banheiros das escolas de ensino médio, o modo como a polêmica se instaura reflete como as questões de gênero são concebidas na atualidade. O local, considerado apenas espaço para excreção e autocuidado, carrega uma gama de expressões, frutos de uma ideologia predominante, que reflete como a masculinidade é imposta como superior a quaisquer outras manifestações de subjetividade. Como vimos no capítulo anterior, a escrita latrínica nos mostra muito do que se pensa e do que se faz em determinados períodos da existência humana, numa prática que, além de discursiva, é cultural.

Então, é por meio do anonimato dessa escrita que percebemos como as dinâmicas de poder e identidade são colocadas na sociedade, especialmente como a expressão sexual e de gênero do sujeito adolescente se materializa por meio de discursos que nem sempre serão os mais favoráveis a um convívio harmonioso com a diferença. Dessa forma:

> a caracterização da adolescência não constitui tarefa muito fácil, porque aos fatores biológicos específicos, atuantes na faixa etária, se somam as determinantes socioculturais, advindas do ambiente onde o fenômeno da adolescência ocorre (Campos, 1987, p. 28).

[11] Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/aliados-jair-bolsonaro-polemica-banheiro-unissex-nikolas-ferreira-reu-delacao-mauro-cid-nprp/

Esse ambiente inclui os espaços latrinários, pois esses locais reafirmam práticas e representações de gênero e sexualidade de forma continua.

Cicconetti, em sua pesquisa, nos diz que “os banheiros públicos são [...] lugares separados por sexo e gênero. Esta divisão cria fronteiras de gênero e institui os banheiros públicos como lugares de vigilância e controle” (Cicconetti, 2024, p. 100). Tal fato nos revela que a separação binária tradicional dos banheiros em “masculino” e “feminino” reforça uma visão rígida e normativa de gênero que não contempla a diversidade de identidades e expressões que sempre existiram desde os primórdios da existência humana. A divisão binária se torna uma prática culturalmente estabelecida, que cria um ambiente onde sujeitos que não se encaixam nas categorias tradicionais de gênero se sentem excluídos ou marginalizados.

O modo binário de divisão dos gêneros, por meio do critério da genitália, norteia o uso dos banheiros, consolidando diferenças entre os eles e, consequentemente, a penalização e marginalização dos corpos dissidentes que ali frequentam. Verifica-se, então a não neutralidade do espaço. Ao contrário disso, ele é intensamente regulamentado por normas que ditam comportamentos aceitáveis pela sociedade, provocando desvios realizados por uma comunidade plural, não-uniformizada, apesar dos constantes esforços de regulação dos corpos e da expressão de suas linguagens.

Sendo assim, os banheiros se consolidam como aparelhos que reproduzem normas de gênero, que, segundo Cicconetti (2019) determina limites e fronteiras dos processos identitários. Banheiros públicos, são locais onde a diferença sexual se afirma e se contesta e, para tal, o uso de elementos, sejam os instaurados (placas e aparelhos funcionais específicos), seja por meio da intervenção escrita daqueles sujeitos que ali frequentam. A pesquisadora observa que:

> o banheiro público é o local por meio do qual, a diferença sexual vai se afirmar e sustentar, já seja no sentido simbólico (os signos, figuras, representações do ‘masculino’ e do ‘feminino’) ou literal (dispositivos de vigilância e controle que estão dispersos no meio social que instituem modelos de “corpos-homem” e “corpos-mulher”) (Cicconeti, 2019, p. 15).

Portanto, os banheiros públicos sustentam e realizam a manutenção do sistema heteronormativo e patriarcal, regulando corpos e suas sexualidades e manifestações de gênero. Nos banheiros do Ensino Médio de escolas públicas, mais especificamente no masculino, não é diferente. A afirmação do elemento masculino, fálico e opressor, é uma constante em produções textuais latrínicas escolares. Então, tudo o que não

representa a forma masculina, por meio da virilidade e de uma heterossexualidade compulsória, é visto com repulsa ou como motivo de subjugação.

Assim, o estudo das dinâmicas de gênero e sexualidade nos espaços latrinários do ensino médio evidencia a manutenção de normas patriarcais. Com base nos Estudos de Gênero e Sexualidade (Butler, 2018; Moita Lopes, 2002; Irigaray, 1993; Warmiling, 2023, Louro, 2007), da Filosofia (Foucault, 1988), dos Estudos Culturais (Hall, 2006; Cicconetti, 2019) e da Sociologia (Bourdieu, 2012), seguimos aprofundando nossas análises. Acreditamos que esse enfoque permitirá uma compreensão mais detalhada sobre as dinâmicas de gênero nas produções textuais dos banheiros escolares masculinos, uma vez que, como observa Warmiling (2023, p. 137), "[...] nas teorizações queer e feministas, persistem as críticas à sanha patriarcal, ao pensamento heterossexual compulsório, ao falocentrismo, entre outros". Esses aspectos se mostram de forma ostensiva no corpus desta pesquisa. Na próxima seção, abordarei mais especificamente as representações de gênero, destacando como elas influenciam diretamente a produção textual de discentes nos banheiros masculinos.

4.1 Representações de gênero no espaço latrinário

As representações de gênero permeiam as práticas sociais e culturais e estão enraizadas nas interações cotidianas que ocorrem em diversos espaços, especialmente na escola. A escola pública, enquanto espaço de formação social e intelectual, desempenha um papel fundamental na consolidação dessas representações, muitas vezes reforçando normas estabelecidas de masculinidade e feminilidade. Como observa Butler (2018, p. 35):

> A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre 'feminino' e 'masculino' [...] A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de 'identidade' não possam 'existir'.

Dessa maneira, a escola pública não apenas educa adolescentes para que eles(as) adquiram conhecimento e competências profissionais, mas também atuem como um agente na reprodução das normas de gênero, muitas vezes moldando os comportamentos e as identidades dos estudantes de acordo com essas construções sociais.

Nos corredores da escola, nas salas de aula e, particularmente, nos banheiros, essas representações de gênero tornam-se visíveis. Os banheiros escolares, especialmente os masculinos, expressam as normas de masculinidade e os discursos de poder. O grafito, neste contexto, torna-se um meio pelo qual os estudantes expressam suas percepções de masculinidade, sexualidade e poder, reforçando ou desafiando as normas históricas, culturais e socialmente instauradas.

O sociólogo Pierre Bourdieu (2012) nos traz um importante ponto de vista sobre a divisão dos sexos, ao afirmar que:

> O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres (Bourdieu, 2012, p. 24).

Esses fatos são, notadamente, manifestados na escrita latrínica, trazendo o modo como a masculinidade se impõe em contraponto com as sexualidades dissidentes, exaltando, assim, uma masculinidade hegemônica, associada à agressividade, força e dominação sexual, tendo o falo, e sua manipulação, como objeto de poder, opressão e desejo. O próprio espaço do banheiro masculino, reservado para homens[12], cria um ambiente onde essas normas podem ser reafirmadas sem a presença de mulheres cis[13] que possam contestar essa hegemonia.

Nesse ínterim, a perfomatividade de gênero, conforme conceituada por Judith Butler, também é central para entendermos como as dinâmicas de manifestação do gênero e como as normas se perpetuam. A autora nos diz que uma:

> [...] distinção entre expressão e perfomatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido [...] (Butler, 2018, p. 188).

Dessa forma, ainda segundo Butler (2018), a perfomatividade de gênero nos elucida que as identidades de gênero são produzidas por meio de atos repetidos que

[12] Refiro-me ao fator biologizante nas instituições e uso do banheiro.
[13] Cabe-nos refletir sobre que o banheiro masculino não é exclusivamente usado por homens. Sabe-se que as sexualidades dissidentes são obrigadas a usá-lo, no caso das mulheres trans e travestis, ou são proibidas de usá-lo, no caso dos homens trans.

seguem normas sociais e culturais. Isso implica que os grafitos nos banheiros não são meras manifestações espontâneas de um pensamento individual, mas parte de um processo contínuo de repetição das normas de gênero que solidificam a masculinidade hegemônica. Assim, o ato de escrever ou observar um grafito é uma forma de participar desse ritual de perfomatividade, que reforça as divisões binárias entre masculino e feminino, hétero e homossexual, forte e fraco.

Esses grafitos muitas vezes operam dentro do que Foucault (1988, p. 105) chamou de “relações de poder”, nas quais a sexualidade é instrumentalizada como uma ferramenta de controle e normatização. Para Foucault (1988), a sexualidade é um campo de batalhas discursivas e de poder, onde a conformidade com normas cis-heteronormativas é muitas vezes exigida e imposta. No ambiente escolar, essa conformidade pode ser observada na maneira como a heterossexualidade é celebrada e exaltada nos grafitos, enquanto qualquer desvio dessas normas é ridicularizado ou reprimido. Foucault (1988, p. 114) ressalta que “a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade”, o que significa que as normas sexuais podem ser manipuladas e moldadas conforme as necessidades das estruturas de poder.

Os grafitos que aparecem nos banheiros masculinos das escolas públicas frequentemente expressam essa instrumentalização da sexualidade, ao mesmo tempo, em que refletem a hierarquia de poder entre os estudantes. A heterossexualidade compulsória, conceito trabalhado por Butler (2018), é uma característica dominante nesses grafitos. A heterossexualidade é não apenas a norma, mas o padrão normativo velado e naturalizado, contra o qual outras formas de sexualidade são comparadas e julgadas, assim como explica Butler (2018, p. 188):

> [...] as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória.

O grafito, nesse sentido, atua como um reflexo dessas práticas culturais, sendo uma das formas pelas quais a heterossexualidade compulsória se manifesta e se perpetua no ambiente escolar. Embora muitos grafitos reafirmem a masculinidade hegemônica e a cis-heteronormatividade, outros podem funcionar como atos de resistência e subversão. Warmiling (2023, p. 158) argumenta que:

> Seja em relação ao pensamento hétero compulsório, mas também no diz respeito as pautas gays, lésbicas e feministas que, à época, preconizavam a subsunção das diversidades na norma, a práxis queer devém como tática de confronto, subversão e ressignificação das estruturas disciplinares, biopolíticas e regulatórias que tangenciam os corpos-sujeitos e suas sexualidades (Warmiling, 2023, p. 158).

Sendo assim, o banheiro, enquanto espaço relativamente privado e afastado da supervisão direta dos adultos, oferece uma oportunidade para que essas normas sejam desafiadas. Grafitos que questionam a masculinidade dominante, que expressam identidades queer ou que criticam a cis-heteronormatividade podem ser lidos como formas de resistência a um sistema que tradicionalmente marginaliza essas identidades.

Foucault (1988, p. 24) também nos lembra que, com a multiplicação dos discursos sobre o sexo, constituiu-se uma rede emaranhada de domínios distintos, ou seja, distintas formas de saber, distintas técnicas de poder. A proliferação interdiscursiva nos grafitos escolares pode ser entendida, dentro dessa perspectiva, onde múltiplas formas de poder e conhecimento estão em jogo dentro da esfera estudantil. O banheiro escolar não é apenas um local de expressão da masculinidade hegemônica, mas também um espaço onde diferentes discursos sobre gênero e sexualidade se encontram e se entrelaçam, produzindo conformidade e, em algum momento, resistência. Além disso, esses grafitos revelam a natureza performativa e relacional das identidades de gênero no ambiente escolar.

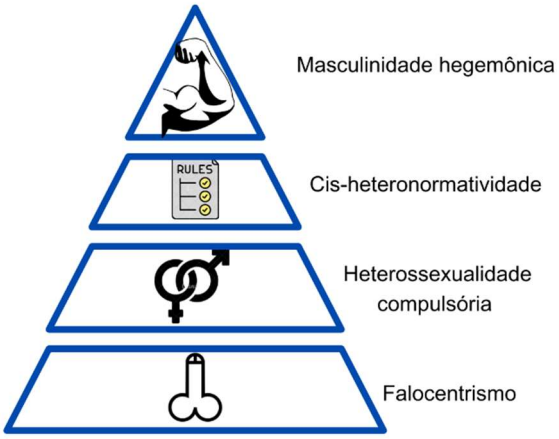
Conforme observado por Ciconnetti (2024, p. 117), as representações de gênero são constantemente negociadas e reformuladas a partir das interações sociais cotidianas, o que inclui as vivências nos espaços semi-privados como os banheiros. Esse processo de ressignificação das identidades de gênero tradicionalmente estigmatizadas nos exemplifica como o espaço do banheiro pode servir à perpetuação e ao questionamento das normas de gênero.

Por fim, é importante destacar que as representações de gênero nos grafitos dos banheiros escolares são apenas uma parte de um sistema maior de práticas discursivas e sociais que moldam as identidades dos(as) discentes. Essas práticas estão ligadas a dinâmicas de poder que operam dentro e fora do ambiente escolar. Então:

> A dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, é o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento (Bourdieu, 2012, p. 7).

Nesse sentido, torna-se importante frisar que, o recorte temático ao qual esta pesquisa se vincula, considera a violência de gênero e ausência de agentividade de corpos dissidentes em todo o corpus colhido e analisado. Dessa forma o mecanismo encontrado, que reproduz e mantem a masculinidade hegemônica, se sustenta da seguinte forma nos GL das EEM:

ILUSTRAÇÃO 1 - Mecanismo de sustentação da masculinidade hegemônica



Fonte: produção própria.

Como se vê na figura acima, o falocentrismo, enquanto “culto” ao pênis como símbolo de poder, sustenta todos as características observadas neste estudo. Assim, os grafitos, enquanto parte desta violência simbólica, também são parte de um processo contínuo de imposição e naturalização de normas de gênero e sexualidade que começam na família, se desenvolvem na escola e se estendem para além dela.

Verifica-se, então, que representações de gênero na escola pública, expressas através dos grafitos em banheiros masculinos, são uma forma simbólica de representar – e manter – os preconceitos presentes na sociedade. A escola pública, enquanto instituição mantenedora da educação, reforça frequentemente as hierarquias de gênero e sexualidade através de suas práticas institucionais e culturais.

4.2 Falocentrismo e Binariedade

A representação da masculinidade falocêntrica está enraizada nas estruturas culturais e sociais, agindo como uma força que organiza as relações de gênero de maneira a perpetuar a dominação masculina. Sendo assim, Bourdieu afirma que:

> A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto qüididade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. — que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (Bourdieu, 2012, p. 20).

Nota-se, então, que a representação da masculinidade toma para si o elemento fálico enquanto órgão e objeto de poder, que perfura, que pode machucar, que simboliza fecundação, o que resulta na marginalização de outras formas de expressão de gênero e sexualidade, vistas como desviantes ou inferiores. A masculinidade torna-se, assim, sua qualidade como manifestação sexual opressora, com o poder falocêntrico determinando o que é considerado aceitável ou desejável na sociedade.

Ao permear a sociedade, esse padrão falocêntrico se reflete, também, nos espaços escolares, onde a divisão entre masculino e feminino é rigidamente demarcada. No caso dos banheiros masculinos das escolas, esses espaços se tornam locais onde a masculinidade hegemônica não só é só reforçada no uso comum do ambiente, mas também é reafirmada por meio de práticas discursivas como os GL. A escola é um dos “[...] lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado, é um campo de ação imensa que se encontra aberto às lutas feministas” (Bourdieu, 2012, p. 11). Dessa forma, o espaço do banheiro, enquanto local transitório dentro das escolas, torna-se lugar onde a violência simbólica e as normas falocêntricas são perpetuadas.

Os grafitos encontrados nos banheiros masculinos frequentemente exaltam a masculinidade, associando-a a poder, controle e dominação: “compreende-se que o falo, sempre presente metaforicamente, [...] concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante” (Bourdieu, 2012, p. 20). Assim, ao exaltar o pênis – “pau”, “pica”, “rola” –, os grafitos funcionam como dispositivos de poder que reforçam essa visão de mundo, promovendo uma masculinidade dominante enquanto desqualificam qualquer expressão de gênero que não se alinhe a essa norma.

A conexão entre masculinidade e poder, então, está intrinsecamente ligada ao falocentrismo. A supremacia masculina é naturalizada nas estruturas discursivas, iniciando-se pela ideia de um Deus, do sexo masculino, criando a narrativa de que, na hierarquia dos gêneros, o "ser mais importante" seria um homem[14]. Essa naturalização é replicada, de forma indireta, no ambiente escolar por meio dos GL, que reiteram o poder fálico, símbolo masculino, como norma social. Nesse sentido, Irigaray (1993) critica a ausência da sexualidade feminina nos discursos dominantes, afirmando que as ciências e as estruturas sociais ignoram a contribuição das mulheres, reforçando a invisibilidade feminina na esfera pública e, por conseguinte, nas manifestações de poder em espaços como os banheiros escolares.

Esses banheiros, então, tornam-se locais onde as hierarquias de gênero são reafirmadas e reproduzidas. Como destaca Foucault (1988), o controle sobre o corpo e a sexualidade vem com a medicalização do corpo feminino e a disciplinação dos corpos infantis, sendo essa uma forma de regulação social. Assim, ao tratar sobre o modo como a mulher é vista na sociedade, ele nos diz que:

> A personagem investida em primeiro lugar pelo dispositivo de sexualidade, uma das primeiras a ser "sexualizada" foi, não devemos esquecer, a mulher "ociosa", nos limites do "mundo" — onde sempre deveria figurar como valor — e da família, onde lhe atribuíam novo rol de obrigações conjugais e parentais: assim apareceu a mulher "nervosa", sofrendo de "vapores"; foi aí que **a histerização da mulher** encontrou seu ponto de fixação. (Foucault, 1988, p. 132, grifo nosso).

Dessa forma, verificamos que, a forma de enxergar o mundo por uma ótica patriarcal, por muito tempo enraizada na nossa sociedade, revela ações que desqualificam tudo o que subverte a visão binária e, para além desse fato, tudo o que não é ligado ao sexo masculino por meio do falo. Então, tudo o que não é masculino e viril, incluindo mulheres cis e trans, homossexuais afeminados etc., é desqualificado, reduzido, tornado histérico, mal-visto. A visão binária se reflete no modo com o qual se qualifica as relações, tendo como grande indicador as formas com as quais os sujeitos demonstram suas subjetividades sob a forma de afetividades e inclinações sexuais:

> Não meramente repressor, o poder nomeia um conjunto de relações positivas e produtivas que não podem ser compreendidas só a partir de binaridades

[14] Irigaray (1993, p. 6) observa que: "[…] man has been the subject of discourse whether in theory, morality, or politics. And the gender of God, the guardian of every subject and every discourse, is always masculine and paternal […]".

> como dominador-dominado, senhor-escravo, Eu-Outro, hétero-homo, macho-fêmea, homem-mulher, atividade-passividade, normal-patológico, endossável-abjeto, etc (Warmiling, 2023, p. 134).

Os grafitos, portanto, não apenas refletem, mas também reproduzem essas normas falocêntricas, promovendo uma visão de mundo onde:

> A oposição entre os sexos se inscreve na série de oposições mítico-rituais: alto/baixo, em cima/embaixo, seco/úmido, quente/frio [...] ativo/passivo, móvel/imóvel (o ato sexual é comparado à mó do moinho, com sua parte superior, móvel, e sua parte inferior, imóvel, fixada à terra, ou à relação entre a vassoura, que vai e vem, e a casa) (Bourdieu, 2012, p. 27).

Dessa forma, as subjetividades queer e homoafetivas, incluídas no *hall* de expressões dissidentes, sofrem a incidência direta das investidas patriarcais refletidas pela – e na – linguagem, por meio da inferiorização da feminilidade e exaltação da virilidade masculina. As normas falocêntricas são internalizadas por meio de práticas cotidianas e rituais sociais; "[...] sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de 'potência', um ato de dominação [...] que leva aquele que a sofre à desonra e à perda do estatuto de homem íntegro e de cidadão" (Bourdieu, 2012, p. 31). O que se pensa sobre as práticas sexuais homoafetivas, aliadas ao modo como o falocentrismo se articula na sociedade, contribui para que as sexualidades dissidentes sejam marginalizadas e vítimas da violência simbólica. Essas práticas perpetuam a reprodução de uma lógica patriarcal que organiza, também, o espaço escolar, consolidando uma hegemonia masculina que não só oprime, mas também invisibiliza e violenta identidades divergentes.

Como Butler (2018, p. 51) argumenta, "a repetição da lei que não representa sua consolidação, mas seu deslocamento, [...] nós podemos desenvolver uma noção de sexualidade construída em termos das relações fálicas de poder". Essa repetição, materializada nos GL, consolida as normas cis-heteronormativas e falocêntricas, perpetuando um ciclo de controle social e opressão. A autora (*Ibid.*, p. 53) ressalta que "[...] os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo buscam incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas", o que implica uma constante reafirmação dessas normas no cotidiano escolar. No entanto, como ela nos diz, essa repetição também abre espaço para a subversão, permitindo que questionamentos sejam feitos acerca das

práticas reguladoras de identidade que sustentam a ordem falocêntrica na escola sob a forma de contestações.

Assim, “[...] o dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações [...]” (Foucault,1988, p. 118), o que se reflete no ambiente escolar, onde esse controle se mostra na forma como a sexualidade é regulada, reforçando o domínio masculino e a repressão de outras formas de sexualidade. O peso da sexualidade, como descrito pelo autor (*Ibid.*, p. 146), é tão profundo que se torna “mais importante do que nossa alma, mais importante do que nossa vida”, moldando de forma significativa a dinâmica de poder dentro das instituições educacionais.

Nesse contexto, Moita Lopes (2002, p. 30) aponta que “[..] é por meio desse processo de construção do significado, no qual o interlocutor é crucial, que as pessoas se tomam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no mundo por intermédio da linguagem”. As escolas, portanto, são espaços em que as identidades de gênero e sexualidade são formadas e reproduzidas através de discursos que promovem a masculinidade hegemônica. Como o linguista (*Ibid.,* p. 129) destaca, “o desempenho de masculinidade envolve engajamento em um projeto de masculinidade hegemônica, que é entendido como expressão da heterossexualidade”. Assim, o falocentrismo se reafirma continuamente, reforçando as normas cis-heteronormativas e patriarcais que estruturam o ambiente escolar.

Em suma, o falocentrismo nas escolas estabelece uma estrutura rígida que define os papéis de gênero e sexualidade, perpetuando normas patriarcais e cis-heteronormativas que consolidam o poder masculino. Mediante práticas cotidianas, essas normas são reforçadas de maneira quase imperceptível, moldando as interações e expectativas sociais dos(as) alunos(as). Essa dinâmica de poder cria um ambiente onde o masculino domina, enquanto outras formas de expressão sexual e identidade são marginalizadas, preparando o terreno para a imposição da heterossexualidade compulsória, que será abordada no próximo tópico.

4.3 A Heterossexualidade compulsória como produtora da Cis-heteronormatividade

A heterossexualidade compulsória, segundo Bourdieu (2012, p. 140), refere-se à imposição da heterossexualidade como a única forma legítima de orientação sexual, marginalizando e patologizando outras formas de identidade e expressão sexual. Assim, pode-se pensar numa performance baseada na sexualidade, que "[...] sempre é construída nos termos do discurso e do poder, sendo o poder em parte entendido em termos das convenções culturais heterossexuais e fálicas" (Butler, 2018, p. 230). Nesse sentido, a heterossexualidade compulsória não é apenas uma prática social, mas também um regime de poder que regula os corpos e as sexualidades, controlando as possibilidades de expressão sexual em uma lógica binária que favorece a heterossexualidade.

É por meio da aceitação da heterossexualidade como uma sexualidade canônica, que molda as relações, que a heteronormatividade, atualmente chamada por cis-heteronormatividade[15], opera mediante práticas culturais e sociais que atribuem aos sujeitos homoafetivos papéis baseados na cis-binariedade. Tais papéis são baseados em estereótipos que classificam os sujeitos em ativo/dominante e passivo/submisso, reforçando a estrutura de dominação masculina. A cis-heteronormatividade se consolida como produto da heterossexualidade compulsória, sendo "[...] a própria heterossexualidade construída socialmente e socialmente constituída como padrão universal de toda prática sexual 'normal', isto é, distanciada da ignomínia da "contranatureza" (Bourdieu, 2012, p. 102).

Esse sistema de normas é perpetuado por instituições sociais como a escola, que desempenha um papel importante na reprodução dessas normas. Ao longo da infância e adolescência, os indivíduos são socializados em um sistema que legitima apenas a heterossexualidade, enquanto outras formas de sexualidade são invisibilizadas ou estigmatizadas. Essa imposição corrobora com a constituição de uma "violência simbólica" (Bourdieu, 2012), sendo essa uma forma de dominação exercida que não parece coercitiva, mas é internalizada como uma norma social.

No ambiente escolar, a heterossexualidade compulsória se manifesta de maneira explícita via discursos e práticas cotidianas, inclusive nos grafitos encontrados nos banheiros masculinos. Como se vê, os GL frequentemente

[15] Mais uma vez, reitero a necessidade de me utilizar da expressão cis-heteronormatividade. Neste ponto do trabalho, torna-se necessário apontar que a heteronormatividade refere-se ao modo como as relações são constituídas, baseadas na norma heterossexual, ainda que os(as) sujeitos(as) envolvidos(as) se constituam, em sua sexualidade, de forma externa à heterossexualidade compulsória. Tal fato, no contexto do trabalho, não se aplica à comunidade trans.

reproduzem narrativas centradas na figura masculina, sob a forma de representações falocêntricas, estabelecendo a masculinidade heterossexual como padrão de valor e poder. Percebe-se, então, que a sexualidade feminina, assim como as vivências homoafetivas, principalmente as relegadas pela sociedade a um papel de "passividade", além daquelas que performam de forma mais feminina – ou afeminada –, são colocadas numa posição subalterna, sempre em função da satisfação e da afirmação dos sujeitos masculinos e cis. Nos GL, essa dinâmica de poder é muitas vezes reforçada pela ridicularização de outras formas de sexualidade, como a homossexualidade, vista como um desejo recalcado e/ou uma ameaça à masculinidade hegemônica.

Quando nos vemos diante desta forma normativa de enxergar as vivências sexuais e de gênero, percebemos a interferência cristã/ocidental/eurocêntrica/branca nas narrativas criadas e contadas por eras, que não só enraizaram a heterossexualidade, mas atribuíram a heteronormatividade, mas que realizam, diária e oportunamente, a manutenção deste sistema. Michel Foucault, em sua análise sobre a história da sexualidade, aponta que "[...] o casal legítimo e procriador dita a lei impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade" (Foucault, 1988, p. 9). Esse "casal legítimo" vem sendo utilizado como arquétipos ideais por muito tempo, principalmente quando nos vemos diante das parábolas bíblicas sobre Adão e Eva. Ou seja, o casal heterossexual é a base da heterossexualidade compulsória, tendo na figura feminina o ser fraco e corrompível, um contraponto com o ser masculino, viril, honrado e trabalhador. Essa lógica criada é repetidamente compartilhada, exaltada como verdade universal. De forma interdiscursiva ela se enraíza nos discursos, por meio de expressões e léxicos que glorificam a virilidade masculina e desqualificam qualquer desvio da norma heterossexual.

A heterossexualidade compulsória também se manifesta no controle dos corpos e da sexualidade, como discutido por Foucault (1988, p. 132), que descreve a "histerização do corpo da mulher" no que concerne à sua sexualidade. Nos grafitos escolares, esse controle é refletido na forma como a sexualidade é representada: enquanto a masculinidade heterossexual é celebrada, as expressões de feminilidade e homossexualidade são frequentemente tratadas como patológicas ou indignas, ou como alvo de objetivação e desejo violento por possuir e penetrar. Essa dinâmica reflete o que Butler (2018, p. 37) chama de "regulação binária da sexualidade", um

sistema que suprime a multiplicidade de identidades sexuais e reforça a hegemonia heterossexual.

Essa forma binária de enxergar as relações, como prática culturalmente estabelecida, molda as relações de poder dentro dos espaços escolares, manifestando-se na reprodução de um discurso normativo que privilegia o masculino sobre o feminino. Conforme a autora (*Ibid.*, p. 50-51), se a sexualidade é construída culturalmente no interior das relações de poder existentes, então a postulação de uma sexualidade normativa que esteja “antes”, “fora” ou “além” do poder, constitui uma impossibilidade cultural e um sonho politicamente impraticável. Tal reflexão aponta que a sexualidade não é uma essência pré-discursiva, mas um produto da cultura, o que se revela especialmente nas práticas escolares que reforçam a heterossexualidade como única norma aceitável de relações entre sujeitos(as) excetuando-se e marginalizando-se outras possibilidades.

A instituição de uma heterossexualidade compulsória regula o gênero de maneira binária, como Butler (2018, p. 41) afirma:

> A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo “masculino” diferencia-se do termo “feminino”, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual.

Esse processo de binarização, ao ser aplicado em contextos escolares, reflete-se nos grafitos latrínicos que frequentemente reforçam a dominação masculina e a submissão feminina, perpetuando um imaginário falocêntrico. Esses grafitos homofóbicos encontrados nas paredes dos banheiros escolares funcionam como práticas discursivas de poder que buscam manter a heterossexualidade como única forma aceitável de manifestação sexual, atribuindo o sentimento de abjeção aos sujeitos com orientação sexual dissidente. Nesse sentido, a heterossexualidade compulsória, como molde de experiências canônicas, portanto, binárias, colaboram com a cis-heteronormatividade, impondo papéis de dominação e submissão nas relações homossexuais.

Destarte, a cis-heteronormatividade pode ser entendida como um desejo homoafetivo recalcado. O sujeito dominador, em meio a pulsão sexual, inconforma-se com seu desejo, o que gera o conflito entre a vontade de possuir e a repulsa pelo ato considerado abominável e sujo. Neste ínterim, percebo que certas coisas só podem ser feitas e ditas em locais privativos, velados, efêmeros. O banheiro torna-se, assim

local não só para o sexo entre homens, mas para o ato sexual normativo. A escrita latrínica nos mostra papéis muito bem delineados diante da norma heterossexual, onde aquele que se entende como homossexual – alvo do insulto – é forçado a ter o papel da passividade e aquele que se encontra no conflito com a norma, assume o papel de atividade e de reprodução da violência simbólica. Por essa ótica, esse tipo de violência surge a partir do não entendimento da própria sexualidade, o que gera sofrimentos no sujeito dominador, que não satisfeito com seu desejo, direciona, por meio da escrita, o insulto. A violência simbólica, então, pode culminar em violências físicas:

> [...] poderíamos lembrar aqui os testemunhos de homens a quem torturas foram deliberadamente infringidas no sentido de feminizá-los, sobretudo pela humilhação sexual, com deboches a respeito de sua virilidade, acusações de homossexualidade ou, simplesmente, a necessidade de se conduzir com eles como se fossem mulheres (Bourdieu, 2002, p. 32).

Nota-se, então, que o escárnio e a violência verbal presente nos grafitos, que toma para homossexuais características erroneamente femininas pelo ponto de vista cultural, impondo a submissão, que pode ter seu ápice nas violências físicas comumente retratadas[16].

Entende-se, então, que a construção das categorias de masculino e feminino, como advém das relações sociais e de poder, são produções de significados culturais, baseados numa lógica que fixa os papéis mediante:

- à genitália ou órgão em uso;
- à performance: se masculina ou feminina.

Esse entendimento torna evidente que os papéis de gênero e sexualidade são reforçados no ambiente escolar mediante discursos que se manifestam em diversos espaços, como nos banheiros, onde a masculinidade hegemônica se reafirma por meio de grafitos que objetivam e sexualizam corpos femininos e ridicularizam qualquer manifestação de homossexualidade. Esses papeis encontram-se bem demarcados nos currículos ocultos, enquanto formações discursivas que assujeita e "[...] ensina,

[16] Até o momento, o observatório nacional de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil não possui os dados estatísticos do ano de 2024. Porém, a entidade nos expõe a quantidade comprovada de 230 mortes LGBT de forma violenta no país. Dessas mortes 184 foram assassinatos, 18 suicídios e 28 outras causas. Disponível em: https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2023/ .

em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo" (Silva, 2016, p. 79). Esses, passados por meio da educação de estudantes:

> [...] através de rituais, regras, regulamentos, normas. Aprende-se também através das diversas divisões e categorizações explícitas ou implícitas próprias da experiência escolar: entre os mais "capazes" e os menos "capazes", entre meninos e meninas, entre um currículo acadêmico e um currículo profissional" (*Ibid,* p. 79).

Dessa forma, verifico que, enquanto forma invisível de delineação das sexualidades, a cis-heteronormatividade se reafirma no cotidiano escolar por meio das práticas cis-binárias, seja no modo como ela consolida essas normas na separação por sexo numa visão biologizante, seja no modo como o qual a escola se silencia perante as questões de gênero e sexualidade, o que torna o banheiro "[...] o último bastião do sistema heteronormativo e patriarcal" (Cicconeti, 2019, p. 9) e um grande revelador do que é abafado pela sociedade.

Cabe-nos, professores(as), fissurar as estruturas que realizam a manutenção desses currículos. Nos tornarmos cientes da existência do mesmo é o primeiro passo para a agência, no sentido de desmantelar com as estruturas que o sustenta e promove desigualdades. Vê-se, então, a necessidade de promover uma educação genuína, que perceba na diferença a riqueza de matizes e subjetividades, desafiando a matriz, que promove as desigualdades de raça e gênero. É preciso, então, promover esses temas à centralidade das discussões na pedagogia.

Como veremos no capítulo de análise do corpus, os grafitos analisados demonstram que, em muitos casos, a escola atua como uma extensão da heterossexualidade compulsória, o que, nos GL, determina práticas cis-heteronormativas, onde a subversão é reprimida ou ignorada, e a proliferação de discursos de poder se torna evidente. Como nos lembra Moita Lopes (2002, p. 196), a escola "[...] tem o poder tanto de reproduzir as identidades normativas de gênero e sexualidade quanto de oferecer espaços para sua subversão, dependendo de como as práticas discursivas são estruturadas". Dessa forma, ao não se preocupar com a escrita latrínica, a escola produz um silenciamento impertinente e indesejável, que deixa passar questões importantes sobre gênero e sexualidade e fomenta a violência e a morte por LGBTfobia.

Esse silenciamento também perpetua as diferenças de direitos que permanecem em uma agenda oculta, não colocada em documentos oficiais, mas que

se mantem na cultura. Somente a educação pode diminuir o contraste que mantem a hegemonia masculina. Percebe-se, então, que a relação entre sexualidade e poder é notável, pois “[...] os mecanismos de poder foram, de fato, empregados mais para suscitar e ‘irritar’ a sexualidade do que para reprimi-la” (Foucault, 1988, p. 164). A nossa sociedade pode, então, ser considerada uma sociedade de “sexualidade”, que (re)produz mecanismos de poder dirigidos ao corpo, no sentido de domá-lo, de tirar sua autonomia diante de suas orientações, inclinações e subjetividades. Nos GL, esses mecanismos de poder são reproduzidos através da objetivação sexual e da exclusão de identidades que não se conformam ao padrão heterossexual, Dessa forma “[...] o dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o de proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (*Ibid*., p. 118).

É notório, então, que a heterossexualidade compulsória atua como um dispositivo de poder, regulando a sexualidade e delimitando os corpos e identidades que podem ser legitimados ou excluídos, alimentando, assim a cis-heteronormatividade nas relações entre sujeitos na prática discursiva e seus atos decorrentes. Verifico, que a imposição da heterossexualidade manifestada pela norma Reprime a pulsão sexual sem explicá-la, patologizando o desejo homossexual, o que torna a escola um espaço cis-heteronormativo, onde a sexualidade e as questões de gênero não são elucidadas, o que serve de manutenção do status quo patriarcal. Esse processo também reflete uma dinâmica de reificação dos corpos, que serão explorados na próxima seção.

4.4 Reificação e sexualização dos corpos

A educação é um dos principais espaços de socialização e produção de subjetividades. No entanto, essa produção, conforme aponta Louro (1997), segue normas implícitas que buscam conformar os sujeitos dentro de padrões cis-heteronormativos. “O processo de ‘fabricação’ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível”, afirma a autora (*Ibid.*, p. 63). Esse processo revela-se nas práticas pedagógicas e nas dinâmicas cotidianas que ocorrem nos espaços latrínicos da escola. Esses locais, patrocinados pelo anonimato, servem como suporte para que discursos agressivos de reificação venham à superfície por meio da escrita latrínica.

As sexualidades homoafetivas tornam-se alvo de mensagens insultuosas, de teor agressivo e opressor[17]. Nos grafitos, expressões homoeróticas coexistem, se entrelaçando em discursos violentos e de teor homofóbico, refletindo a existência e a marginalização dessas identidades. A escrita latrínica, portanto, torna-se um meio de disputa, onde desejos e corpos dissidentes são utilizados como insultos e alvo de objetivação. Louro (1997, p. 81) observa que a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais é um dos objetivos implícitos da instituição escolar. Nesse sentido, a sexualização dos corpos dissidentes nos banheiros escolares é uma afirmação de sua existência e uma tentativa de disciplinamento e controle por parte do discurso dominante.

A escrita latrínica que aborda as sexualidades homoafetivas muitas vezes expõe esses corpos ao ridículo ou à violência simbólica, como os grafitos que zombam de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo ou que reduzem corpos dissidentes a meros objetos de desejo são comuns. Esse tipo de representação reflete o que Hall (2006, p. 248) descreve como a "[...] objetivação que articula a hegemonia masculina e seu domínio sobre a própria aparelhagem da representação". Nesse caso, a hegemonia cis-heteronormativa utiliza a escrita latrínica como uma ferramenta para reafirmar seu controle sobre os corpos que não se conformam às suas normas, sexualizando e fragmentando essas identidades.

O fetichismo, então, "envolve substituir por um 'objeto' uma força perigosa e poderosa, mas proibida" (*Ibid.*, p. 206-207). No contexto das sexualidades dissidentes, essa força perigosa pode ser entendida como o próprio desejo homoafetivo, que é constantemente recalcado pelo discurso heteronormativo. É nesse sentido que a escrita latrínica, ao fetichizar e sexualizar corpos dissidentes, tenta reduzir essa ameaça a uma série de símbolos controláveis, fragmentando os corpos em partes, tolhendo-lhes a subjetividade e excluindo esses corpos do campo da legitimidade, ao passo que reconhece, mesmo que de forma perversa, sua presença nos espaços escolares.

[17] Considero a existência do fenômeno "simulacro discursivo" (Melo, 2024) no qual palavras insultuosas são absolvidas pela comunidade LGBTQIAPN+ e utilizadas na prática discursiva, sem que haja conotação ofensiva, que re-categoriza o vocábulo na "[...] passagem da injúria para o orgulho – de forma télica" (Ibid, p. 143). No entanto, essa categoria não é analisada e verificada nos grafitos de banheiros masculinos. Quando observo que existe uma não presença de mensagens que repliquem esse fenômeno linguístico-discursivo, constato que, discursivamente, o ambiente reproduz – e mantém – a norma, sem que haja, por parte da escola, uma educação crítica para as relações de gênero e sexualidade que se contraponha ao preconceito e ao insulto em âmbito escolar.

Da mesma forma, os corpos femininos estão expostos ao fenômeno nos grafitos, ao passo que frequentemente transformados em objetos de desejo sexual, reduzidos a partes corporais fragmentadas. Hall (2006, p. 248) ressalta que “[...] a imagem do nu feminino pode ser entendida não tanto como uma representação do desejo sexual (hétero), mas como uma forma de objetivação que articula a hegemonia masculina”. Nos GL esse fato é constatado, à medida em que percebo como partes do corpo são colocadas como fragmento de uma pessoa que existe, no entanto, é retratada como meros órgão disponível para a penetração e o prazer masculino.

Tal objetivação é nomeada de reificação. A reificação é, segundo Dalbosco (2011) o ato de transformar uma relação social, mediada por atividades humanas, em uma relação entre coisas, perdendo-se, assim, a dimensão do reconhecimento mútuo que deveria caracterizar as relações intersubjetivas. Essa constituição envolve, na prática, a criação de corpos femininos dóceis e sexualizados, que ocupam um lugar submisso nas hierarquias de gênero, promovendo, também, o silenciamento de corpos dissidentes e de orientação homoafetiva, além da abjeção dos mesmos, tornando-os alvos de violência:

> Essa hierarquia de sexualidade e de gênero, articulada a partir da **oposição macho/masculinidade/atividade sexual versus fêmea/feminilidade/ passividade sexual,** busca englobar compulsoriamente todas as categorias e identidades sexuais. Quem não se enquadra é percebido como uma espécie híbrida e dissidente do cânone cultural (Melo, 2024, p. 27, grifos do autor).

A escrita latrínica é, portanto, uma extensão dessas práticas, onde os corpos femininos e dissidentes são reconfigurados em uma lógica que reforça a subordinação e a subserviência ao homem: “o fenômeno da reificação significa [...] a forma mais radical de destruição do laço (sentimento) originário que une as pessoas umas às outras” (Dalbosco, 2011, p. 35). Dessa forma, a reificação destes corpos nos espaços escolares, particularmente através da escrita latrínica, não apenas perpetua a lógica cis-heteronormativa e patriarcal, mas também cria um ambiente propício à disseminação de discursos de ódio e discriminação. Encontra-se, então, a fragmentação e sexualização dessas identidades, através de enunciados explícitos de desejo e intolerância, reforçando hierarquias de poder.

5 ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA AOS GRAFITOS LATRINÁRIOS

A Análise do Discurso (AD) francesa se apresenta como um campo teórico e metodológico que se propõe à investigação das formas como os sujeitos se constituem e se posicionam por meio da linguagem, (re)produzindo discursos. Quando refletimos sobre o contexto atual/digital, com a proliferação das redes sociais e a intensificação dos fluxos de comunicação, os estudos discursivos encontram novas camadas de complexidade presentes nos discursos contemporâneos, que ganham, na maioria das vezes, a atenção dos analistas do discurso. Porém, quando verificamos que formas consideradas como corriqueiras na expressão humana, tais como os grafitos, podem ser objetos de estudo dentro das abordagens discursivas, percebemos o quão complexa é a comunicação humana.

Somos seres essencialmente sociais. Não conseguiríamos avançar sem as interações humanas, sem o diálogo e as tensões decorrentes de uma prática que. Por si só, jamais seria solitária: “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p. 345), portanto, todo discurso está sempre em relação com outros discursos, sejam eles contemporâneos ou não. Verificamos que Bakhtin nos permitiu enxergar a língua não como um sistema fechado, mas como um espaço de interação entre diferentes vozes, o que se reflete na própria estrutura das interações sociais. Para o estudioso, o locutor não pode “[...] agir como se os outros não existissem” (*Ibid.*, p. 16), o que destaca a importância de nos voltarmos a uma visão dialógica na construção de sentidos no uso da linguagem.

Essa abordagem dialógica encontra ressonância por meio da Análise do Discurso, na sua vertente francesa, que se consolidou como uma “[...] proposta crítica que busca problematizar formas de reflexão estabelecidas” (Orlandi, 1987, p. 11). Dessa forma, a AD não irá se prender ao significado literal dos textos, sobretudo quando nos atemos a um valor tão somente semântico. Foi por meio da virada pragmática que percebemos que os textos passaram a ter um sentido diferente, ao passo que o contexto é levado em consideração. Sendo assim, ao focar-se na materialidade da linguagem e nos processos históricos que a atravessam, a AD resiste às “[...] falsas respostas que contornam a materialidade daquilo que está em jogo na língua” (Pêcheux, 2016, p. 17). E foi em Pêcheux, um dos principais expoentes da AD francesa, que a AD se desenvolveu enquanto teoria e método de análise, com

procedimentos científicos. Assim, a máxima pecheutiana “há um real na língua, há um real na história, há um real no inconsciente” (*Ibid.*, p. 17) segue reforçando a ideia de que o discurso é atravessado por múltiplas determinações que não se esgotam na interpretação imediata: ele é atravessado pela materialidade textual, pelos fatores históricos vivenciados pelos sujeitos, e é proferido por um sujeito que pode não controlar, em sua totalidade, o que é dito, pois ele se sujeita a um conjunto de fatores que normatizam o que ele pode e deve falar.

A AD, portanto, não é uma ciência exata, mas uma “ciência da interpretação” que “[...] não estaciona em uma interpretação, ela a interroga” (Orlandi, 2013, p. 4). Assim, a AD busca problematizar as leituras do discurso, trazendo à superfície os modos com os quais os sujeitos se posicionam em contextos comunicativos específicos. Ao ter como objeto de estudo o discurso, enquanto sentido mobilizado em um dado enunciado, consideramos que “a unidade de análise do discurso é objeto de incessantes debates, uma vez que se trata de um campo particularmente ativo, muito fluido, dividido entre múltiplas problemáticas” (Maingueneau, 1997, p. 60). Isso se deve, na maioria das vezes, à natureza dinâmica da linguagem, que está sempre em movimento, articulando-se com os diferentes modos de organização textual e situações de comunicação dentro das muitas possibilidades de expressão dos sujeitos.

Atualmente, essa fluidez se torna ainda mais evidente quando pensamos nas práticas discursivas que surgem em espaços urbanos, como os grafitos latrinários, onde as interações se dão em camadas de sentido. Com o auxílio da AD, posso me debruçar sobre essas textualidades, explorando as formas como a escrita latrínica e as práticas sociais se entrelaçam, na construção dos discursos. Como Maingueneau observa, “[...] o analista do discurso pode tomar como base de trabalho um gênero de discurso [...], mas ele só parte de um gênero para situá-lo em seus lugares” (*Id.*, 2004, p. 14), dessa forma, verificamos a importância de nos atentar às condições de produção do discurso e às suas materialidades específicas.

Assim, a Análise do Discurso nos permite não apenas entender como os enunciados são estruturados, mas também como eles agem sobre os interlocutores e sobre o ambiente social em que estão inseridos. Quando penso por essa perspectiva, percebo que mesmo as falas que parecem despretensiosas, sem a intenção explícita de convencer, “[...] buscam ainda exercer alguma influência, orientando modos de ver e de pensar” (Amossy, 2011, p. 129). Essa influência sutil se dá pelas interações

discursivas, o que nos elucida sobre a dimensão pragmática da linguagem: o discurso é sempre mais do que uma simples troca de informações, mas um jogo de linguagem entre interlocutores que possuem intenções.

Dessa maneira, “[...] toda troca verbal repousa sobre um jogo de influências mútuas e sobre a tentativa, mais ou menos consciente e reconhecida, de usar a fala para agir sobre o outro” (*Ibid.*, p. 129). Esse caráter interativo do discurso nos exemplifica sua função em determinados contextos nos quais as relações de poder se manifestam, mesmo quando não estão marcadas de forma evidente.

5.1 A escolha pela AD como método de análise

Sabe-se que existem abordagens teórico-metodológicas que apontam significações diferentes para um mesmo objeto de estudo. A AD, então, foca na relação entre ideologia, história e linguagem, sendo essa tríade importante para podermos interpretar os grafitos dentro do contexto sociocultural em que são produzidos.

A AD questiona o que os grafitos dizem sobre as relações de poder, identidade e pertencimento, sem se fixar somente no conteúdo. “A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem” (Caregnato & Mutti, 2006, p. 681).De outro modo, a análise dos grafitos não atingiria as dinâmicas de significação e poder envolvidas no ato de escrever em um espaço marginal como o banheiro.

A Análise de Discurso trata a linguagem como algo complexo, o que exige do pesquisador uma abordagem mais crítica e interpretativa. “Na AD, a linguagem não é transparente, mas opaca, por isso, o analista de discurso se põe diante da opacidade da linguagem” (Caregnato & Mutti, 2006, p. 684). Isso significa que os grafitos não são simplesmente manifestações de um conteúdo repetido, mas produções discursivas que se articulam com as experiências sociais e os conflitos de identidade dos(as) discentes. Destarte, a AD se apresenta como um campo que dialoga com várias outras áreas do conhecimento, o que a torna uma abordagem mais abrangente e adaptável a diferentes fenômenos discursivos:

> A análise do discurso visa estudar o uso efetivo da língua. A unidade de análise do discurso é objeto de incessantes debates, uma vez que se trata de um campo particularmente ativo, muito fluido, dividido entre múltiplas problemáticas (Maingueneau, 1997, p. 60).

A escolha pela AD, portanto, se fundamenta na necessidade de compreender os processos discursivos, considerando a opacidade da linguagem e os contextos de produção dos grafitos. Dessa forma, ao utilizar essa abordagem, e não outras, para a análise dos grafitos de banheiro, verifico que ela se mostra adequada para lidar com a complexidade desses fenômenos. Enquanto ferramenta que facilita a diagnose do fenômeno visto no objeto de pesquisa, esse campo investigativo permite que o pesquisador vá além do texto e investigue o sentido mobilizado mediante o recorte de espaço e tempo ao qual estão submetidos os enunciados.

A teoria me permite, então, examinar os sentidos gerados para compreender como discentes frequentadores de banheiros masculinos demarcam suas posições no ambiente escolar, utilizando a linguagem como meio de expressão. Dessa forma, a AD possibilita explorar as camadas de significação que surgem na enunciação, facilitando a interpretação dos sentidos gerados na escrita latrínica.

5.2 Abordagens teóricas relevantes para a análise dos grafitos

Como vimos na seção anterior, a escolha pela AD como método de investigação se justifica pela sua capacidade de revelar os sentidos que circulam nos textos e práticas sociais. No caso dos grafitos latrinários, essa abordagem oportuniza os meios para compreendermos como essas inscrições refletem e/ou subvertem normas sociais. A AD possibilita que se observe não apenas o conteúdo escrito, mas também as relações de poder, identidade e exclusão que permeiam a produção desses discursos em ambientes como os banheiros masculinos de espaços escolares, que se configuram como locais de expressão muitas vezes marginalizada.

Nos itens que seguem, abordo as principais categorias teóricas que sustentam essa análise, começando por intertextualidade e interdiscurso. Cada uma dessas categorias será discutida separadamente, demonstrando como elas são aplicadas no estudo dos grafitos. A aplicação da teoria me permite explorar como os diferentes elementos discursivos se articulam, revelando processos complexos de significação, presentes nas paredes dos banheiros, mas que ecoam dinâmicas sociais e culturais.

5.2.1 Interdiscursividade nos grafitos latrinários

Na abordagem discursiva de nossa análise, utilizarei o conceito de interdiscurso. Para tal, a discussão sobre intertextualidade e interdiscurso me parece pertinente, vez que esses são conceitos que se parecem ao passo que se distinguem um do outro, sendo fundamentais para compreendermos a relação entre diferentes enunciados e suas produções de sentido. Sendo assim, Bakhtin (1997, p. 343) nos diz que “[...] dois enunciados distintos confrontados um com o outro [...] entabulam, inevitavelmente, uma relação dialógica entre si”, ilustrando a base do conceito de intertextualidade, que se refere à interação dialógica e explícita entre textos, onde um texto remete a outros, seja em seu conteúdo, estilo ou estrutura. Dessa forma, um texto nunca é completamente isolado, pois carrega em si a herança de outros com os quais dialoga, direta ou indiretamente.

Para Orlandi (1987, p. 159), a intertextualidade pode ser vista sob dois aspectos principais: primeiro, ela envolve a relação do texto com aqueles que o precedem, os textos que servem de base para sua criação; segundo, envolve sua conexão com os textos futuros, ou seja, as novas interpretações ou paráfrases que podem surgir a partir dele. Ao pensar por este viés, posso destacar que o texto está sempre em movimento em uma rede de relações, moldando e sendo moldado por outros.

Por outro lado, o interdiscurso se distingue da intertextualidade por envolver um campo maior e menos visível de interações discursivas. Orlandi (2001, p. 80) define o interdiscurso como “[...] a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos [...] um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória”. Diferente da intertextualidade, que se preocupa com relações explícitas entre textos, o interdiscurso aborda as formações discursivas que moldam e limitam o que pode ser dito, ainda que essas influências sejam, muitas vezes, esquecidas ou não facilmente identificáveis.

Essa distinção entre intertexto e interdiscurso é enfatizada também por Maingueneau (1997, p. 121), que observa que, enquanto a intertextualidade lida com relações visíveis entre textos, o interdiscurso abrange as relações implícitas entre diferentes formações discursivas. O interdiscurso atua como uma “base invisível”, composta por discursos anteriores que determinam o que pode ou não ser dito em determinado contexto. Ou seja, ele influencia o sentido ao lidar com memórias discursivas que moldam o horizonte de possibilidades de cada enunciado.

Nesse sentido, Orlandi (2001, p. 33) ressalta que “[..] o interdiscurso é todo o conjunto de formações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Essa ideia nos leva a entender que, mesmo que não estejamos diretamente cientes dessas influências, elas operam de forma silenciosa nos discursos que produzimos. Assim, o interdiscurso age como uma estrutura que fornece as condições para a produção do discurso, enquanto a intertextualidade lida mais diretamente com a materialidade textual.

No contexto dos grafitos latrinários, essa diferenciação é importante para a compreensão da complexidade das inscrições nesses espaços. Ao analisar esses grafitos, podemos observar como eles se relacionam com discursos mais abrangentes, que não são explicitamente referenciados, mas que os sustentam, de forma interdiscursiva. Os grafitos, muitas vezes, ecoam discursos sociais dominantes, como a normatividade de gênero e sexualidade, ao passo que se inscrevem em um campo discursivo de disrupção e transgressão das normas sociais.

Ao aplicar o conceito de interdiscurso, verifico que esses textos também estão enraizados em processos cristalizados na sociedade que se manifestam sob a forma de interdiscursos sobre identidade e poder masculinos, que podem não ser imediatamente visíveis, por serem mascarados, por exemplo, pelo humor (Possenti, 2018), mas que influenciam o que é escrito e como é interpretado. Nesse sentido, verifico uma ligação entre os GL com teor sexual e discursos de masculinidade hegemônica, que prezam pelas relações heterossexuais que mantém o homem cis no poder, marginalizando pessoas com orientação sexual dissidente.

Por fim, Maingueneau (2004, p. 23) nos lembra que estamos sempre “mergulhados em um interdiscurso”. Essa imersão é evidenciada quando nos debruçamos sobre os grafitos latrinários, que, ao mesmo tempo que podem parecer textos isolados e espontâneos, estão conectados a um conjunto de discursos sociais – e sexuais. Ao passo que essas textualidades se mostram com influências interdiscursivas mais sutis, essas inscrições fazem surgir camadas de interação entre sujeitos e discursos, o que nos permite a análise dos sentidos ali produzidos.

No contexto dos GL, o interdiscurso nos permite perceber que esses textos se conectam a formações discursivas, que modelam os dizeres. As inscrições nas paredes dos banheiros escolares são sustentadas por uma memória discursiva que carrega discursos anteriores sobre gênero e sexualidade, permeadas pelas violências verbais, que se materializam de forma física, numa demarcação de poder. Esses

grafitos, ao ecoarem normas sociais ou subverterem expectativas, revelam a presença de discursos já cristalizados na sociedade, que determinam, ainda que de forma implícita, o que é possível ser dito e como essas manifestações são recebidas pelos outros.

Destarte, a análise interdiscursiva desses grafitos expõe a relação entre o discurso presente nas inscrições e os discursos que não são diretamente visíveis, mas que moldam essas expressões, então, verifico o elo entre os grafitos e os discursos cis-heteronormativos. Quando um grafito reafirma estereótipos de gênero ou expressa formas de violência, ele se insere em um campo discursivo maior que já estabeleceu essas práticas discursivas como possíveis ou até mesmo aceitáveis naquele contexto específico. Assim, a análise interdiscursiva revela como esses textos funcionam em um campo de afirmações sexuais, revelando as influências que sustentam as formas de dizer que aparecem nesses espaços.

5.2.2 A Lexicalização proveniente do Deslizamento de sentidos

A lexicalização desempenha um papel crucial na formação dos sentidos dentro dos discursos. Trata-se de um processo contínuo em que determinados termos ou expressões vão adquirindo sentidos mais específicos, quando estabilizados no interior de uma formação discursiva. Assim, “a lexicalização de determinados conceitos ocorre no interior de um espaço discursivo, onde as palavras adquirem uma carga específica de sentido” (Maingueneau, 2015, p. 95). Esse espaço discursivo não é fixo, mas moldado pelas interações sociais e históricas que se entrelaçam com o uso das palavras.

Torna-se importante compreender que a lexicalização não implica em uma fixação definitiva dos sentidos, mas em uma estabilização temporária que depende das condições sócio-históricas em que os discursos se situam. Sendo assim, “os sentidos são, em certa medida, estabilizados, mas essa estabilidade é sempre temporária, sujeita às forças sociais e ideológicas que atuam sobre o discurso” (Orlandi, 2007, p. 25). Portanto, o processo de lexicalização possui um caráter de fluidez, sempre vulnerável às transformações, consoante os contextos em que está inserido. Verifico, então, que as palavras não possuem um sentido intrínseco, mas adquirem significado conforme são mobilizadas em diferentes situações discursivas.

Além disso, o processo de lexicalização também envolve inovação dentro do discurso: utilizar um vocábulo em um novo contexto, evocando novos sentidos por meio da repetição. A repetição de determinadas formas linguísticas em contextos estabilizados leva à fixação de sentidos, fazendo com que certos enunciados adquiram uma significação própria dentro de um campo discursivo específico, como afirma Orlandi (2007, p. 23). No entanto, essa repetição não é um simples espelhamento de sentidos preexistentes, mas permite a produção de novos significados: “Ser enunciador de um discurso [...] é ser capaz de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a essa formação discursiva” (Maingueneau, 2008, p. 49).

No estudo dos grafitos latrinários, o fenômeno da lexicalização observado. As expressões encontradas nas paredes dos banheiros escolares são, em muitos casos, resultado de um processo de sedimentação de sentidos que reflete as tensões sociais e ideológicas dos grupos que frequentam esses espaços. Muitas das palavras – “viado”, “bixa” – e frases repetidas nesses grafitos – “vsfd” enquanto abreviatura para “Vai se foder” – adquirem uma carga significativa particular, configurando-se como “unidades de sentido” (Orlandi, 2007, p. 24) dentro da formação discursiva daquele ambiente.

Os grafitos, ao longo do tempo, tornam-se um exemplo claro de como a lexicalização funciona na prática, especialmente no que diz respeito a expressões de poder e de discursos violentos. Termos depreciativos ou insultos, que inicialmente poderiam ter uma pluralidade de significados, passam a se consolidar como veículos de ódio e opressão. Aqui, vemos uma estabilização temporária dos sentidos, como descrito por Orlandi (2007), mas que está diretamente ligada às condições ideológicas e sociais que permeiam o ambiente escolar.

É importante notar que, mesmo com a aparente fixação de sentidos em alguns grafitos, esses enunciados não são imunes a transformações. Um exemplo deste fato é que, num contexto diferente, vinculado, por exemplo, à esfera discursiva do curso de veterinária, palavras como “viado”/“veado” podem ser interpretadas pelo seu significado literal, remetendo ao animal silvestre. Outra situação possível é a palavra “bicha”/“bixa” ser utilizada como vocativo para homossexuais, tendo como interlocutores os próprios homossexuais: na ocasião, a palavra perde a carga semântica de insulto, sendo colocada apenas como um modo de se referir que

transmite identidade e orgulho homossexual, por meio da subversão do insulto, caracterizando o fenômeno do “simulacro discursivo” (Melo, 2024).

Dessa forma, os sentidos estão sempre em disputa, sujeitos às mudanças proporcionadas pela tensão discursiva que cerca o campo social no contexto em que enunciados são produzidos. Isso nos mostra que os grafitos não são apenas uma manifestação estática de ideias preconcebidas, mas um campo discursivo onde o significado pode ser reconfigurado, pois “a relação entre unidades lexicais e seu uso em diferentes contextos discursivos revela o processo contínuo de reconfiguração lexical” (Maingueneau, 2015, p. 96).

Assim, a lexicalização nos grafitos latrinários reflete as hierarquias presentes no espaço escolar, no que concerne ao poder exercido por certos grupos sociais, e não outros. O último ponto a ser argumentado aqui é que a análise da lexicalização nesse tipo de discurso nos permite enxergar como certas expressões, ao se repetirem, ganham um peso quase incontestável, cristalizando-se em uma formação discursiva que, embora instável, exerce uma influência significativa sobre os indivíduos que interagem com ela.

Verificamos, então que as palavras não são neutras, mas trazem consigo camadas de sentidos acumulados ao longo do tempo, que interferem na construção do sentido pelos interlocutores, portanto:

> [...] a lexicalização de certos termos ou expressões influencia diretamente a maneira como os discursos são interpretados, pois os termos carregam consigo um histórico de usos e significados que moldam sua recepção (Maingueneau, 2004, p. 49).

Esse processo, como abordado anteriormente, ocorre em uma formação discursiva atravessada por fatores sociais, históricos e ideológicos. Dessa forma, a compreensão de um discurso não pode ser isolada do contexto em que a lexicalização ocorre.

No caso dos grafitos latrinários, essa carga histórica e social que certos termos adquirem se torna particularmente evidente. Verifica-se, no contexto da pesquisa, que termos de violência verbal, carregam uma rede de significados que já nos direciona a interpretação do enunciado. A lexicalização desses termos influencia a interpretação dos grafitos, de modo que ela esteja marcada, no contexto da pesquisa, pela carga discursiva de opressão ou preconceito associada a eles. Como Maingueneau (2004,

p. 49) destaca, o sentido desses enunciados não está puramente no conteúdo das palavras, mas no seu uso histórico e na maneira como circulam socialmente.

Esses enunciados, portanto, revelam mais do que palavras escritas em uma parede; eles:

- evidenciam processos sociais e históricos;
- envolvem a construção de identidades e a expressão de conflitos;
- mostram como a linguagem, através da lexicalização, se torna um mecanismo discursivo que, em dadas situações, serão cruciais na expressão de discursos violentos que denotam a manutenção de ideais hegemônicas.

A partir da conceituação do fenômeno da lexicalização, me vejo diante dos processos de deslizamento de sentido de algumas palavras, de acordo com os contextos e práticas discursivas às quais elas são submetidas. Sendo assim uma palavra ou expressão passa a adquirir novos significados, sendo esse processo um fator que pode colaborar com a lexicalização de um termo dentro de um ou mais discursos.

O conceito de deslizamento no discurso refere-se à capacidade de uma palavra ou expressão migrar entre diferentes significados, ou nuances de sentido ao longo de uma interação. Dessa forma “o deslizamento entre diferentes significados de uma mesma palavra, ou entre sentidos próximos, pode ser um recurso deliberado do enunciador para explorar a polissemia e, assim, ampliar as possibilidades de interpretação” (Maingueneau, 2004, p. 32). É por meio deste fenômeno discursivo que podemos compreender como os discursos não são estáticos, mas carregam possibilidades de leituras várias e, frequentemente, provocam a abertura de novos caminhos interpretativos. O deslizamento, portanto, é uma estratégia do locutor e uma característica intrínseca da própria linguagem.

Os deslizamentos ocorrem de maneira quase imperceptível, mas com efeitos significativos. A sutileza do fenômeno reforça a relevância dessa análise, pois os deslizamentos nos discursos “[...] podem revelar como um sentido inicial é transformado ao longo da interação, levando a interpretações divergentes ou a mal-entendidos” (*Ibid*., p. 34). Portanto, esse processo não é apenas uma variação de sentido, mas um agente ativo na formação de lacunas interpretativas. Um exemplo de deslizamento de sentido, dentro dos GL, é o substantivo “pau”. Em um contexto diferente, como em um local na natureza, ela pode se referir a um galho de árvore.

Em outro contexto, como em uma conversa entre marceneiros, ele pode se referir a um pedaço de madeira. Porém, em um banheiro masculino e, diante das formações discursivas geradas em torno da palavra em contextos que mobilizam sexualidade, o substantivo “pau” mobiliza um sentido, o de referenciação ao pênis. A intenção do locutor se revela na escolha lexical que faz. Porém, se assim quiser, o elaborador pode mudar sua significação para ambos os outros significados, revertendo o sentido.

A linguagem, ao se abrir para essas possibilidades, revela sua natureza dinâmica, onde o deslizamento dos sentidos opera como parte integrante do jogo discursivo, pois “[...] os deslocamentos, as diferenças, as contradições nos abrem a via do equívoco, dos desligamentos, das reversões dos sentidos (e dos sujeitos), em uma palavra, a via da linguagem concebida como polissemia no sentido amplo” (*Ibid.,* p. 18) nos diz.

No contexto dos grafitos latrinários nas EEM, o deslizamento revela-se importante à medida que as palavras e frases escritas nesses espaços podem ser frequentemente polissêmicas, permitindo interpretações que podem variar, mediante as experiências do interlocutor com o contexto ao qual o enunciado foi submetido. É nesse sentido que as camadas de significação surgem, indicando que uma simples palavra pode constituir um discurso insultuoso, movendo-se entre insultos e expressões de identidade, ainda que sejam aparentemente inofensivos e despretensiosos.

Por fim, verifico a sustentação interdiscursiva dos GL de temática sexual por meio do deslizamento de sentidos das palavras que se cristalizam no uso, lexicalizando-se em interdiscursos que corroboram com a masculinidade hegemônica. Esse *modus operandi* se consolida na violência verbal verificada nesses banheiros, trazendo à tona a discussão acerca de como o discurso influencia – e é influenciado – pela violência física. No que concerne ao estudo, tais violências se mostram de forma ostensiva, tendo como alvo pessoas com orientação sexual dissidente.

5.3 A violência verbal nos discursos latrinários

Como vimos, os banheiros cumprem com uma função discursiva, a qual é ignorada pela comunidade escolar e pela sociedade no geral; estas, carregadas de significados, constroem identidades que atuam na instituição educacional de modo velado, reproduzindo o *bullying*, tendo no GL a revelação do que normalmente

acontece no cotidiano escolar, mas não pode ser registrado. Alguns textos verbais e não-verbais, utilizados em contextos que provocam efeitos de sentido no qual o humor se faz notar, tais como o modo inusitado com o qual os discursos são elaborados, as paródias o uso de desenhos etc, os quais, na verdade, perpetuam os interdiscursos homofóbicos, cis-heteronormativos e falocêntricos, reforçando estereótipos, pois "[...] o humor se caracteriza pela insensibilidade" (Possenti, 2018, p. 115), e é justamente essa insensibilidade que torna possível a normalização da violência verbal.

Nesse ínterim, reflito sobre como essas mensagens, apresentadas de forma aparentemente inocente, disfarçam sua verdadeira intenção. No discurso, o humor, por meio de seus gêneros discursivos, tais como a piada, a paródia, entre outros funciona como campo discursivo para que a violência se instaure como forma verbal de dominação. A homofobia, então, é normalizada e faz os sujeitos encararem a dissidência de orientação sexual como "desvio cômico", o que por sua vez, ganha o *status* de "brincadeira", mas, na realidade, "[...] piadas [...] divulgam e fortalecem comportamentos preconceituosos" (*Ibid.*, p. 29), ao passo que criam um ambiente onde a desigualdade é legitimada e a marginalização de certos grupos é tratada como algo normal.

Assim, a forma como essas inscrições são elaboradas denota uma intencionalidade na escolha lexical, no tom utilizado – se direto ou humorístico –, na estrutura das mensagens. Tudo parece planejado para garantir que a mensagem tenha impacto e cumpra seu papel de exclusão. Como observa Maingueneau (2020, p. 10), "[...] a elaboração do discurso envolve não apenas o conteúdo, mas também elementos como ritmo e construção narrativa", o que nos revela o poder discursivo dessas inscrições. No entanto, é justamente essa sutileza que torna a violência tão perigosa, pois certas manifestações são "[...] tão bem manejadas que se tornam invisíveis, sendo incorporadas como condições normais do convívio humano" (Odalia, 2004, p. 82), o que, nos banheiros masculinos, se revela por meio das hierarquias criadas e padrões cis-heteronormativos que se consolidam na materialidade textual observada, que pode passar despercebida por olhos desatentos.

Ao ignorar essas mensagens, a escola, percebe sua parcela de responsabilidade na perpetuação desses discursos, sendo ela "[...] um instrumento privilegiado de dominação" (*Ibid.,* p. 55), nos revelando que, esses espaços, que pretendem ser neutros e seguros, acabam por reforçar relações de poder e construindo identidades baseadas no domínio e na exclusão. O humor, então,

desempenha um papel importante ao mascarar a violência e a tornar socialmente aceitável. O riso coletivo que essas mensagens, que não são trabalhadas pela escola por meio da educação sexual, funcionam como meio de validação, transformando agressões verbais em entretenimento, deixando consequências profundas para quem é alvo dessas mensagens, colaborando com a manutenção do *status quo*.

6 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Neste capítulo, trago a análise discursiva dos exemplares presentes no corpus que, como já explicado na metodologia, foi dividido em duas amostras: a amostra A, referente aos exemplares coletados nas escolas de Recife, e a amostra B, com os exemplares coletados na cidade de Garanhuns, ambas as cidades do estado de Pernambuco.

6.1 Amostra A

6.1.1 Exemplar A1-02

Quadro 2 – Exemplar A1-02

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1-02		“XVIdeo.com”	Propaganda sexual	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

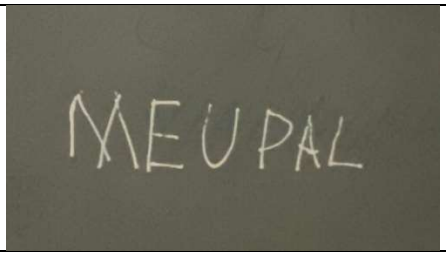
Neste grafito, identifico um processo de lexicalização que transforma o nome do site pornográfico (xvideos.com) em um enunciado representativo de discursos sexuais presentes na mídia. O deslizamento de sentido, que provoca essa lexicalização do termo em ambiente latrinário e escolar, desloca o significado de site de conteúdo adulto de forma subversiva: o que deveria ser restrito a certo público, composto por sujeitos(as) maiores de 18, agora é trazido para públicos juvenis, o que se configura não só como inadequação, mas como normalização.

Este enunciado remete, explicitamente, ao nome de um site pornográfico bastante conhecido. Dessa forma, a pornografia é evocada enquanto produto cultural facilmente acessível e gratuito, onde qualquer pessoa é consumidora – e produtora – em potencial deste tipo de conteúdo, cumprindo com um papel de normalização e consumo de conteúdo explícito em contextos juvenis.

Reconheço aqui a mobilização interdiscursiva que remete à globalização do consumo pornográfico e às críticas às consequências desse acesso irrestrito. Este interdiscurso dialoga com a crescente sexualização da juventude, manifestada em diferentes períodos históricos, como nos debates sobre educação sexual nas décadas de 1990, tendo em vista que foi nessa década que o consumo de materiais pornográficos começou a se popularizar (Campos, 2006). A conexão com a cis-heteronormatividade é direta, já que o site representa majoritariamente narrativas heterossexuais e homossexuais com papéis de dominação e submissão bem definidos dentro da indústria pornográfica, reafirmando padrões de desejo que excluem expressões não hegemônicas.

6.1.2 Exemplar A1-03

Quadro 3 – Exemplar A1-03

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1 -03		“MEU PAL”	Representaçõ es sexuais da genitália masculina.	Elogioso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

O grafito “MEU PAL” exibe um processo de lexicalização associado ao discurso fálico. Aqui, o substantivo “pal” (pau) possui uma significação própria no contexto de uso, vinculado ao teor discursivo de sexo e gênero que os banheiros mobilizam. Seu sentido primordial, o de simbolizar a parte ou fragmento do elemento madeira, cortado em estacas, ou galhos de árvores, que também são desse elemento, é deslocado, à medida em que serve de metáfora para o pênis, em uma expressão que celebra a masculinidade hegemônica, assemelhando o órgão, que fica temporariamente rígido, tal qual um objeto de madeira.

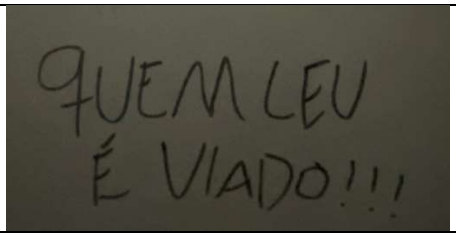
O enunciado, em sua formulação, insere-se uma evocação implícita de discursos sobre masculinidade, inscrevendo-se numa tradição discursiva que posiciona a genitália masculina como símbolo de poder, tendo no pronome possessivo “meu” o atestado de virilidade, portanto, força de domínio do elaborador, o que reflete

a necessidade de validação do poder masculino em um espaço como o banheiro escolar, que funciona como território de disputas.

O interdiscurso aqui mobilizado é aquele que celebra a masculinidade enquanto hegemonia, onde o pênis é reverenciado como elemento de poder. Em civilizações antigas, o elemento fálico é presente de forma sagrada (Pereira, 2017), o que corrobora com o sentimento de orgulho em possuí-lo. Este GL, então, conecta-se a uma rede interdiscursiva que mantem falocentrismo na medida em que reafirma a centralidade do pênis como base da masculinidade normativa.

6.1.3 Exemplar A1-04

Quadro 4 – Exemplar A1-04

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1 -04		“qUEM LEU É VIADO!!!	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

No exemplar A1-04, verificamos que o grafito “qUEM LEU É VIADO!!!” nos traz um enunciado que não pode ser compreendido em seu significado literal, portanto, há uma relação metafórica que materializa um insulto, mas que também naturaliza a homofobia por meio do riso, já que o enunciado propõe uma relação de brincadeira com que lê.

Ao mobilizar o sentido do texto, o leitor faz a inferência que liga o animal “veado” à expressão dissidente de orientação sexual “viado/gay/bixa”. O substantivo “viado/veado” muda sua função sintática para adjetivo, trazendo as características do animal – graciosidade e delicadeza – para o sujeito da oração. A palavra, então, é lexicalizada, mudando seu sentido, deixando de ser apenas o animal silvestre, passando as ser, no contexto de sua elaboração, um insulto equivalente a “bixa”.

A palavra assume uma função performativa: ao mesmo tempo que tenta desqualificar o leitor, reafirma a cis-heteronormatividade, ao associar a leitura a algo “desviante”. A palavra “viado” é aqui lexicalizada nas práticas sociais, definindo o

sujeito homossexual como tal, que se constitui a partir do insulto proferido por sujeitos heterossexuais, portanto contextualmente heteronormativos.

Identifico uma forte mobilização interdiscursiva nesse enunciado que reflete discursos históricos que marginalizam e exclui a homossexualidade. Tal fato se replica não só em tempos anteriores, mas atualmente. Verifico esse diálogo interdiscursivo no ambiente escolar, onde, constantemente, meninos gays são associados às práticas de leitura, sendo colocados como os melhores em Língua Portuguesa. O grafito perpetua, assim, a heterossexualidade compulsória, ao policiar comportamentos e limitar a expressão de identidades dissidentes no espaço escolar, tornando-as tão abjetas que se transformam em insultos.

6.1.4 Exemplar A1-05

Quadro 5 – Exemplar A1-05

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1 -05		"VSFD" Abreviatura para "Vá se foder"	Degradação pessoal.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

Ao sintetizar uma frase agressiva em uma sigla, o grafito "VSFD" demonstra um processo de condensação textual que facilita sua circulação na esfera estudantil, remetendo ao uso abreviado ou reduzido de palavras presente no *internetês*. A expressão participa constitui-se enquanto parte de uma violência verbal, por se comum no cotidiano, portanto, presente em contextos escolares, na manutenção de hierarquias e exclusões. A abreviação torna o discurso mais "aceitável" na prática discursiva inscrita, que pode não ser deduzida por pessoas que não consigam interpretar o enunciado. Porém, esse fato não o torna menos impactante em sua agressividade.

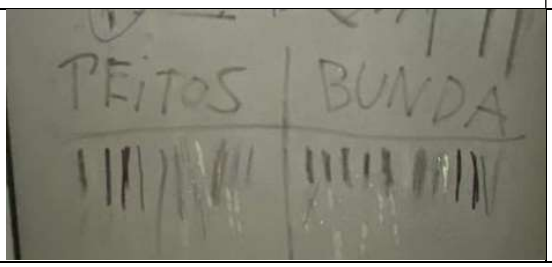
A interdiscursividade do enunciado se conecta à lexicalização do verbo "foder", que remete ao sexo, mas não a um sexo qualquer; o verbo em questão liga-se a um contexto mais intenso do ato sexual, onde a penetração pode ter o intuito de infligir ao

outro não (só) o prazer, mas a dor. Em uma relação interdiscursiva, cito a fala de um professor universitário que repercutiu no ano de 2021. No momento em que estava sendo gravado, o professor proferiu o seguinte discurso que normaliza o ato sexual forçado e doloroso: “Desculpe, meninas, sei que é chulo o que eu vou dizer, mas é aquele ditado: se o estupro é inevitável e iminente, relaxe e aproveite”[18].

Ao se vincular ao sexo anal, a palavra liga-se ao imaginário homossexual, como forma de dominação masculina ao passo que há um sujeito dominador que se apodera desse verbo. Dessa forma, a palavra se consolida na prática discursiva, constituindo-se como um interdiscurso de homofobia, ao passo que é ostensivamente utilizado nas práticas sociais, como um modo de desejar o mal a outrem, representando o ato sexual doloroso infligido por aqueles sujeitos dominadores nas relações de poder, portanto, relações cis-heteronormativas, reforçando dinâmicas de masculinidade hegemônica.

6.1.5 Exemplar A1-06

Quadro 6 – Exemplar A1-06

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1 -06		“PEITOS | BUNDA IIIIIIIIII | IIIIIIIII” Os traços são referentes à contagem.	Reificação e sexualização feminina.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

No exemplar A1-06 temos o enunciado “PEITOS | BUNDA IIIIIIIIII | IIIIIIIII” escrito numa porta de banheiro. A reificação aqui verificada se revela por meio dos substantivos que representam partes do corpo. O contexto e o local de reprodução do discurso nos fazem inferir que se trata da representação do corpo feminino, visto que, geralmente, o corpo masculino não é referenciado dessa forma pelos próprios homens. A categorização que remete a discursos misóginos por meio da contagem visual, decorrente de uma nítida enquete, funciona como um marcador de preferências

[18] Disponível em https://www.brasildefato.com.br/2021/03/23/se-o-estupro-e-inevitavel-e-iminente-relaxe-e-aproveite-diz-professor-universitario.

constatado por meio da observação e consumo de várias mulheres, possivelmente reforçada por múltiplos participantes.

O enunciado vem escrito dentro de uma tabela, na qual se definem duas contagens, por meio de traços que indicam um quantitativo, revelando que a lexicalização dos substantivos “peitos” e “bunda” encontra significação quando saem da esfera discursiva dos estudos de anatomia e se transportam às práticas discursivas corriqueiras como modo de definir sujeitas. O deslizamento de sentido favorece a lexicalização das palavras, sendo assim, a palavra “peitos” não é somente um modo de nomear os seios, mas também um modo de os qualificar como consumíveis. O mesmo acontece com a palavra “bunda”, que em sua significação primeira, refere-se aos glúteos.

Dessa forma, pessoas com seios e glúteos satisfatórios são reduzidas a partes de corpo, enquanto atributos sexuais que ajudam a definir o gênero das sujeitas envolvidas. Essa prática linguística conecta-se a diversos discursos misóginos que reforçam a subalternidade feminina e sua sexualização. Os termos utilizados ecoam o interdiscurso OBJ, onde corpos femininos são frequentemente fragmentados para consumo visual.

Em uma relação interdiscursiva, o enunciado se conecta a ao discurso misógino percebido de forma ostensiva na cultura pop e em músicas chamadas de “proibidões”, tais como no funk carioca. No exemplo a seguir, verificamos como o interdiscurso se replica em uma música do cantor de funk MC Catra: “Aquela que não tiver peito por favor não se desiluda. Umas vem com peito e outras vem com a bunda Vem com peito vem com bunda”[19].

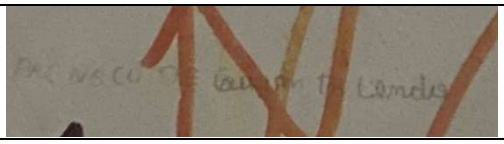
Essa fragmentação do corpo está intrinsecamente ligada à reificação. Ao promover a ideia de que o valor da mulher está na sua aparência e na sua capacidade de satisfazer o desejo masculino, o grafito perpetua uma visão de gênero hierárquica que beneficia a norma heterossexual. Ao analisar o grafito em questão, me deparo com a possibilidade de aliá-lo ao estudo presente nesta dissertação, à medida em que a perfomatividade homossexual também se caracteriza por trazer a feminilidade, seja ela no modo como os sujeitos gays se portam nas práticas sociais, seja no modo como os corpos se moldam fisicamente – vestimentas que destacam certas partes do corpo; exercícios físicos que definem partes do corpo culturalmente tidas como mais

[19] Disponível em https://www.ouvirmusica.com.br/mc-catra/1790018/.

proeminentes em mulheres. Dessa forma, a análise desse grafito traz luz a questões de performances queer atravessadas pelo elemento feminino. O mesmo acontecerá em alguns exemplares presentes na Amostra B.

6.1.6 Exemplar A1-07

Quadro 7 – Exemplar A1-07

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1 -07		“PAU NO CU DE Quem TA Lendo”	Degradação pessoal.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

O grafito “PAU NO CU DE Quem TA Lendo” apresenta um processo de lexicalização que combina insulto e iconografia fálica. O substantivo “pau” reforça o uso do pênis enquanto símbolo de poder, enquanto o sintagma nominal “no cu de” utiliza o ânus como símbolo de submissão ou humilhação, associando o grafito a dinâmicas de poder, em que o ato de insultar através de referências sexuais traz à superfície hierarquias de gênero e sexualidade.

A mobilização interdiscursiva presente neste enunciado revela uma prática de controle por meio da linguagem, denotando a homofobia por meio do uso do corpo e suas funções como metáforas de controle, opressão e exclusão. Esse grafito se insere nesse legado, perpetuando a ideia de que qualquer identidade ou comportamento que se desvie da norma heterossexual é passível de ridicularização e exclusão, ao passo que define papeis de dominação e submissão, caracterizando-o como um grafito cis-heteronormativo.

Um exemplo interdiscursivo pode ser verificado nas piadas homofóbicas com homens gaúchos, tais como a seguinte: “Sabe como gaúcho tira a camisinha ?! arrotando ou peidando!”[20]. A anedota, que dialoga diretamente com o teor discursivo do grafito, pretende ridicularizar o sujeito a partir de sua característica marcante, ao passo que associam a passividade nas relações homoafetivas a uma suposta fraqueza, evidenciando o estigma atribuído às identidades LGBTQIA+. A linguagem

[20] Disponível em https://www.hardmob.com.br/threads/144848-off-piadas-de-gayuchos/page2.

aqui utilizada reflete a necessidade de reforçar hierarquias em espaços como a escola, onde a violência verbal contribui para um ambiente hostil às diversidades.

6.1.7 Exemplar A1-08

Quadro 8 – Exemplar A1-08

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1-08		"QUEM LEU VIADO"	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

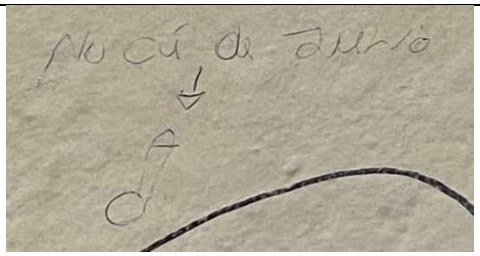
O grafito "QUEM LEU VIADO" reutiliza uma estrutura discursiva já vista na Amostra A, no exemplar A1-04, o que nos mostra uma repetição discursiva que pode representar um padrão da heterossexualidade compulsória dentro dos GL, com fins de reforço da norma. A palavra aqui adjetivada "viado", usada de forma pejorativa, opera como marcador linguístico de exclusão e desvio da heterossexualidade, evidenciando que a linguagem é mobilizada para construir fronteiras que delimitam quem pode ou não ser aceito dentro de um determinado grupo social.

O interdiscurso homofóbico aqui visto, apoiado pelo humor decorrente de seu caráter inusitado, continua sendo um mecanismo de exclusão em espaços escolares e sociais e essa reutilização do insulto como forma de agressão verbal reflete as tensões entre a necessidade de pertencimento ao grupo e a reafirmação de hierarquias de poder baseadas na heterossexualidade compulsória. Sua relação interdiscursiva pode ser vista no grafito A1-07, caracterizando-se como uma forma de estigmatizar o sujeito, atribuindo-lhe a característica homossexual como insulto, o que perpetua o preconceito contra pessoas com orientação sexual dissidente.

6.1.8 Exemplar A1-11

Quadro 9 – Exemplar A1-11

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo

A1 -11		“NO CÚ DE JULIO” Seta apontando para um desenho de pênis ereto com testículo.	Expressões homofóbicas.	Injurioso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

A frase “NO CÚ DE JULIO” exemplifica um processo de lexicalização que combina a individualização de um alvo, no caso, “Júlio”, e a utilização do ânus como símbolo de submissão e humilhação. O grafito carrega um discurso de degradação direcionada a outrem, utilizando uma referência sexual anal como insulto. Essa forma de expressão se conecta a práticas discursivas que afirmam quais normas de sexualidade devem ser utilizadas em relações homossexuais, posicionando o indivíduo alvo como um “desviante”, portanto, uma pessoa que deve ser relegada a uma posição de submissão.

O interdiscurso mobilizado aqui reflete práticas históricas de marginalização de identidades homossexuais e não conformes à heterossexualidade. Insultos semelhantes estão profundamente enraizados na cultura popular, sendo utilizados para reforçar estereótipos de submissão associados a identidades *queer*. Essa repetição cultural fortalece o uso da linguagem como ferramenta de controle e exclusão. A conexão entre esse enunciado e a cis-heteronormativdade é direta. Ao utilizar o ânus como marcador de submissão, o grafito perpetua papeis de dominação e submissão nos moldes heteronormativos.

6.1.9 Exemplar A1-12

Quadro 10 – Exemplar A1-12

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1 -12		“QUEM LER QUERO O CÚ”	Degradação pessoal.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

Verifico, no exemplar A1-12, a presença do teor sexual. O elaborador do texto, ao utilizar da metonímia enquanto recurso linguístico, toma o todo pela parte, reduzindo o leitor a um órgão humano, o “cú”/ânus, num ato que remete ao sexo anal, sem que haja concordância, o que revela a violência sexual do ato, se o mesmo fosse reproduzido no sentido literal. Percebo, então, um processo de lexicalização que utiliza a agressividade verbal para criar uma interação discursiva baseada na exclusão e na ridicularização. A frase faz da leitura um ato que confere ao interlocutor uma posição de submissão, ou de riso e adesão, mediante sua orientação sexual. A utilização do substantivo “cu” como símbolo de dominação reforça discursos que subordinam o interlocutor que se identifica como homossexual, numa forma de reduzir sua subjetividade a um órgão.

A mobilização interdiscursiva está intricada em processos culturais que associam certas práticas sexuais a homossexuais, submetendo-a à marginalização e ao ridículo, numa prática homofóbica também presente nos grafitos A1-07 e A1-08. O grafito reverbera práticas discursivas presentes em diversas esferas, como a comédia popular brasileira e na pornochanchada, onde expressões semelhantes são utilizadas em contextos sexuais. Esse humor agressivo se consolida como violência verbal ao passo que define um público-alvo definido: o homossexual, portanto, trata-se de uma prática cis-heteronormativa. Dessa forma, o enunciado não é apenas um reflexo da cultura escolar, mas também uma reprodução da heteronormatividade aceita na sociedade.

6.1.10 Exemplar A1-14

Quadro 11 – Exemplar A1-14

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1-14		‘MINHA ROLA”	Representaçõ es sexuais da genitália masculina.	Elogioso

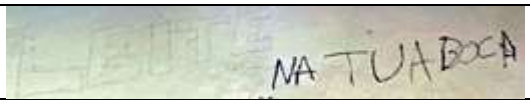
Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

O grafito “MINHA ROLA” exemplifica um processo de lexicalização que carrega em si a afirmação identitária e de poder. A exaltação explícita da genitália masculina reflete o discurso fálico, que centraliza o pênis como símbolo de virilidade, domínio e masculinidade hegemônica. A escolha do pronome possessivo em primeira pessoa (“minha”) reforça a ideia de posse e autovalorização tendo como cenografia o banheiro escolar.

Sua mobilização interdiscursiva, de orgulho e virilidade, liga-se a práticas culturais que associam o falo à força, controle e autoridade, numa conexão com o falocentrismo, a exemplo do grafito A1-03. De representações mitológicas a narrativas contemporâneas em músicas e mídias, a genitália masculina é frequentemente usada como símbolo de *status*. Este grafito, então, evidencia uma apropriação juvenil desse discurso, adaptando-o a um contexto escolar em que a reafirmação da masculinidade é fundamental para a aceitação social.

6.1.11 Exemplar A2-02

Quadro 12 – Exemplar A2-02

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A2-02		“LEITE NA TUA BOCA”	Degradação pessoal.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

O grafito “LEITE NA TUA BOCA” apresenta um processo de lexicalização em que uma palavra desliza de sentido. No enunciado, .o substantivo leite, que, em sua significação primária, diz respeito a substância produzida por pessoas com útero após o nascimento de um ser, tem seu sentido deslizado para a secreção produzida pela ejaculação dos corpos com pênis, por terem a mesma cor e texturas parecidas. O adjunto adnominal “na tua boca” revela uma carga discursiva que, em conjunto com a palavra “leite”, funcionam como uma metáfora para o ato sexo oral.

O enunciador, ao repetir o já dito verificado amplamente na esfera discursiva da pornografia, insere o interlocutor no contexto, fazendo-o alvo do ato de dominação. Nesse contexto, o enunciado utiliza a linguagem para criar um ambiente de subordinação, conectando-se aos discursos que colocam o homem como centro,

tendo uma mobilização interdiscursiva que remetem ao orgulho e à virilidade baseada em narrativas da cultura pornográfica, que são absorvidas pelos jovens em meio a pulsão sexual, privilegiando o homem viril como sujeito ativo e dominante, ao passo que promove outra pessoa, que geralmente é vista como feminina ou desviada da masculinidade, a submissão. O discurso sexual com o qual esse discurso dialoga com se mostra presente de forma ostensiva na mídia e nos sites de redes sociais, tais como no *TikTok.* Um exemplo é a música viral “Mete Com Força e Com Talento”, de MC Nick e Turma do Cangaceiro: “Mete com força e com talento. Estou ofegante e você percebendo. Bate e maltrata essa puta safada. Quero jatada de leite na cara”[21]. Esse interdiscurso não é isolado, mas parte de uma prática cultural que associa a masculinidade ao controle sobre o corpo do outro, ligando-se à cis-heteronormatividade.

6.1.12 Exemplar A4-01

Quadro 13 – Exemplar A4-01

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A4 -01		“TU É GAY” Desenho de *emoji* sorrindo, exprimindo alegria.	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra A.

O exemplar A4-01, encontrado em uma descarga, apresenta um enunciado que, ao ser associado a um desenho de *emoji* sorrindo, provoca o deslocamento de sentido do substantivo “gay”, que, inicialmente teria sua significação na autodescrição e passa a ser um insulto à medida em que é inserido no ambiente latrínico como modo de definir, compulsoriamente, a sexualidade do interlocutor. O rosto sorridente pode remete a um tom de brincadeira, atenuando o caráter ofensivo da frase. O enunciador

[21] Disponível em https://www.letras.mus.br/mc-dig/mete-com-forca-e-com-talento-part-mc-nick-e-turma-do-cangaceiro/.

parte de uma tentativa de performar humor ao mesmo tempo que reforça estereótipos. Esse deslizamento de sentido, entre o insulto e a leveza do *emoji*, reflete como práticas linguísticas reproduzem discursos discriminatórios ao se disfarçarem de descontração, refletindo a lexicalização da palavra, que nas práticas sociais entre pessoas cis-heteronormativas, ganha o *status* insultuoso. A presença desse elemento tenciona a relação entre insulto e brincadeira, que se reflete no direcionamento ao interlocutor, tornando-o alvo de seu teor discursivo.

O enunciado, então, dialoga com um interdiscurso que naturaliza e banaliza expressões homofóbicas, transformando a descrição em chacota, ao passo que mantem a heterossexualidade compulsória. Exemplos como esse não nos falta, pois são presentes nos programas de TV humorísticos, tais como os extintos “Pânico na TV” e “Casseta & Planeta”. Essa inserção num lugar alusivo como a descarga sugere um reforço da abjeção associada ao conteúdo, além de sublinhar o caráter liminar do espaço onde se encontra: um lugar de descarte.

6.2 Amostra B

6.2.1 Exemplar B1-01

Quadro 14 – Exemplar B1-01

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-01		“A TABACA DE ISABEL”	Reificação.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

No exemplar B1-01 o enunciado “A TABACA DE ISABEL” exemplifica como o fenômeno linguístico do deslizamento acontece de acordo com o contexto no qual o grafito foi produzido. Ao ser lexicalizado, o substantivo “tabaco”, modificado para utilização com a desinência feminina “a”, tem seu sentido deslizado – da erva utilizada no cigarro – para simbolizar a vulva. Neste caso, a mulher – Isabel – é fragmentada, sendo reduzida ao seu órgão genital, o que nega a sua subjetividade, ao passo que

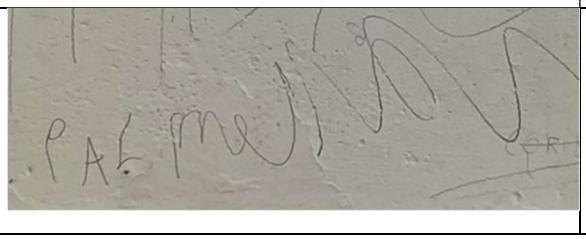
evidencia o caráter insultuoso e normativo do interdiscurso misógino e reificador que sustenta o patriarcado.

O interdiscurso mobilizado conecta-se às práticas culturais de fragmentação do corpo feminino, recorrentes em contextos midiáticos, promovendo a misoginia. Desde tempos antigos, a literatura e a arte também contribuíram para a construção dessa visão parcial da mulher, destacando-a como objeto erótico, tais como as músicas de funk cantadas por homens cis nos anos 90 e 00. Um exemplo interdiscursivo foi visto em um acontecimento paralelo à campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos no ano de 2019[22]. Na ocasião, o atual presidente dos EUA relatou uma tentativa malsucedida de encontro íntimo no programa Access Hollywood, proferindo o seguinte enunciado: "'E quando você é uma estrela, elas deixam você fazer isso' [...] 'Agarre-as pela vagina". Você pode fazer qualquer coisa.'"

Percebe-se, então, uma forte conexão com a reificação do corpo feminino como elemento central do desejo masculino. A redução da mulher à sua genitália reforça a ideia de que seu valor está ligado à capacidade de atender às expectativas masculinas de prazer. Indiretamente, esse discurso também marginaliza identidades e expressões sexuais que não se alinham a essa lógica, tais como as pessoas com orientação sexual dissidente.

6.2.2 Exemplar B1-02

Quadro 15 – Exemplar B1-02

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-02		"PAL MELHOR"	Representações da genitália masculina.	Elogioso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

O enunciado "PAL MELHOR" insere-se no interdiscurso de virilidade e orgulho masculino, ao passo que quem escreveu, exaltando a genitália masculina, reafirma a

[22] Matéria disponível em: https://istoedinheiro.com.br/trump-nao-pode-excluir/

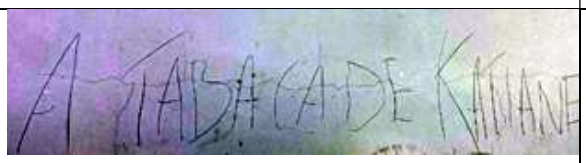
masculinidade hegemônica. O substantivo “pal”, assim como no exemplar A1-03 e A1-14, é uma referência vulgar ao pênis, num deslizamento de sentido que, literalmente, se refere à madeira. O uso do adjetivo “melhor” remete à superioridade, potência e destaque, especialmente nas performances cis-heteronormativas. A competitividade e o orgulho voltados ao falo, transforma o corpo em ferramenta de competição e validação social entre pares masculinos. Essa cultura ao falo é absorvida pelo público juvenil, em meio a pulsão do sexo.

A mobilização interdiscursiva, da mesma forma que no exemplar A1-03, remetendo a narrativas que valorizam a virilidade como elemento central da masculinidade, um traço presente em práticas culturais. A comparação implícita expressa no grafito reflete um cenário de disputa de corpos, em que a masculinidade é construída em termos fálicos.

Dessa forma, o enunciado se liga ao conceito de falocentrismo, ao passo que perpetua o ideal de que a masculinidade deve ser reafirmada por meio de sua performance sexual baseada no falo, reforçando a masculinidade hegemônica.

6.2.3 Exemplar B1-04

Quadro 16 – Exemplar B1-04

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-04		“A TABACA DE KATIANE”	Reificação	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

“A TABACA DE KATIANE” segue um padrão discursivo similar ao do exemplar B1-01, relacionando-se com ele de forma interdiscursiva, reduzindo a mulher a uma parte do corpo, sua genitália. O termo “tabaca”, lexicalizado da mesma forma que o exemplo anterior, não apenas sexualiza, mas também vulgariza a identidade de “Katiane”, sugerindo que seu valor está exclusivamente em sua utilidade sexual para o outro. Essa fragmentação linguística reforça a dinâmica de subordinação, reificação e sexualização feminina.

A mobilização interdiscursiva desse grafito ecoa discursos misóginos, decorrentes do patriarcado, presentes na colonização, quando os corpos femininos eram explorados como propriedade, como no exemplar B1-01. O grafito também reforça a reificação do corpo feminino, pois posiciona a mulher como objeto exclusivo do desejo masculino, num formato cis-binário. Essa lógica desconsidera a agência feminina e exclui identidades que não se encaixam nesse modelo, perpetuando um sistema que marginaliza mulheres queer e outras expressões de gênero e sexualidade atravessadas pelo elemento feminino.

6.2.4 Exemplar B1-05

Quadro 17 – Exemplar B1-05

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-05		"GAY" Símbolo fálico – pênis e testículos	Expressões homofóbicas; Representações da genitália masculina.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

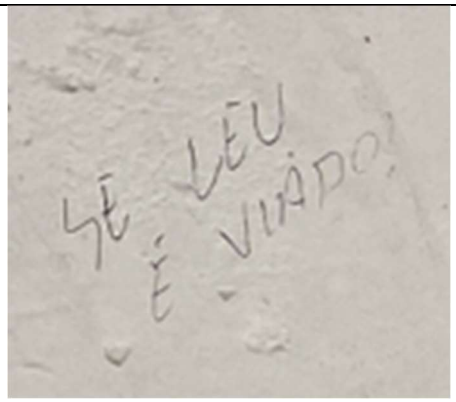
Neste grafito, o substantivo "GAY", combinado a um símbolo fálico, representa uma tentativa de insulto, utilizando o falo com símbolo de dominação. Sua associação com a palavra carrega um ato de agressividade, ao passo que o pênis ereto também é utilizado como uma arma em atos violentos. Há, portanto, uma subjugação da homossexualidade, no sentido de submetê-la ao uso do pênis enquanto ferramenta de dominação.

A mobilização interdiscursiva liga-se a práticas homofóbicas de ridicularização da homossexualidade, tais como mudar a orientação sexual de uma pessoa por meio da mudança da desinência presente no nome próprio, indicadora de gênero, como é presente na cultura popular. Um caso similar é visto nos discursos midiáticos que trazem a figura do Deputado Federal Nikolas Ferreira, que é chamado constantemente

de “Nikole”[23] por internautas, num caso de *bullying.* A perpetuação dessas associações reforça estigmas voltados à comunidade LGBT, remetendo aos casos de injúrias corriqueiras que acontecem, de forma muito comum, no ambiente escolar. Dessa forma, o grafito liga-se à heterossexualidade compulsória, ao passo que subjuga pessoas com orientação sexual de cunho homoafetivo, definindo um papel de submissão.

6.2.5 Exemplar B1-06

Quadro 17 – Exemplar B1-06

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-06		“SE LEU É VIADO!”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

O grafito “SE LEU É VIADO!” utiliza um processo de lexicalização que transforma o ato de ler em um marcador de desvio da norma heterossexual. A expressão insulta o leitor associando a leitura à homossexualidade, perpetuando uma narrativa que despreza comportamentos intelectuais ou sensíveis, comumente associados ao feminino ou ao não-heteronormativo. Essa prática reflete a presença de discursos homofóbicos no ambiente escolar.

O interdiscurso mobilizado aqui conecta-se à longa história de estigmatização de comportamentos que se desviam da masculinidade hegemônica. Ao longo do século XX, a homossexualidade foi frequentemente associada à fraqueza ou à passividade, valores opostos aos da masculinidade dominante, que nos diz os papéis

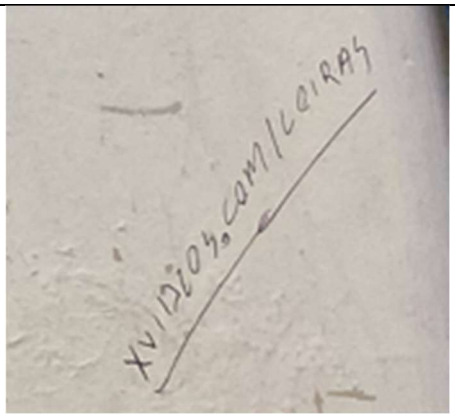
[23] Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-e-alvo-de-insultos-homofobicos-na-ccj/.

de gênero e de desvio. Uma relação interdiscursiva entre esse enunciado se faz com a fala proferida pela ex-ministra Damares Alves, quem em 2019, durante um ato político, proferiu a seguinte fala: “Meninos usam azul, meninas usam rosa”[24], numa forma de demarcar identidades a partir do gênero. Esse grafito não apenas se associa a esse interdiscurso, como também as insere em um contexto humorístico decorrente de sua leitura inusitada, que mascara a violência verbal como algo trivial.

A relação com a heterossexualidade compulsória é evidente, pois o grafito reforça a ideia de que qualquer desvio dos padrões heterossexuais merece ridicularização. Ao criar uma relação causal entre ler e ser “viado”, o grafito qualifica o ato intelectual e a identidade homossexual, reafirmando normas que valorizam a masculinidade agressiva.

6.2.6 Exemplar B1-07

Quadro 18 – Exemplar B1-07

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-07		“XVIDEOS.COM/LOIRAS”	Reificação .	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

Em referência a um site pornográfico específico, “XVIDEOS.COM/LOIRAS” reflete um processo de lexicalização parecido com o do exemplar A1-02, pois normaliza o consumo de pornografia e sexualiza mulheres, neste caso, especificamente mulheres loiras. Percebe-se, então, um interdiscurso que promove o consumo pornográfico, ao passo que reifica mulheres. Ao relacionar com outros discursos, posso destacar a letra da música “Novinha do Onlyfans”, do DJ WS da

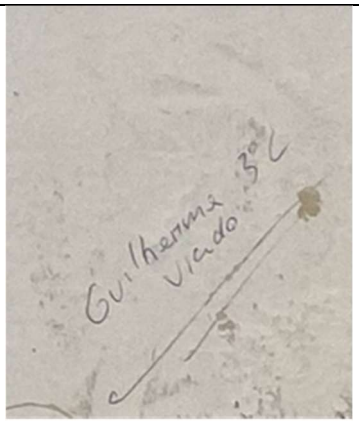
[24] Disponível em https://revistacult.uol.com.br/home/menino-veste-azul-menina-veste-rosa/.

Igrejinha[25]: “Aê! Essa novinha tem OnlyFans. Aê (tô com tesão de urso). Hoje nós vai gozar, hoje nós vai gozar (tô com tesão de urso)”. Ostensivamente ouvida pelo público jovem nas plataformas e redes sociais, a música carrega o teor pornográfico e reificador, destacando uma herança cultural e discursiva que evidencia como a heterossexualidade compulsória se faz presente ao definir o alvo de desejo, permitindo apenas um.

Ao passo que percebo a normalização do consumo de pornografia, verifico que a mesma, sem a presença de uma educação sexual para a diversidade, contribui para a manutenção de dinâmicas de poder que subordinam mulheres e reforçam o ideal da masculinidade hegemônica.

6.2.7 Exemplar B1-08

Quadro 19 – Exemplar B1-08

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-08		“Guilherme 3º C viado”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

No exemplar B1-08, verificamos o efeito discursivo da lexicalização, onde uma palavra ganha novas atribuições. No enunciado em questão, verifica-se que o substantivo “viado”/veado muda não só sua forma ortográfica, mas sua função sintática: ao ser deslocado de sua função, atribui ao sujeito da oração, o “Guilherme”, um atributo. Sendo assim, “viado” passa a ser um adjetivo, que carrega consigo as

[25] Disponível em: https://www.letras.mus.br/dj-ws-da-igrejinha/onlyfans-part-mc-saci-mc-fahah-e-dj-lg-do-sf/.

características do animal – delicadeza e graciosidade –, o que nos revela a intenção homofóbica do elaborador ao ridicularizar e despersonificar o indivíduo.

O grafito “Guilherme 3º C viado”, então, combina homofobia e individualização, direcionando o insulto a um sujeito específico. A associação entre o nome próprio e o termo “viado” reflete uma tentativa de humilhar o indivíduo por meio de sua suposta orientação sexual, perpetuando dinâmicas de exclusão no ambiente escolar. O anonimato do autor intensifica a violência simbólica, tornando o insulto mais difícil de ser contestado.

O interdiscurso mobilizado por esse grafito conecta-se a práticas de *bullying* escolar e à estigmatização de identidades LGBTQIA+ vistas com vastidão em ambiente escolar, caracterizando-se por um interdiscurso homofóbico. Tais práticas têm raízes históricas em contextos institucionais que marginalizam a homossexualidade, como as escolas confessionais do século passado. O grafito, então, reforça a heterossexualidade compulsória ao desqualificar identidades não heterossexuais. Ele também serve como um mecanismo de controle social, utilizado para reforçar as relações de poder e submissão sobre aqueles que são percebidos como desviantes.

Um exemplo de texto que dialoga de forma interdiscursiva com esse grafito é a seguinte fala proferida pelo repórter policial José Luiz Datena, no programa Melhor da Tarde, da rede Bandeirantes; em um momento de ruído comunicacional, ele afirma: “Ah... ele gosta de meninos? Você tem que falar logo no começo. Eu não sabia. O Alex então está interessado em meninos e não em meninas, mas você é bissexual ou homossexual?”, forçando o comentarista Alex Sampaio a se assumir homossexual em um programa ao vivo[26].

6.2.8 Exemplar B1-10

Quadro 20 – Exemplar B1-10

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo

[26] Disponível em https://www.meiahora.com.br/celebridades-e-tv/julie-alves/2021/06/6169182-datena-tira-comentarista-da-band-do-armario-ele-gosta-de-meninos.html.

B1-10		“MINHA PICA DE METAL” Símbolo fálico.	Representações da genitália masculina; representações da genitália masculina.	Elogioso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

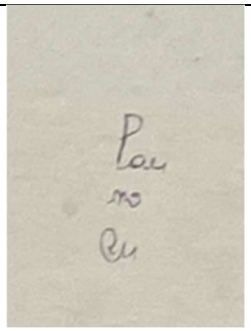
No exemplar B1-10, verifico a forte presença de um interdiscurso de virilidade sob a forma de autoafirmação do pênis das relações de poder. O texto, com fortes indícios de um uso mais ostensivo da multimodalidade, se caracteriza pelo modo com o qual o órgão sexual masculino é simbolizado por meio da ereção, uma ereção “tão dura quanto o metal”. A oração “MINHA PICA DE METAL”, em caixa alta, afirma a importância de seu sentido. A presença do pronome possessivo “minha”, vinculado ao restante do texto, funciona como termo-chave para a autoafirmação masculina. A ilustração nos traz um pênis ereto com os testículos à mostra em posição frontal, que no texto verbal é simbolizado pelo substantivo “pica”, que é lexicalizado a partir de sua derivação: o verbo “picar”, que remete ao ato de perfurar algo ou alguém, vinculado aos insetos, que possuem ferrões, e objetos perfurantes, como agulhas.

Verifica-se, então, que a expressão “de metal” funciona como uma locução adjetiva que se torna elogiosa à medida em que o interdiscurso evocado remete à virilidade masculina. Tal interdiscurso também é visto em propagandas de remédios para aumentar a capacidade do homem em ter e manter ereções por mais tempo, tal qual a medicação Viagra. A figura fálica, então, é utilizada como mecanismo discursivo de dominação, seja na forma como remete às violências sexuais, seja na forma como reafirma o poder diante da sociedade. No espaço latrinário, esse posicionamento é afirmado à medida em que os sujeitos sentem suas pulsões sexuais, criando um ambiente onde a virilidade se torna sinônimo de status social.

O GL, então, perpetua o falocentrismo como elemento essencial da identidade masculina. A ênfase na “pica de metal” exclui outras formas de masculinidade ou sexualidade, reforçando normas que limitam a diversidade e marginalizam identidades que não correspondem a esse ideal.

6.2.9 Exemplar B1-15

Quadro 21 – Exemplar B1-15

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-15		“Pau no cu”	Representações da genitália masculina e do ânus.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

O enunciado “Pau no cu” utiliza um tom agressivo para afirmar poder e humilhar o outro. O grafito combina o uso fálico com a degradação pessoal, utilizando o “cú”/ânus como símbolo de submissão. Essa estrutura discursiva reflete uma dinâmica de violência verbal que se insere na lógica falocêntrica, que promove a cis-heteronormatividade. O substantivo “Pau”, lexicalizado nas práticas discursivas que envolvem o sexo, tem seu sentido deslizado nos moldes da análise dos grafitos A1-03 e A1-07.

O interdiscurso mobilizado aqui dialoga com práticas culturais de homofobia, sabendo-se que a prática do sexo anal é, culturalmente, mais ligada a esfera discursiva homoafetiva/gay, sabendo-se que a masculinidade hegemônica é construída por meio da dominação do outro, seja física ou verbal. O uso de expressões como essa em espaços escolares reflete a perpetuação dessas dinâmicas em um ambiente que deveria ser de aprendizagem e inclusão.

A relação com a cis-heteronormatividade é direta, pois o grafito reafirma normas que centralizam o pênis como símbolo de poder ao passo que relega os sujeitos a papeis muito bem demarcados. Qualquer comportamento associado à passividade ou ao ânus é estigmatizado, reforçando uma hierarquia de gênero e sexualidade que marginaliza identidades LGBTQIA+.

6.2.10 Exemplar B1-16

Quadro 22 – Exemplar B1-16

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-16		“moises viado Filho da puta corno”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

O enunciado “Moisés viado Filho da puta corno”, opera por meio de uma violência verbal que reforça interdiscursos como a misoginia e a homofobia. Esse enunciado não é apenas uma expressão de ofensa direta; ele carrega em si uma carga histórica e cultural que mantém padrões de dominação ao passo em promove que a heterossexualidade compulsória. Nesse contexto, os insultos funcionam como mecanismos para reafirmar papéis de gênero e sexualidade normativos, marginalizando aqueles que se desviam desses padrões.

O uso do adjetivo “viado”, lexicalizado da mesma forma que em exemplares anteriores, torna-se uma ofensa que desqualifica “Moisés” e homens não-heteronormativos por não se conformarem à masculinidade. É como se o homem homossexual ou percebido como tal fosse rebaixado, estabelecendo sua posição de inferioridade dentro de uma lógica heteronormativa. Da mesma forma, o adjetivo “puta”, derivado de “prostituta”, carrega um estigma histórico ligado à submissão feminina. É uma palavra que não apenas desqualifica a mãe do sujeito, mas também reforça a ideia de que sua sexualidade é algo a ser controlado, julgado e desvalorizado. Quando essa expressão é usada no enunciado, o papel da mulher na cultura machista é acionado, relegando-a a uma posição de inferioridade e desprezo.

Ao relacionar o enunciado com discursos proferidos por outras pessoas, verifico a relação com uma fala proferida pela cantora gospel Ana Paula Valadão, durante o ano de 2020. A artista, ao falar sobre a homossexualidade, discursou que “Isso não é normal. Deus criou o homem e a mulher e é assim que nós cremos. A qualquer outra opção sexual é uma escolha do livre-arbítrio do ser humano”, mobilizando sentidos que patologizam a homossexualidade, levando a sexualidade desviante a categorias insultuosas. Ao passo que o enunciado avança, percebe-se sua mobilização interdiscursiva no que concerne à associação da mulher como insulto.

6.2.11 Exemplar B2-01

Quadro 23 – Exemplar B2-01

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B2-01		“ROLA LINDA” (coração) “BRIGADO”	Representaçõ es sexuais da genitália masculina.	Elogioso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

O enunciado “ROLA LINDA (coração) BRIGADO” surge como um exemplo de reverência ao falo em um tom de apreciação, direcionado a outra pessoa. O processo de lexicalização está presente na repetição social deste substantivo que, originalmente, possui significação diferente. O substantivo “rola” remete ao pássaro visto em locais urbanos. Quando associado ao contexto sexual, a palavra sofre um deslocamento de sentido, passando a ser associado à genitália masculina, que aqui ganha uma conotação de elogio.

A interdiscursividade manifesta-se ao dialogar com discursos que exaltam a virilidade e masculinidade, como nos exemplares A1-03, A-14, mas com um viés de reconhecimento, conectando-se a discursos que exaltam a virilidade de outrem, tais como no trecho da música “Wap”, da rapper Cardi B em parceira com Megan Thee Stallion: “Not a garden snake, I need a king cobra”[27]. Ao se inscrever nesse interdiscurso, o grafito promove sentidos que transitam entre o elogio explícito e o humor implícito na combinação do coração e do “brigado”, enquanto registro da interlocução. Percebo, então, que o falocentrismo se manifesta, também, por meio da apreciação entre homens.

6.2.12 Exemplar B3-01

[27] Disponível em https://www.letras.mus.br/cardi-b/wap-feat-meghan-thee-stallion/traducao.html.

Quadro 24 – Exemplar B3-01

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B3-01		"Carlos gosta de dá o cu K."	Degradação pessoal.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

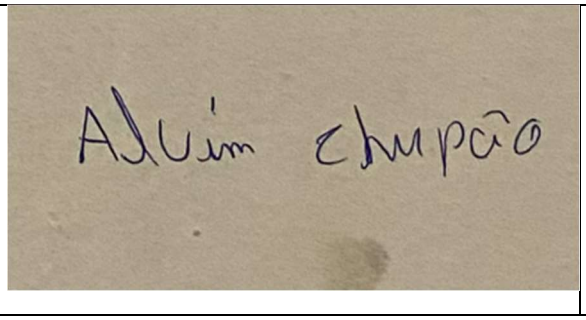
O enunciado aqui visto opera no nível discursivo do insulto à medida que faz uma revelação forçada, que pode ser ou não inventada, fazendo de "Carlos" uma vítima de processos de *bullying* e homofobia. O processo de lexicalização ocorre no uso do objeto indireto "dá o cu" como expressão desqualificadora, reiterando a cis-heteronormativaade que associa a passividade sexual a uma posição de inferioridade.

A interdiscursividade é evidente na referência a discursos que utilizam insultos como forma de controle social e dialoga, também, com o exemplar B1-08, numa prática discursiva violenta ao revelar a sexualidade dissidente como algo negativo. Reconheço, então, uma interdiscursividade que dialoga com normas culturais que hierarquizam masculinidades ao passo que, ao revelarem a sexualidade de outrem, pretendem expô-los à ridicularização. Casos como esse são largamente verificados nas práticas sociais, por meio do ato de "tirar alguém do armário", numa prática que se revela de forma comum nos discursos midiáticos e na esfera estudantil.

6.2.13 Exemplar B3-02

Quadro 25 – Exemplar B3-02

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo

B3-02		“Alvím chupão”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

No exemplar B3-02, notamos o sentido insultuoso à medida que percebemos que as formas de atos sexuais são elevadas à injúria, tendo como alvo o sujeito da oração, de nome “Alvím”. Verifica-se, portanto, que o ato do sexo oral demonstrado no verbo “chupar”, aqui adjetivada, é deslizada para a ofensa pessoal, no sentido de diminuir o sujeito-alvo do discurso, que é colocado em posição de submissão e degradação, o que mantem a relação de superioridade masculina, onde aquele a ser “chupado”, o que deixa o sujeito-alvo utilizar seu falo, é visto como dominador, e aquele que pratica o ato de “chupar”, é visto como dominado.

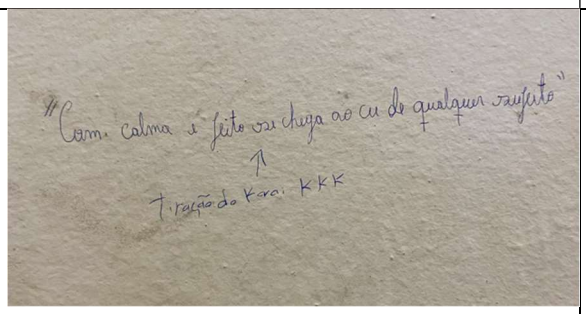
O processo de lexicalização é evidente no uso recorrente do adjetivo “chupão” como um insulto, consolidando sua associação com comportamento submisso ou vulgar. A interdiscursividade emerge ao evocar discursos que perpetuam a marginalização por meio de insultos relacionados à sexualidade, conectando-se a uma cultura sexual que submete as relações homoafetivas ao ridículo ao passo que explora papéis de dominação e submissão. Um caso que dialoga de forma interdiscursiva diz respeito ao modo como internautas se referem ao deputado Nikolas Ferreira ao se referirem a ele de “Chupetinha”[28], numa alusão a um vídeo de uma pessoa muito parecida com ele, que circulou nas redes sociais.

Noto, então, que o interdiscurso se liga a normas cis-heteronormativas que utilizam a linguagem para reforçar hierarquias de poder. No entanto, ao tornar públicos esses discursos no espaço escolar, o grafito também expõe e possibilita a reflexão sobre as dinâmicas opressivas que sustentam tais insultos.

6.2.14 Exemplar B3-03

[28] Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-e-alvo-de-insultos-homofobicos-na-ccj/.

Quadro 26 – Exemplar B3-03

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B3-03		"Com calma e jeito se chega ao cu de qualquer sujeito" "Tiração do karai kkkkk"	Humor, sátira e paródia; degradação pessoal.	Humorístico

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

O enunciado "Com calma e jeito se chega ao cu de qualquer sujeito", combinada com a interlocução "Tiração do karai kkkkk", opera dentro de uma narrativa de humor vulgar que reforça práticas cis-heteronormativas e desvaloriza sexualidades dissidentes, especialmente aquelas associadas à passividade sexual. O uso do humor nesse contexto não é inocente; ao contrário, ele participa de um processo de naturalização de estereótipos, em que práticas sexuais fora do padrão cis-heteronormativo, são transformadas em motivo de ridicularização e submissão.

O enunciado é formado por um predicado verbal em que o núcleo, "se chega", assume posição objetiva a respeito do ato descrito. O complemento "ao cu de qualquer sujeito" é colocado de forma pejorativa: o substantivo "cu", marcado pela informalidade das práticas sociais, tem seu sentido deslizado e associado à passividade, comumente atribuída a indivíduos que são vistos como dissidentes, unindo-se a prática discursiva. Dessa forma, o uso do substantivo "cu" no campo do humor legitima práticas de controle sobre corpos e sexualidades.

A rima no enunciado, além de criar um tom humorístico, reforça a eficácia do discurso ao torná-lo replicável. O humor funciona aqui como um mecanismo que disfarça a violência verbal, tornando aceitável o uso do termo de forma depreciativa. A resposta "Tiração do karai kkkkk", por sua vez, valida o enunciado original ao reproduzir o riso, que atua como um instrumento de adesão à exclusão social.

Ao integrar o interdiscurso de homofobia, o grafito reforça a associação entre passividade sexual e inferioridade, numa relação sustentada pela tradição cultural que desvaloriza a feminilidade e qualquer comportamento que escape ao ideal masculino ativo. Um exemplo que dialoga interdiscursivamente com o exemplar é a fala do

médico e LGBT Fred Nicácio no programa *Big Brother Brasil*, no ano de 2023; na ocasião, ele proferiu a seguinte fala[29]:

> Eu gosto de dar prazer. Socar até os ovos, na cabeça, entendeu? Tudão, até o tal*! Comer c* é uma arte. C* se conquista. Você sente quando tá piscando e pensa “esse vai”. Quando pisca, você pensa 'esse vai perder, é questão de tempo [...] Chega uma hora que a pessoa parece um boneco de pano aí eu apaixono, aí que é bom. Viro, boto de cabeça pra baixo, pé na cara, soco nas costas… aí é massa!

Assim, a linguagem perpetua uma hierarquia de poder que coloca a sexualidade dissidente em uma posição subalterna, enquanto reforça as normas que sustentam práticas cis-heteronormativas e nega a afetividade nas relações, promovendo situações onde a violência é permitida por meio de papéis delineados nas relações homossexuais.

6.2.15 Exemplar B4-01

Quadro 27 – Exemplar B4-01

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B4-01		“Ei mano Belo PAU”	Representações sexuais da genitália masculina.	Elogioso

Fonte: Retirado do arquivo da amostra B.

Verifico, aqui, que o enunciado “Ei mano Belo PAU” é um exemplo de discurso fálico que exalta a masculinidade, em tom de apreciação. O processo de lexicalização está presente no uso repetido do substantivo “pau”, adjetivado como “belo”, como

[29] Disponível em: https://gente.ig.com.br/bbb/2023-02-09/fred-nicacio-choca-sexo-anal-soco-na-costela.html

expressão de valorização, consolidando a associação entre masculinidade e atributos sexuais. A interdiscursividade aqui verificada evoca discursos que exaltam a virilidade masculina, em um viés de camaradagem, como visto nos exemplares A1-03, A-14, B1-02 e B2-01.

Enquanto o enunciado celebra a masculinidade de forma direta, ele também pode ser compreendido enquanto subversão da heterossexualidade compulsória, ao permitir uma expressão aberta de apreciação entre homens. Ao mesmo tempo, o interdiscurso verificado levanta questões sobre o falocentrismo, pois eleva o pênis ao lugar de destaque nas relações.

Ao finalizar a seção de análise dos exemplares, avanço para as considerações e sistematizações acerca dos resultados obtidos.

6.3 Considerações sobre as análises

A partir das análises, trago as recorrências de acordo com o interdiscurso encontrado; cada um deles se conecta a uma característica marcante vinculada às questões de gênero e sexualidade, denotando o modo com o qual esses discursos latrinários mobilizam sentido nas práticas discursivas. Abaixo, elenco os interdiscursos encontrados, assim como as marcas lexicais que demonstram como eles se articulam:

- Interdiscurso de homofobia:

  Utilizam as palavras “viado” e “gay” como insulto, seja como substantivo, seja como adjetivo, presentes nos exemplares A1-04, A1-08, A4-01, B1-05, B1-06, B1-08, B1-10 e B1-16.

  Atribuem de características pejorativas a comportamentos e práticas sexuais ou identidades dissidentes, como nos exemplares A1-05, A1-11 e B3-01.

  Representam o ânus como símbolo de submissão e humilhação, como nos exemplares A1-07, A1-11, A1-12, B1-15, B3-01 e B3-03.

- Interdiscurso de misoginia:

  Reificam o corpo feminino, como nos exemplares A1-06, B1-01, B1-04, B1-07; verifica-se o uso do adjetivo “puta”, para desqualificar mulheres, como no exemplar B1-16.

- Interdiscurso de orgulho masculino e virilidade:

Exaltam o pênis como símbolo de poder e masculinidade hegemônica por meio de substantivos como “pau”, “pica”, “rola” presentes nos exemplares A1-03, A1-07, A1-14, B1-02, B1-10, B2-01 e B4-01.

- Interdiscurso de consumo pornográfico:
  Normalização e acesso irrestrito à pornografia, representada pelos exemplares A1-02, B1-07; narrativas que reproduzem lógicas sexuais criadas na cultura pornográfica, como no exemplar A2-02.

É essa interdiscursividade, que carrega em si o simbolismo de práticas para as quais o banheiro não foi projetado para ter, um fator primordial para que o banheiro seja considerado um lugar heterotópico. Temos, então, um banheiro escolar que funciona para além de sua função, revelando-se como um contradiscurso: uma resposta para esse formato ocidental e colonialista do banheiro cisgênero e uma resposta à escola tradicionalista, que desconsidera todo e qualquer desvio de gênero e sexualidade por meio do silêncio institucional. Sua função de consolida como uma forma eurocentrada de controle de corpos(as)(es) e definição de gêneros. Desprovida de currículos para a diversidade, a escola mantém-se em um formato retrógrado, em uma forma que funciona, tão somente, para tentar preparar discentes para um futuro profissional, muitas vezes de servidão, corroborando com as estruturas básicas do capitalismo, que termina por definir as subjetividades de adolescentes em um contexto discursivo de consumo e produção.

A partir dessas constatações, pude elaborar esta tabela que mostra o quantitativo dos grafitos por interdiscurso, predominando aqueles de teor homofóbico:

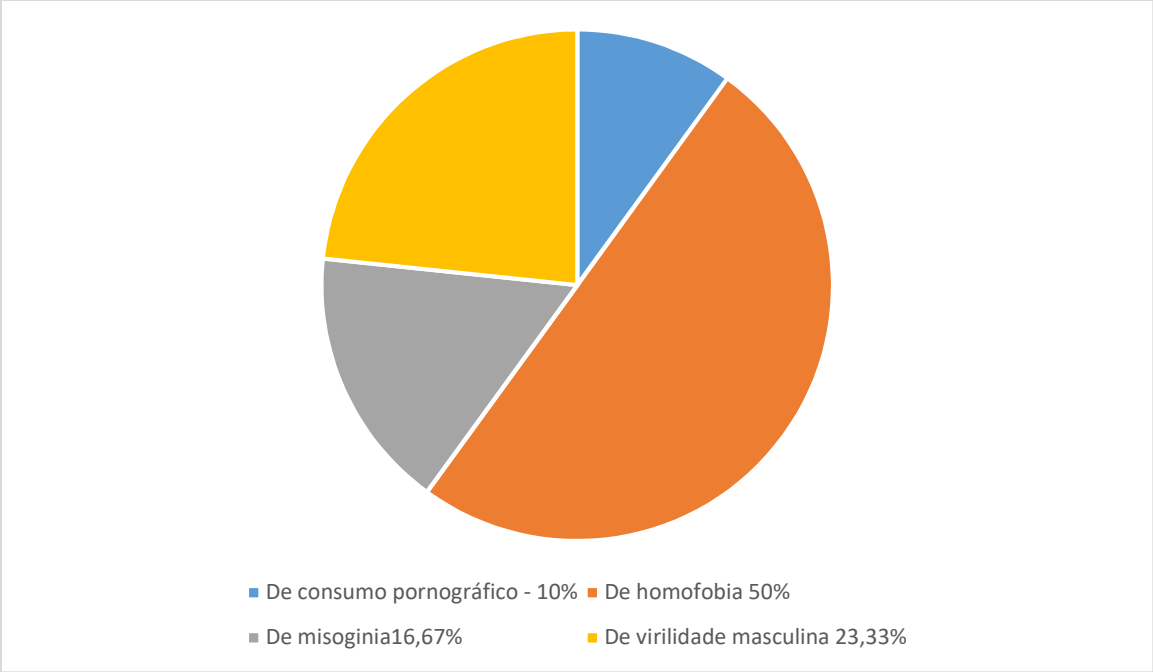
Quadro 1 – Recorrências interdiscursivas nos GL

Interdiscurso	**De consumo pornográfico**	**De homofobia**	**De misoginia**	**De virilidade masculina**
Exemplares	A1-02, A2-02, B1-07.	A1-04, A1-05, A1-07, A1-08, A1-11, A1-12, A4-01, B1-05, B1-06, B1-08, B1-10, B1-16, B3-01, B3-03, B1-15	A1-06, B1-01, B1-04, B1-07, B1-16	A1-03, A1-07, A1-14, B1-02, B1-10, B2-01, B4-01.
Total	3	15	5	7

Fonte: produção própria

Verifico, então, que o número de ocorrências variou, sendo a homofobia o discurso mais recorrente (15 exemplares), seguido da virilidade masculina (7 exemplares), da misoginia (5 exemplares) e, por último, do consumo pornográfico (3 exemplares), evidenciando uma dinâmica social que reforça desigualdades. A partir dos resultados elencados no quadro acima, pude elaborar o seguinte gráfico, que ilustra em percentuais a frequência de cada recorrência:

Gráfico 1 – Recorrências interdiscursivas nos GL



Fonte: Produção própria.

Como modo de análise, também levei em consideração as categorias que levam ao surgimento de grafitos com teor sexual e suas problemáticas em uma perspectiva que coloca a masculinidade hegemônica como *modus operandi* das relações. Dessa forma, pude elencar a seguinte tabela:

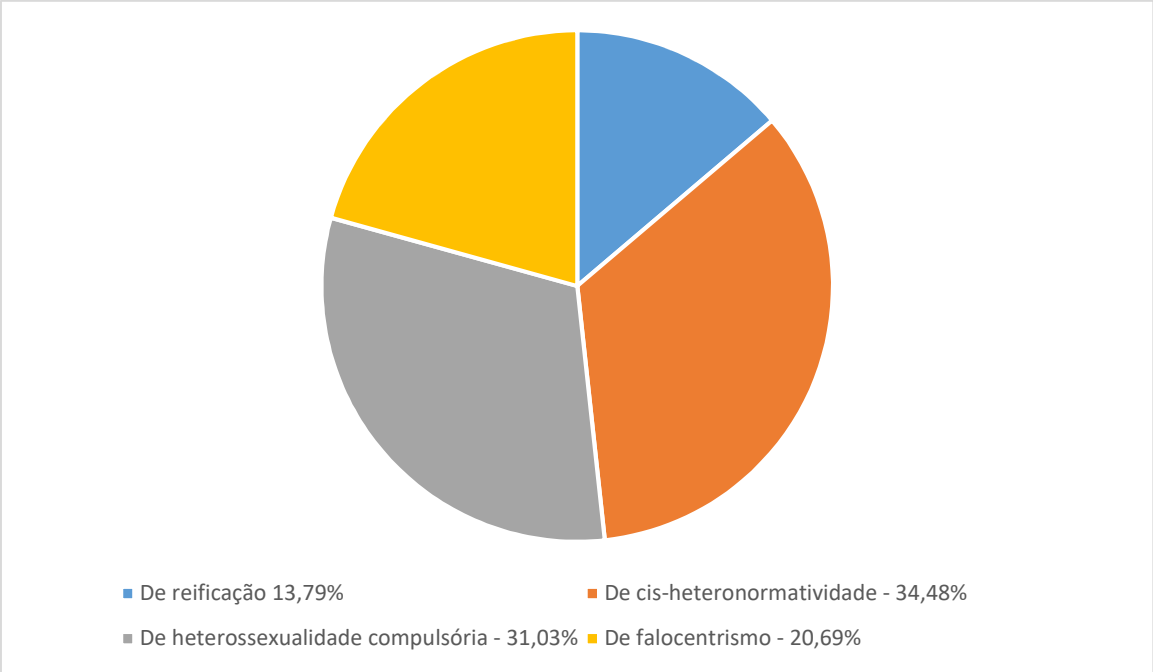
Tabela 2 – Recorrências dos GL nas problemáticas de sexo e gênero

Categorias	**Cis-heteronormatividade**	**Heterossexualidade compulsória**	**Falocentrismo**	**Reificação**
Exemplares	A1-02, A1-05, A1-07, A1-11, A1-12, A2-02, B1-15, B3-01, B3-02, B3-03	A1-04, A1-08, A4-01, B1-04, B1-05, B1-06, B1-07, B1-08, B1-16	A1-03, A1-14, B1-02, B1-10, B2-01, B4-01	A1-06, B1-01, B1-04, B1-07
Total	10	9	6	4

Fonte: produção própria

De acordo com a tabela, foram identificadas quatro categorias principais: cis-heteronormatividade (10 ocorrências), heterossexualidade compulsória (9 ocorrências), falocentrismo (6 ocorrências) e reificação (4 ocorrências), refletindo, assim, os mecanismos pelos quais a masculinidade hegemônica se manifesta, consolidando discursos de padrões normativos de gênero e sexualidade.

Gráfico 2 – Recorrências nas problemáticas de gênero e sexualidade



Fonte: Produção própria.

Ao compilar os interdiscursos, pude relacioná-los às características mais marcantes quando nos voltamos às questões de gênero e sexualidade na escola. Assim, a seguinte tabela foi elaborada, trazendo as características hegemônicas e masculinas que permitem que tais grafitos venham a surgir nos espaços latrínicos:

Tabela 3 – Relações entre interdiscurso e classificações da masculinidade hegemônica

Interdiscurso	**Categorias de sexo e gênero**	**Recorrências**
Consumo pornográfico	Falocentrismo, Reificação	A1-02, A2-02, B1-07, A1-06, B1-01, B1-04, B1-07

Homofobia	Cis-heteronormatividade, Heterossexualidade compulsória	A1-04, A1-05, A1-07, A1-08, A1-11, A1-12, A4-01, B1-05, B1-06, B1-08, B1-10, B1-16, B3-01, B3-03, B1-15, A1-04, A1-08, A4-01, B1-04, B1-05, B1-06, B1-07, B1-08, B1-16
Misoginia	Falocentrismo, Reificação	A1-06, B1-01, B1-04, B1-07, A1-03, A1-14, B1-02, B1-10, B2-01, B4-01
Virilidade masculina	Cis-heteronormatividade, Falocentrismo	A1-03, A1-07, A1-14, B1-02, B1-10, B2-01, B4-01, A1-05, A1-07, A1-11, A1-12, A2-02, B1-15, B3-01, B3-02, B3-03

Fonte: Produção própria.

A partir dos resultados obtidos, pude verificar que as recorrências interdiscursivas de homofobia, misoginia e falocentrismo que, relacionadas, leva-nos a um uso cultural da linguagem que promove a agressão verbal por meio do uso do cis-heteronormatividade, que promove e mantem a masculinidade hegemônica, o que nos traz questões preocupantes, especialmente no contexto escolar. Ao refletir sobre os resultados, pude elencar as seguintes constatações:

- Ambas as amostras apresentam uma quantidade significativa de grafitos com conteúdo homofóbico e de agressão verbal, com a Amostra B mostrando uma maior incidência. Isso implica no fato de que a homofobia é uma questão disseminada nos contextos estudados, que promove um ambiente escolar hostil para indivíduos não-heteronormativos.

- A presença constante de grafitos homofóbicos e misóginos revela como as relações de poder se manifestam em ambiente escolar, numa prática que não apenas reproduz, mas também reforça a marginalização de identidades homossexuais. Tais expressões mobilizam um valor humorístico, de formas direta e indireta, no sentido de que o vulgar e o pervertido podem, culturalmente, gerar riso e o consequente engajamento.

- Em ambas as amostras há uma recorrência significativa do interdiscurso fálico, de virilidade, que exalta a genitália masculina como um símbolo de poder e dominação. No entanto, a Amostra A apresenta menos exemplos (2 em A

contra 3 em B), o que pode indicar uma variação no uso desse discurso entre diferentes contextos escolares.

- A combinação de heterossexualidade compulsória, falocentrismo, reificação e cis-heteronormatividade nos grafitos funciona como uma ferramenta de controle social com a qual adolescentes policiam as normas sociais uns sobre os outros, de forma perniciosa, pois não apenas marginaliza aqueles que divergem das normas estabelecidas, mas também reprime a expressão e a diversidade sexual no ambiente escolar. A promoção do órgão sexual masculino como símbolo de poder é intrinsecamente ligada à cis-heteronormatividade, mantendo padrões de relações, sejam elas heterossexuais ou não, que sigam com os padrões de dominação masculina sobre sujeitos(as)(es) que possuem subjetividades e modos de agir mais ligados ao agir feminino. Assim, qualquer desvio dessa norma, como a homossexualidade, é visto como uma ameaça ao *status quo* e, portanto, precisa ser reprimido. O falocentrismo, ao promover o pênis como símbolo central, também promove a heterossexualidade compulsória, tornando a repressão da homossexualidade uma extensão natural dessa lógica. Esses elementos, em conjunto, funcionam como um mecanismo de manutenção da hegemonia masculina.

- A violência verbal do interdiscurso homofóbico, expressa na desqualificação do outro, frequentemente se traduz em violência real contra pessoas LGBTQIA+. Trata-se de uma expressão de preconceito como consequência estrutural de uma sociedade que valoriza o sujeito viril e desqualifica a sexualidade dissidente.

Destarte, a prevalência de homofobia nos discursos latrinários dos estudantes destaca a necessidade de uma educação que não só ofereça suporte e validação para aqueles que são marginalizados por elas, mas também desafie as normas impostas por uma sociedade que ainda é colonialista e eurocentrada, portanto, é necessário que nos infiltremos na estrutura educacional, levando o legado das lutas dos movimentos de resistência. A mudança cultural dentro das escolas é essencial para garantir que estudantes possam se sentir seguros e valorizados, independentemente de sua identidade de gênero ou inclinações de cunho homoafetivo.

7. CONCLUSÕES FINAIS

Durante toda a pesquisa, friso o caráter revelador da escrita marginal nas escolas. As esferas discursivas são locais de disputa e auto afirmação, no banheiro escolar – e masculino – não é diferente. Numa perspectiva foucaultiana, o discurso não mostra tão somente as lutas, resistências e dominações, mas também simboliza aquilo que queremos nos apoderar. É importantíssimo que nos apoderemos dos discursos que nos representam, mas não numa disputa de poder, e sim numa eterna luta sobre o que é ético e universal, aquilo que se mostra por meio da liberdade de ser quem é, quando aquilo que somos não fere nenhum direito de outrem.

Os resultados aqui verificados mostram não só como o anonimato proporciona a liberdade para a escrita, mas revela que a escola, controlada pelos órgãos normativos como Ministério da Educação, se silencia diante desses registros, enquanto manuscritos que refletem normas sociais impostas pela matriz que estrutura as instituições escolares. É nesse sentido que se faz ausente uma educação que se volte a esses temas de forma libertadora, efetiva e afetiva[30].

A análise das inscrições mostrou que os banheiros escolares, que pretendem ser espaços de neutralidade, de neutro nada possuem: a definição de público mediante a genitália em uso já nos mostra uma intenção clara em separar as pessoas, o que se mostra como uma condição *sine qua non* para que as problemáticas de gênero surjam sob as formas de desejos, angústias, resistências e dissidências. Mais do que um espaço para excreção, o banheiro também é espaço para transgressão das normas, mesmo que esse ato seja ofender e invalidar outrem. Por representar a excreção fisiológica, o banheiro também se torna lugar para excretar aquilo que a sociedade considera ruim, inválido e sujo, especialmente em um mundo onde a masculinidade é utilizada de forma totalmente opressora: esse é o mais simbólico caráter revelador do banheiro masculino.

Nesta pesquisa, não objetivei realizar a comparação das amostras coletadas nas referidas cidades, mas trazer resultados referentes ao estudo destes grafitos de teor sexual dentro do estado de Pernambuco. No entanto, verificou a presença do tom

[30] Quando me refiro à afetividade, reflito sobre a educação como prática afetiva, que reflete sobre o futuro de discentes que se veem diante das vivências vindouras. Não podemos pensar tão somente em formar máquinas que servem ao capitalismo. Discentes, assim como todos (as)(es) nós, possuímos uma vida que segue o fluxo para além das necessidades básicas que giram em torno da produção e do consumo. Se seguirmos a lógica capitalista, nossos(as)(es) corpos(as)(es) servirão, tão somente, a esse propósito.

humorístico mais forte na amostra B. Em contrapartida, na amostra A, o modo com o qual os elaboradores dos grafitos se articularam no uso da linguagem foi bem mais direto e objetivo, revelando que o contexto local influenciou o modo com o qual os alunos se expressaram dentro do ambiente latrínico da escola. Essas constatações aqui colocadas são importantes e podem gerar novos trabalhos, mediante um estudo comparativo, em projetos futuros.

Compreendo que existem produções textuais em ambos os banheiros – masculinos e femininos. Entretanto, a alta incidência dessas inscrições nos banheiros masculinos me chama atenção e evidencia que essa prática é grande parte dos banheiros públicos. Nas instituições escolares a higienização e repressão existem, porém, controlam apenas o efeito, e não a causa, ignorando as complexas relações entre discentes no que cinde às questões de gênero e sexualidade. A repetição de discursos por meio do léxico reforça a violência verbal, tornando a escola um lugar propício ao *bullying*, o que torna o banheiro um forte indicador dessa prática.

É na contradição entre o desejo e a ofensa que se encontra um dos fatores mais importantes desta pesquisa. É aqui que verifico como os grafitos revelam a manifestação de desejos, por vezes, disfarçados de aversão. O que é considerado "certo e errado" encontra na agressividade sua válvula de escape. Assim, o desejo reprimido assume a forma de rejeição: "Se não posso ter normalmente, torno abjeto o meu alvo, porém continuo a querer possuí-lo". Paradoxalmente, aquele que sofre o insulto pode, simultaneamente, ser desejado pelo agressor. Essa dualidade levanta uma questão inquietante: por que o corpo gay – masculino e cis – é frequentemente colocado, ora como insulto, ora como objeto de prazer alheio, mas raramente como algo positivo?

A resposta, talvez, esteja em como o discurso latrínico se apropria das palavras. Os elaboradores de texto poderiam facilmente dizer que "é só uma palavra" ou que "é só uma brincadeira", mascarando o impacto de certos discursos que perpetuam a marginalização. Por outro lado, é possível interpretar esses textos como expressões da pulsão sexual adolescente, do desejo oculto e da vontade de experienciar o "proibido", sem alguma orientação que o situe nas questões de gênero e sexualidade. Contudo, as recorrências interdiscursivas – de virilidade masculina, misóginas e homofóbicas – em tais inscrições refletem a reprodução da norma: é o desejo mal direcionado, é a sexualidade sem orientação, que faz com que as questões

de sexualidade e gênero continuem sendo tabus na escola, podendo se perpetuar em todas as fases de desenvolvimento do ser.

É nesse cenário que o substantivo “gay” se adjetiva, não apenas como um dado de identificação, mas como uma “qualidade desqualificante”. Reduz-se o ser à sua sexualidade percebida, de forma pejorativa – pois dissidente –, mesmo que esta possa não corresponder à realidade. A relação dialógica entre os sujeitos se constitui, majoritariamente, no âmbito da diferença, onde o elaborador constrói uma imagem de si que se comunica diretamente com aqueles grupos sociais hegemônicos, por meio do compartilhamento de ideologias que revelam um conflito de identidade, perpetuando o preconceito e a violência verbal.

Esses grafitos, então, são um contradiscurso dessas vozes silenciadas – no contexto da pesquisa, a do opressor. É na ruptura com o silêncio que o opressor mostra suas inclinações e conflitos, vitimando as pessoas com sexualidade dissidente. Esse silenciamento sobre gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas funciona de forma sistemática, aparentemente proposital, criando algozes – e vítimas –, controlando subjetividades. O silêncio, então, endossa uma cultura de exclusão e invisibilidade que reforça desigualdades e discriminações.

Os grafitos latrinários, então, desmantelam o discurso oficial da escola como um espaço exclusivamente ordenado, denunciando essa não-neutralidade do discurso pedagógico. Em suas paredes, a materialidade do grafito revela o que a instituição busca ocultar, colocando “o dedo na ferida”. Mensagens que falam sobre desejo, violência, identidade e sexualidade confrontam diretamente o ideal de neutralidade da escola: o silêncio institucional não é neutro e o grafito é uma ruptura em um espaço de fala que escapa ao controle institucional. O grafito revela parte de um projeto de controle que busca moldar os(as)(es) corpos(as)(es) e as subjetividades dos alunos dentro de padrões aceitos pela matriz eurocentrada e compulsoriamente heterossexual.

O projeto escolar, nessa abordagem, torna-se uma falha. Ao não orientar discentes, a instituição se isenta de toda sorte de violências e traumas. Desde a criança, que não sabe dizer não ao assediador, passando pela negação de afeto e pelas violências vivenciadas pela comunidade LGBTQIA+, indo de encontro às mulheres, que crescem sendo vítimas de abusos, de gravidez precoce decorrente de estupro, passando pelas epidemias de doenças sexualmente transmissíveis.

Verifico, nesse contexto, a necessidade de olharmos, não só para as relações entre gênero e sexualidade na escola, mas o modo com o qual se configuram os banheiros no formato binário de gênero. Considero, esse formato, a forma com a qual se mantém as diferenças de gênero, tanto que é notória a resistência da sociedade acerca da existência de banheiros para pessoas trans e não-binárias. Nas inquietações desta pesquisa, surge a dúvida: na sociedade patriarcal na qual vivemos, quais interdiscursos circulariam em grafitos derivados de banheiros não-binários? A ausência de agentividade dissidente em banheiros estudantis de escolas públicas me faz pensar na possibilidade de, na ausência do opressor, interdiscursos de resistência poderiam ser mais presentes.

Na impossibilidade da existência desses banheiros dentro do ambiente escolar, vislumbro uma escola que se prepara para tal sob a égide da educação para a diversidade. A ausência da educação para as relações de gênero e sexualidade se mostra como uma agenda compromissada com a exclusão e a marginalização de minorias. Não raro, vemos – e se não nos conscientizarmos, continuaremos vendo – cenas como o recente acontecimento vivenciado na cidade de Recife no dia 02 de ferreiro de 2025, minutos antes de uma partida de futebol entre os times Sport Recife e Santa Cruz. O acontecimento foi noticiado em diversos veículos, inclusive em vários perfis do Instagram[31]:

> Homem portando um pedaço de pau corre ao encontro da torcida organizada rival, em Recife, Pernambuco. O confronto entre as torcidas organizadas do Sport Recife e Santa Cruz causou uma das cenas mais absurdas já vistas nos últimos anos: O conflito se desenrolou em um estupr0 coletivo e esp4nc4ment0 de um homem em plena luz do dia”. O líder da torcida do Sport Recife ficou pra trás durante a briga e teve o 4nus dilacerado por canos e pedaços de pau.

Um caso triste como esse não deve ser encarado como um acontecimento isolado, pois faz parte de uma rede de outros acontecimentos que podem ser facilmente encontrados nos anais dos noticiários e jornais, sendo mais corriqueiro do que se pensa. No entanto esse, em específico, tornou-se notório por acontecer à luz do dia, em um cenário de guerra civil e em uma das cidades na qual a coleta desta pesquisa aconteceu. Ao refletir sobre o caso, verifico que é inevitável a relação entre o discurso e o fato: a violência verbal endossa a – e se alimenta da – violência física e vice-versa.

---

[31] Disponível em https://www.instagram.com/iconografiadahistoriaoficial/p/DFknuPQu0nZ/.

A academia, então, deve se voltar a esses estudos sobre contextos menos prestigiosos, pois eles são uma fonte importante de informações. Temos, então, que desafiar a lógica tradicional, que muitas vezes privilegia temas e objetos considerados “dignos” de investigação. Analisar grafitos é, em si, um gesto de resistência ao elitismo acadêmico, pois eleva à categoria de conhecimento algo que a matriz tenta relegar ao invisível ou ao indesejável. Nesse sentido, a pesquisa não apenas nos mostra os limites do discurso escolar, mas também questiona as próprias bases sobre as quais o saber é produzido e legitimado.

Não observar esses registros é ignorar que a sexualidade já faz parte da vivência do corpo discente. Na falta de orientação, fontes obscuras, como filmes pornográficos, podem ser consultadas, produzindo uma vida sexual precoce, desprovida do conhecimento do próprio corpo: uma pessoa que não é educada sobre a própria sexualidade, corre o risco de ser sexualmente violentada; pode ser alvo de violências psicológicas e de submissão; pode ser contaminada por doenças sexualmente transmissíveis; pode engravidar na infância e adolescência, entre tantas outras situações nocivas para a juventude.

A cis-heteronormatividade, então, impacta diretamente na vida de discentes e, como já frisado, o banheiro emerge como um espaço discursivo singular. Nele, os discursos tabus continuam a circular como ecos do que a sociedade não diz. É ali que a inadequação do que se pode dizer e ser se materializa de maneira caótica e opressora. Vivenciar esse espaço foi, durante o período da pesquisa, lidar com um conjunto de elementos discursivos que modulam identidades e alimentam uma comoção fetichista em torno do que deveria ser natural: existir e respirar liberdade. A inadequação imposta por essa obsessão normativa não só limita vivências, mas também sustenta as violências, reforçando normas que anulam o direito universal de sermos quem somos sem medo, sem julgamentos e sem as ficções ontológicas do que “deveríamos” ser.

Nesse sentido, percebo a importância dos movimentos sociais e da intersecção entre as vivências e subjetividades das pessoas. Na luta LGBTQIAPN+, pessoas trans e não-binárias se mantém na linha de frente dessa batalha, enfrentando a investida conservadora com uma insolência combativa que desvela a fragilidade das normas impostas. Sua luta, tão visceral e urgente, é também a luta de todes nós que nos recusamos a sustentar as ficções coloniais que podaram e atravessaram

nossos(as)(es) corpos(as)(es). Se o privilégio cis-heteronormativo deve ser abolido, é porque ele mata — não apenas pessoas, mas potencialidades, sonhos e futuros.

É na desobediência como forma de atuação que encontramos o devir que nos conduz a vivências sem medo de nos relacionarmos, sem medo de sermos vistos. Que tipo de afetividades e existências poderíamos construir se o colonialismo não tivesse definido nossos(as)(es) corpos(as)(es), nossos desejos e nossos banheiros? Esse é o deslumbre pelo qual devemos lutar: um mundo onde o privilégio seja desmontado e o direito de existir, em toda sua diversidade, seja realmente universal.

Enquanto sujeito gay cisgênero, reconheço que minha experiência é atravessada por elementos do feminino que a sociedade insiste em relegar à abjeção, portanto, é também uma pesquisa que me atravessa enquanto sujeito. Nesse sentido, busco incluir esta pesquisa no *hall* de outros tratados que consideram o modo com o qual as questões da transexualidade, não-binariedade, raciais, econômicas e sociais atravessam a sociedade. Apesar de ter um objeto de pesquisa delimitado, considero que as lutas devem convergir para a universalização dos direitos, em busca de um denominador comum que promova a igualdade. Desafiar a mitologia fálica que estrutura os banheiros — e, por extensão, nossas relações sociais — é questionar a norma, quebrar as correntes a nós impostas, na busca incessante de respirar o alívio de vivermos nossas afetividades sem medo, com liberdade. Assim, reafirmo que a luta por um mundo sem violências de gênero e sexualidade é, acima de tudo, a luta por um futuro em que possamos existir como somos, sem ruídos ou imposições normativas.

Destarte, a pesquisa em seu final destaca a importância da mudança dos paradigmas educacionais. Ao revelar a lógica heteronormativa que fora normalizada no ambiente latrinário da escola, não só verifico o modo como qual discentes se expressam nas paredes dos banheiros no sentido de colocar luz sobre o fenômeno, mas vislumbro o potencial de mudança. Concluo, portanto, que o estudo dos grafitos latrinários não é apenas uma análise de textos efêmeros, mas uma investigação que desmantela os fundamentos de uma lógica institucional que se recusa a reconhecer e debater temas essenciais à formação dos sujeitos, revelando problemáticas, desafiando o silenciamento e apontando para a urgência de uma educação mais inclusiva e transformadora. Trata-se, enfim, de um ato subversivo que dá visibilidade a um tema silenciado, que fica sempre às margens da educação, que escancaram as contradições do modelo educacional atual.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fortes, 2007.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n.1, p. 129-144, nov. 2011.

ALVES, C. E. R.; MOREIRA, M. I. C.; JAYME, J. G.. O binarismo de gênero nas placas de banheiros em espaços públicos. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e228122, 2021.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 7ª ed. São Paulo: Papirus, 1994.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BARBOSA, G. **Grafitos de banheiro: a literatura proibida.** Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1984.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Cortez, 1980.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. Esc. Educ**., v. 11, n. 1, 2007, p. 63 – 76.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____.; PASSERON, J.-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 09 dez 2024.

CADENGUE, A. Prefácio. O Vivencial e eu. In: FIGUEIRÔA, Alexandre; BEZERRA, Cláudio; SALDANHA, Stella Maris. **Transgressão em 3 atos**. Recife: Prefeitura do Recife, 2011. p. 11.

CAMPOS, D.M. de S. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicologia por Dinah Martins de Souza Campos**. 11.ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

CAMPOS, E. C. P. **Do obsceno à cena**. (Monografia) Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2006. Disponível em: https://www.ufjf.br/facom/ ensino/graduacao/projetos-experimentais2/2005-2/ . Acesso em 02 jan. 2025.

CARDOSO, A. R. ZIMMERMANN, T. R**.** Gênero e educação, interfaces com grafitos em uma ambiência escolar: possibilidades de pesquisa**. Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 3, p.47-62, 2019.

_____. _____. Educação sexual, grafitos escolares e subjetividades juvenis. **EDUCERE - Revista da Educação**, Umuarama, v. 20, n. 1, p. 25-53, 2020. Disponível em: https://www.revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/7486/3924 . Acesso em 30 jun. 2023.

CHAUÍ, M. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 23, p. 71–84, jan. 1995. Disponível em https://www.scielo.br/j/ea/a/FKYqvPJSw3ChWVF6dbkBJDv/?lang=pt#. Acesso em 24 mais 2024.

CICCONETTI, J. R. **Banheiros públicos como demarcação de fronteiras identitárias**: experiências de mulheres lésbicas em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-13062019-192150/publico/DissertacaoMestrado_JosefinaCicconetti.pdf. Acesso em: 14 mai. 2023.

CAREGNATO, R. C A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto e contexto: enfermagem,** v. 15, n. 4, out. 2006.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

COSTA, M. A. **Grafitos em carteiras escolares: uma análise textual-discursiva.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, 2022.Disponível em: https://logos.ufape.edu.br/items/ea7bda55-a283-4711-8e2f-7b15be9082b2 . Acesso em 07 mar. 2024.

COSTA, A. A. G. da. Rakushisha: Heterotopias, Não-Lugares e Silêncio. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 351-365, jan./jun., 2014.

DALBOSCO, C. A. Reificação, reconhecimento e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 33–49, jan-2011.

DAMIÃO, N. F.; TEIXEIRA, R. P. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer? **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 2, p. 1-10, 2009. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=22901924801 . Acesso em 30 abr. 2023.

ENDO, T. S. **A pintura rupestre da pré-história e o grafite dos novos tempos**. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação. Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em https://celacc.eca.usp.br/pt-br/celacc-tcc/378/detalhe, acesso em 04 mai 2023.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola. 1971.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: Edicdes, 2013.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: História Breve da Humanidade. Elsinore, 2013.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

IPEA. **Novo Ensino Médio: Argumentos Críticos e a Experiência do Ceará, Goiás e Paraná na Gestão e em Escolas Selecionadas**. Nota Técnica. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12168/1/NT_Disoc_Novo_Ensino_Medio_Public_Preliminar.pdf. Acesso em: 19 jan. 2025.

IRIGARAY, Luce. **An Ethics of Sexual Difference**. Ithaca: Cornell University Press, 1993.

JAPAN TRAVEL. **Japanese Bathhouses: Onsen & Sentō**. Disponível em: https://www.japan.travel/en/uk/inspiration/onsen-sento-japanese-bathhouses/. Acesso em: 4 jan. 2025.

JÚNIOR, A. B.; DOS SANTOS, J. R.; FLORES, B. G. As escritas, o gênero e a distribuição da agência no dispositivo banheiro público da Universidade Federal de Santa Catarina. **Porto das Letras**, v. 9, n. 1, p. 414-437, 2023.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades Fragmentadas: A Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, D. Os Enunciados Aderentes. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 36, n. 3, p. 2020360302, 2020.

_____. **Introdução à Linguística**. Trad. Luísa Baptista. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. tradução de Cecilia P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Gênese dos discursos.** Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Discurso e análise do discurso.** Trad. Sírio Possenti. 1ª ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. **Variações sobre o Ethos.** Trad. Marcos Marcionilo. 1ª ed. São Paulo: Parábola. 2020.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais (parte 2). **DLCV**, João Pessoa, PB, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7435. Acesso em: 15 set. 2024.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, [1950] 2003.

MAGALHÃES, B. R. C.; CAVALCANTE, M. do S. A. de O. **História, consciente e inconsciente: o sujeito na Análise do Discurso**. Leitura, Maceió, n. 40, p. 131-144, jul./dez. 2007.

MELO, I. F. **Linguística Queer.** Campinas: Pontes Editores, 2024.

MINAYO, M. C. de S.. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S.; DELANDES, S. F.; G., R. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 9 - 29.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. de S.; DELANDES, S. F.; G., R. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 61 - 77.

NUNES, A. R.; PAULINO, A. G.. O banheiro da escola: as contradições de ambientes de proibições, experiências e descobertas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384191625_ARQUIVO_AlexRibeiroNunes.pdf. Acesso em: 10 mai. 2023.

ODALIA, N. **O que é violência.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, M. H. P. **Diálogos entre a Educação e a Psicanálise:** a relação professor e aluno adolescente. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

ORLANDI, E. P**. Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **As Formas do Silêncio: No movimento dos Sentidos.** 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PAULUK, M. Um novo olhar sobre a escrita: a contribuição das ciências cognitivas e da semiótica para o desenvolvimento de uma ciência da escrita. **Ciências & Cognição**, v. 2, 2004.

PÊCHEUX, M. **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

PEREIRA, J. N. Breve História do falo: Os primórdios do órgão sexual masculino. **Revista Sauda.** 2017. Disponível em: https://www.revistasauda.pt/noticias/Pages/Breve-Historia-do-falo.aspx. Acesso em 03 jan 2025.

POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso.** São Paulo: Parábola, 2018.

TEIXEIRA, A. B. M.; RAPOSO, A. E. S. S. Banheiros escolares promotores de diferenças de gênero. GT Gênero, Sexualidade e Educação**. Anais da 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.** Minas Gerais: Caxambu, 2007. Disponível em: http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3472--Int.pdf. Acesso em 16 mai. 2023.

SILVA, J. E. da. A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS. **Anais do V Seminário internacional Enlaçando Sexualidades 10 anos**. Editora Realize. 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA16_ID1074_10082017162759.pdf. Acesso em 15 jun. 2023.

SILVEIRA, N. L. D. da. **Psicologia Educacional**: desenvolvimento e aprendizagem. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. 8. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SOARES, F. de F. Grafitos de banheiro: aproximações iniciais dos discursos masculinos sobre sexualidade. In: ISHII, R. A., LUCKNER, J. M. (Orgs). **Letramentos e práticas de ensino**. Rio Branco: Nepan Editora, 2020, p. 186 – 196). Disponível em https://drive.google.com/file/d/1pTV5hQF0ZXMtYVSH0oLDIh69bEpOCAf5/view . Acesso em 20 jun. 2023.

SOUZA, S.C. A.; ALMEIDA, J. A., OLIVEIRA, J. R. de, VIANA, H. B. A comunicação não verbal como expressão emocional no adolescente. In: **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, v. 17, n. 175, Dez. 2012.

VILAR, L. Uma história sobre o banheiro. In: **seguindopassosdahistoria.blogspot.com**. 2020. Disponível em:

https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2020/01/uma-historia-sobre-o-banheiro.html?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em 19 dez. 2024.

VILELA, J. D. V. **Um estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma escola pública: análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) Faculdade de Ciências e Letras (campus Araraquara) - Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 2017. Disponível em https://repositorio.unesp.br/items/fd476b6d-05c2-4f24-915d-6e1c98fd9758. Acesso em 19 jun. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais** (pp. 116 - 142). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

WARMILING, V. **Teoria Queer e Críticas Contemporâneas.** São Paulo: Editora Universitária, 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PROGEL UFRPE

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Prezado(a) Senhor(a), _____, gestor(a) da Escola _____.

Solicitamos autorização para realização de uma pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Mestrado, modalidade dissertação, do acadêmico Melk Andrade Costa, orientado pelo Professor Doutor Iran Ferreira Melo, tendo como título preliminar *Entre paredes e palavras: os discursos latrinários verificados em escolas do ensino médio*.

O Objetivo Geral da pesquisa é: analisar as representações de gênero e sexualidade em grafites de banheiros masculinos de escolas de ensino médio, com foco na reflexão sobre o teor discursivo que sustenta os preconceitos contra a comunidade LGBTQIA+. Os objetivos específicos são: refletir sobre o banheiro masculino e sua cultura; investigar a escrita latrinária e suas estratégias discursivas; analisar, discursivamente, os textos coletados de modo a traçar perfis do corpo discente e suas problemáticas.

A coleta de dados será feita por meio de registros fotográficos, realizados por meio da câmera do *smartphone*.

A presente atividade é requisito para a conclusão do Curso de pós-graduação stricto sensu em Estudos da Linguagem (PROGEL) pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – Campus Sede.

Asseguramos que o nome da instituição não será revelado na publicação das informações, caso a empresa faça a opção pelo anonimato.

Agradecemos a atenção e nos colocamos ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

Recife-PE, _____ de _____ de 2024.

_____ _____

Acadêmico(a) Professor(a) Orientador(a)

Deferido ( ) ( ) Com anonimato ( ) Sem anonimato Indeferido ( )

_____

Representante da empresa concedente da pesquisa

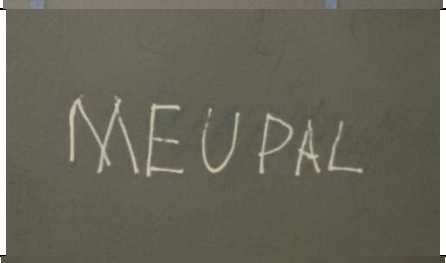
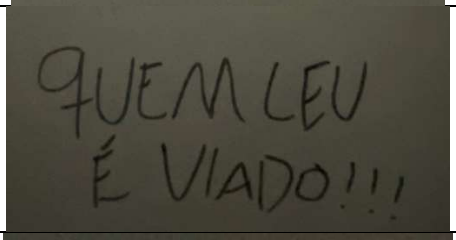
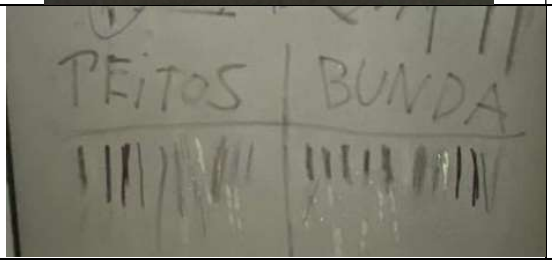
Assinatura e carimbo

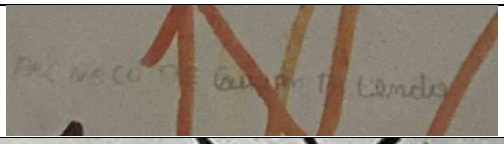
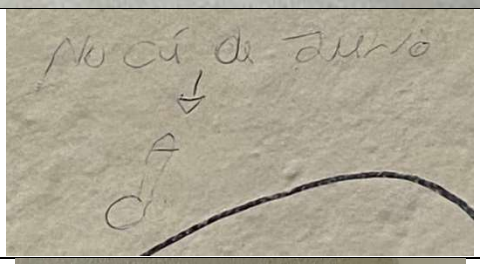
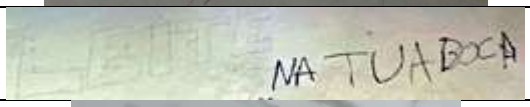
APÊNDICE B – AMOSTRA A

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
Disciplina: Trabalho de conclusão de curso – Dissertação
Professor: Dr. Iran Ferreira Melo
Discente: Melk Andrade Costa

Projeto de pesquisa *Entre paredes e palavras: os discursos latrinários verificados em escolas do Ensino Médio.*

Amostra A – Escolas de Recife – 12 exemplares

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
A1 -02		"XVIdeo.com"	Propaganda sexual	Convidativo
A1 -03		"MEU PAL"	Representações sexuais da genitália masculina.	Elogioso
A1 -04		"qUEM LEU É VIADO!!!	Expressões homofóbicas.	Insultuoso
A1 -05		"VSFD" Abreviatura para "Vá se foder"	Degradação pessoal.	Insultuoso
A1 -06		"PEITOS | BUNDA IIIIIIIIII | IIIIIIIII" Os traços são referentes à contagem.	Reificação e sexualização feminina.	Insultuoso

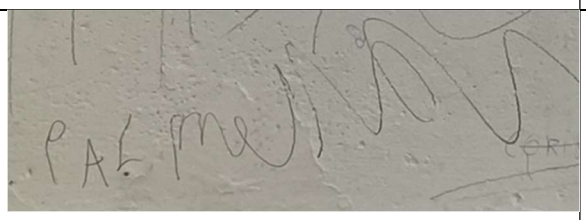
A1 -07		“PAU NO CU DE Quem TA Lendo”	Degradação pessoal.	Insultuoso
A1 -08		“QUEM LEU VIADO”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso
A1 -11		“NO CÚ DE JULIO” Seta apontando para um desenho de pênis ereto com testículo.	Expressões homofóbicas.	Insultuoso
A1 -12		“QUEM LER QUERO O CÚ”	Degradação pessoal.	Insultuoso
A1 -14		‘MINHA ROLA”	Representações sexuais da genitália masculina.	Elogioso
A2 -02		“LEITE NA TUA BOCA”	Degradação pessoal.	Insultuoso
A4 -01		“TU É GAY” Desenho de *emoji* sorrindo, exprimindo alegria.	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

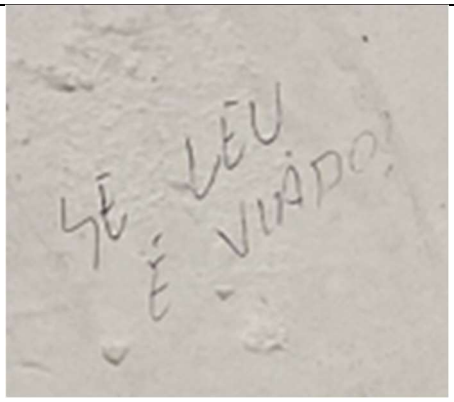
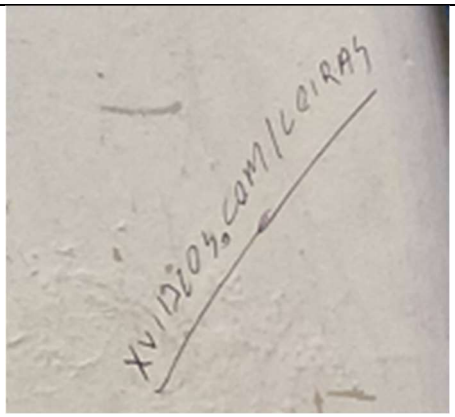
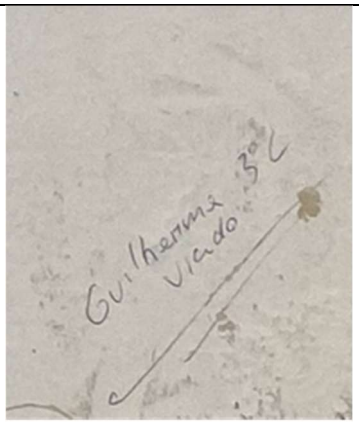
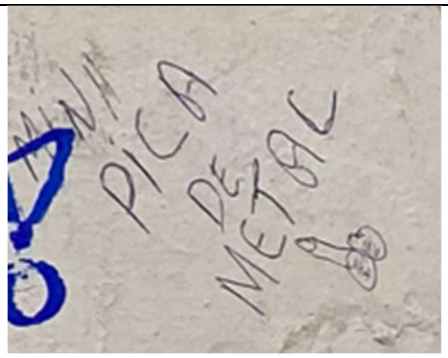
APÊNDICE C – AMOSTRA B

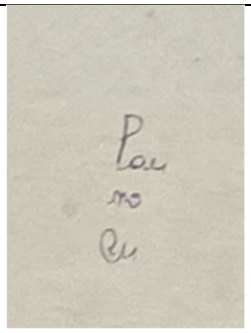
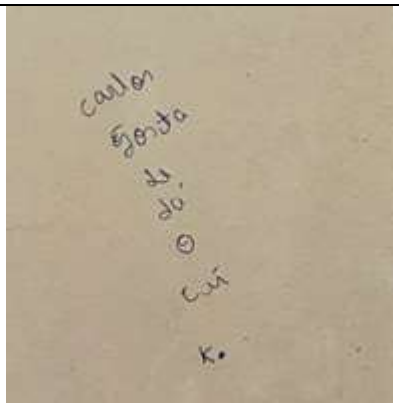
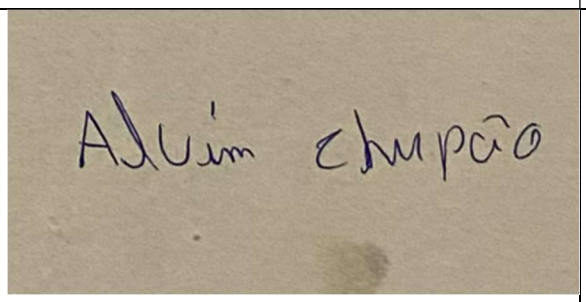
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem
Disciplina: Trabalho de conclusão de curso – Dissertação
Professor: Dr. Iran Ferreira Melo
Discente: Melk Andrade Costa

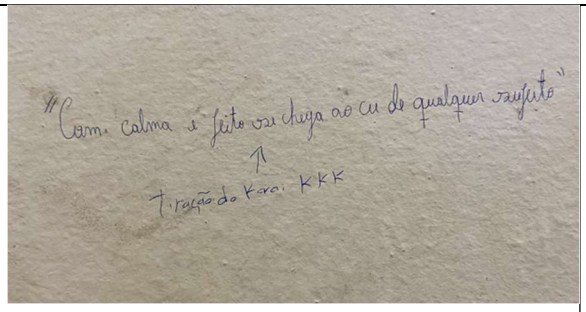
Projeto de pesquisa *Entre paredes e palavras: os discursos latrinários verificados em escolas do Ensino Médio.*

Amostra B – Escolas de Garanhuns

Nº	Exemplar	Transcrição e descrição	Função comunicativa	Efeito comunicativo
B1-01		"A TABACA DE ISABEL"	Reificação	Insultuoso
B1-02		"PAL MELHOR"	Representações da genitália masculina.	Elogioso
B1-04		"A TABACA DE KATIANE"	Reificação	Insultuoso
B1-05		"GAY" Símbolo fálico – pênis e testículos	Expressões homofóbicas; Representações da genitália masculina.	Insultuoso

B1-06		“SE LEU É VIADO!”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso
B1-07		“XVIDEOS.COM/LOIRAS”	Reificação.	Convidativo
B1-08		“Guilherme 3º C viado”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso
B1-10		“MINHA PICA DE METAL” Símbolo fálico.	Representações da genitália masculina; representações da genitália masculina.	Elogioso

B1-15		“Pau no cu”	Representações da genitália masculina.	Insultuoso
B1-16		“moises viado Filho da puta corno”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso
B2-01		“ROLA LINDA” (coração) “BRIGADO”	Representações sexuais da genitália masculina.	Elogioso
B3-01		“Carlos gosta de dá o cu K.”	Degradação pessoal.	Insultuoso
B3-02		“Alvím chupão”	Expressões homofóbicas.	Insultuoso

B3-03		"Com calma e jeito se chega ao cu de qualquer sujeito" "Tiração do karai kkkkk"	Humor, sátira e paródia; degradação pessoal.	Humorístico e insultuoso
B4-01		"Ei mano Belo PAU"	Representações sexuais da genitália masculina.	Elogioso